

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA**



***'POR DEZ VACAS COM CRIA EU NÃO TROCO MEU CACHORRO'***  
**AS RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E CÃES NAS ATIVIDADES PASTORIS**  
**DO PAMPA BRASILEIRO**

Dissertação

**Eric Silveira Batista Barreto**

**Pelotas**

**Maior, 2015**

**ERIC SILVEIRA BATISTA BARRETO**

***'POR DEZ VACAS COM CRIA EU NÃO TROCO MEU CACHORRO'***

**AS RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E CÃES NAS ATIVIDADES PASTORIS  
DO PAMPA BRASILEIRO**

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Maria Silva Rieth

Dissertação de mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Antropologia do  
Instituto de Ciências Humanas da  
Universidade Federal de Pelotas,  
como requisito parcial à obtenção  
do título de mestre.

Pelotas

Maio 2015

Dados de Catalogação na Publicação

Kênia Moreira Bernini – CRB-10/920

B533p. Barreto, Eric Silveira Batista

Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro / Eric Silveira Batista Barreto; Orientadora: Flávia Maria Silva Rieth.– Pelotas, 2015.

130 f., il.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Natureza-cultura. 2. Humanidade-animalidade. 3. Domesticação. I. Rieth, Flávia Maria Silva, orient. II. Título.

CDD 307.72

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Claudia Turra Magni (UFPEL)

---

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR)

---

Profa. Dra. Flavia Maria Silva Rieth. (Orientadora)

---

Prof. Dr. Francisco Pereira Neto (UFPEL)

Pelotas, 26 de maio de 2015

## **AGRADECIMENTOS**

Ao realizar este trabalho, ficou bastante claro para mim o quão interdependentes somos em todas as nossas realizações cotidianas. Ao formular os agradecimentos recordei as incontáveis ajudas valiosas que tive em diversos momentos, muitas de pessoas desconhecidas, mas que sem as quais este trabalho teria ficado incompleto. Foram tantas caronas, dicas e conversas, em tantos momentos e locais diferentes, que por mais abrangentes que fossem meus agradecimentos, pecariam em excesso pelas omissões indevidas. Assim sendo, emito um agradecimento geral, ainda que soe como algo frio pela impessoalidade. Refleti que, ao fim e ao cabo, os essenciais incentivos de familiares e amigos, colegas e professores, encontram sua complementaridade nas muitas portas que se abriram em casas onde eu era estranho, nas muitas mãos que conduziram minha vida por estradas de chão e asfalto, na inestimável boa vontade de quem não tinha nenhum vínculo ou obrigação comigo. A razão de ser deste trabalho é coletiva, e o agradecimento também o é.

*Ele puxô do revólver  
mas tava perto demais.  
Antes que a bala saísse,  
cortei ele prá matá.  
Foi assim, bem direitinho.  
Não tô aqui prá menti.  
É verdade qu'eu fugi  
mas depois me apresentei.  
Me julgaram e condenaram  
mas o pior que assassino,  
foi dizerem que o motivo  
era pouco prá o que fiz...*

*Que diacho! Eu gostava do meu cusco.  
Bicho não tem alma, eu sei bem.  
Mas será que vivente tem?*

*Alcy Cheuiche*

## RESUMO

BARRETO, Eric Silveira Batista. **Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro**: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro. 2015. n. 116 de páginas. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

Este trabalho busca contemplar as relações entre seres humanos e cães a partir do panorama de pecuária, notadamente a familiar, na Metade Sul do Rio Grande do Sul, com foco no município de Piratini. Analiso o emprego de cães de pastoreio no manejo de gado bovino e ovino e a visão das pessoas sobre o auxílio prestado por esses animais. O cão aparece como um campeiro e há todo um conjunto de expectativas e entendimentos em torno do considerado desejável para este companheiro de trabalho. Como desdobramento, o presente texto acompanha o processo de consolidação racial de um tipo de cão comum da região, conhecido por Ovelheiro Gaúcho. Tento observar como as atividades de cinofilia em torno da raça adquirem o caráter de ativismo cultural, a partir da visão dos interlocutores sobre tradição e resgate cultural.

**Palavras-chave:** natureza-cultura; humanidade-animalidade; domesticação.

## ABSTRACT

BARRETO, Eric Silveira Batista. **Not even by ten pregnant cows I would trade my dog**: the relationship between humans and dogs in the livestock activities of the Brazilian pampa. 2015. n. 116 pages. Dissertation (Master in Anthropology) - Program of Graduate Studies in Anthropology, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2015.

This paper aims to contemplate the relationship between humans and dogs from livestock panorama, notably the family one, in the southern part of Rio Grande do Sul, focused in the city of Piratini. I analyze the use of herding dogs on cattle and sheep handling and the vision of the people about the aid provided by these animals. The dog appears as a rural worker and there is a whole set of expectations and understandings around the considered desirable for him. As an outcome, this text describes the consolidation of a common type of breed dog in the region, known as Ovelheiro Gaucho. I try to observe how a dog-breeding activity acquires a cultural activism character, from a view of the interlocutors about their tradition and cultural revival.

**Keywords:** nature-culture; humanity-animality; domestication.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>09</b>
1.1 – CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA .....	<b>09</b>
1.2 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PRELIMINARES .....	<b>19</b>
1.3 – LIGEIRAS CONSIDERAÇÕES CONTEXTUAIS DE CARÁTER HISTÓRICO GEOGRÁFICO .....	<b>30</b>
<b>2. ESSE CACHORRO SABIA TUDO, TINHA MUITAS PESSOAS QUE PERDIAM NA INTELIGÊNCIA PRA ELE. RELAÇÃO HUMANO / NÃO- HUMANO NO PAMPA</b> .....	<b>37</b>
2.1 – O OVELHEIRO GAÚCHO NA LIDA CAMPEIRA.....	<b>44</b>
<b>3. A GENTE SEMPRE ACREDITA NOS NOSSOS CACHORROS. ENTRE O CAMPO E A CIDADE, O TRABALHO E A COMPANHIA</b> .....	<b>71</b>
3.1- <i>ELES NÃO TEM QUE FAZER ISSO</i> .....	<b>78</b>
3.2 - <i>TEM ANIMAL QUE É BANDIDO, AÍ O ÚNICO JEITO É MATAR</i> ..	<b>85</b>
<b>4. TEM QUE SER PURO, SE COMEÇA A CRUZAR SAI UNS CACHORRO MAU. A CAUSA OVELHEIRA E A REIVINDICAÇÃO DE TRADIÇÃO</b> .....	<b>95</b>
4.1 – CORRER NO CAMPO, DESFILAR NA PISTA: O CIRCUITO DAS EXPOSIÇÕES .....	<b>113</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: HUMANIDADE E ANIMALIDADE</b> .....	<b>122</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>127</b>

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 – CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Possuo uma trajetória acadêmica entre áreas: comecei o ensino superior cursando Medicina Veterinária, na Universidade Federal de Pelotas, em 2004. Três anos depois, ainda inadaptado ao curso e buscando novos horizontes, ingressei na licenciatura em Filosofia pela mesma instituição, e pelos dois anos seguintes permaneci com as duas matrículas. Por fim, desisti da primeira faculdade para me dedicar totalmente às ciências humanas. Tornou-se claro que o que me atraía nos animais era uma dimensão mais reflexiva, teórica e afetiva. A rotina como veterinário, caso prosseguisse no curso, me impediria de lidar com os animais da perspectiva que realmente me interessava. À época não tinha ideia de que voltaria a trabalhar com os animais, dessa vez como integrante do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPel.

O começo de tudo foi um tanto fortuito, com acontecimentos espaçados. Em 2006 criei um blog, hoje extinto, com imagens antigas do Cone Sul, em especial do Rio Grande do Sul. A frase de abertura era “A ancestralidade do gaúcho se dispersa no tempo e na geografia.” A proposta era expor essa dispersão, e nas fotos publicadas havia desde imagens de ameríndios e imigrantes europeus até sul-rio-grandenses na campanha de Canudos e na Guerra do Paraguai. Apesar de pouco tempo ter transcorrido de lá até aqui, a facilidade para obter esse tipo de imagem se tornou imensamente maior hoje em dia, o que aos poucos fez com que eu abandonasse o blog. Contudo, ele seguiu no ar por um bom tempo. Uma das fotos postadas foi de meu falecido avô paterno, onde ele aparece a cavalo junto a dois cães do tipo que, na Campanha do Rio Grande do Sul, é comumente denominado “ovelheiro”.



Acima, a imagem que me colocou em contato com os criadores de Ovelheiro Gaúcho, tirada na localidade da Ferraria, Dom Pedrito, RS, na década de 1950. O ano exato e a autoria não estão determinados. Em 2010 recebi um e-mail por causa dessa foto. Fui contatado por Élen Nunes Garcia, que junto a seu marido, Eduardo José Ely e Silva, realizava um esforço no sentido de tornar o ovelheiro gaúcho uma raça canina plenamente reconhecida pelas entidades cinológicas internacionais. São essas entidades as que regulam a criação canina pelo mundo, promovem exposições, articulam redes de criadores e atestam pureza racial. Conversamos, e ao mesmo tempo em que me explicavam o interesse na foto acima, comentavam a respeito dos cães ovelheiros. Élen é professora adjunta da UFPel, atuando no curso de Agronomia. Possui graduação em Engenharia Agrônômica por essa instituição, mestrado em Zootecnia e doutorado em Botânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Eduardo também é engenheiro agrônomo, com doutorado em Biologia Animal pela UFRGS, e é curador do museu entomológico Ceslau Biezanko, da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, UFPel.

A palavra “ovelheiro” é bastante genérica, sendo a designação de diversas raças utilizadas no pastoreio de ovelhas, e se aproxima dos termos “cão-pastor” e *sheepdog* em inglês. O tipo racial que se conformou na região

do Bioma Pampa<sup>1</sup> brasileiro, abrangendo também o vizinho Uruguai, popularmente foi designado simplesmente como ovelheiro, e a sistematização desse tipo como raça, dentro dos critérios da cinologia (do estudo dos cães) adotou o nome oficial de Ovelheiro Gaúcho<sup>2</sup>.

O termo *gaúcho* é polissêmico e, por vezes, controverso. São muito numerosos os livros e artigos que tratam da origem do termo e de suas modificações de significado. O que é importante esclarecer aqui é que para nossos interlocutores a palavra é aplicada ao homem trabalhador da pecuária sulina, muito mais do que como gentílico. É quase sinônimo de campeiro ou vaqueiro, sendo termo ligado ao imaginário gauchesco. O *gaúcho* é figura cultuada por associações e entidades diversas, não raro com profundas discordâncias entre si. Dentro desse amálgama de visões e objetivos distintos, há em comum o consenso quanto a alguns elementos que compõe este homem dos pampas sulinos: o cavalo e o chimarrão. A indumentária é variável de acordo com a época e o lugar, e os elementos subjetivos que comporiam o caráter desse *gaúcho* não são constantes ou pontos pacíficos. Há tanto a evocação de virtudes morais como hospitalidade, honra e sinceridade, com profundo senso de respeito hierárquico, como exaltações ao caráter rebelde e indomável deste personagem. Assim, o cavalo e o chimarrão mostram-se como os componentes por excelência, indiscutíveis, do culto regionalista. O que a Associação dos Criadores de Ovelheiro Gaúcho propõe é que se agregue o cão como outro componente da figura tradicional, em uma espécie de ativismo cultural em prol da valorização do Ovelheiro, não somente como raça canina, mas como companheiro do *gaúcho*.

Élen Garcia me explicou que buscavam o reconhecimento internacional da raça, e por isso deveriam atender a uma série de critérios exigidos pela F.C.I., a Federação Cinológica Internacional, entidade máxima da área. Um deles era a prova documental de antiguidade, pois há a crença de que o

---

<sup>1</sup> Região plana de vegetação aberta e de pequeno porte, que se estende do sul do Brasil até a Argentina e o Uruguai, com condições naturais que favorecem a pecuária, uma de suas atividades econômicas tradicionais. (PAMPA. In: *Atlas National Geographic: Dicionário Geográfico*, v. 24, p.19. São Paulo: Abril, 2008.)

<sup>2</sup> Quando escrever apenas *Ovelheiro*, com inicial maiúscula, estarei fazendo referência ao Ovelheiro Gaúcho.

ovelheiro gaúcho nada mais é do que um mestiço, ou de Pastor Alemão ou de Rough Collie e/ou Border Collie, estas últimas duas raças originárias da Grã-Bretanha e semelhantes morfologicamente. O atestado de antiguidade não é uma condição *sine qua non* para o reconhecimento racial - há raças desenvolvidas há pouco tempo, assim como há tipos caninos seculares, mas que não são reconhecidos como raça por faltar um padrão consolidado. A outros critérios da FCI o Ovelheiro atende com segurança, pelo menos desde o ano de 2001: número mínimo de oito linhas de sangue e plantel mínimo de mais de mil exemplares.<sup>3</sup> Assim, tal atestado de tempo serviria para a desambiguação entre o Ovelheiro e um mestiço recente. Paralelamente, é um reforço a mais no sentido do almejado reconhecimento da raça como patrimônio cultural, como veremos ao longo deste trabalho. O conhecimento, através de relatos avoengos, da longínqua presença de Ovelheiros na região, muito antes da introdução das outras raças supracitadas, bem como o conhecimento biológico e zootécnico de diferenças físicas e comportamentais, levaram Eduardo e Élen a buscar comprovar a autenticidade racial dos animais em questão. Não sei a data precisa da foto de meu avô, mas é da década de 1950. Quando fui contatado, era o registro fotográfico mais antigo desses animais, e já serviria para descartar a hipótese que os reduzia a mestiços de cães recentemente introduzidos. Me foi solicitada, e autorizei de bom grado, a utilização da imagem pela Associação dos Criadores de Ovelheiro Gaúcho (ACOG). Posteriormente, suas pesquisas encontraram fotografias mais antigas, sendo a recordista datada de 1915.



---

<sup>3</sup> BRASIL: Novas raças avançam. *Cães & Cia.*, São Paulo: Fórix Editora, n. 267, ago. 2001, p. 26.

Acima, Pedro Silveira na sua Estância da Barra, Município de Santa Vitória do Palmar, RS, com seu casal de ovelheiros. Foto de 1921 da revista “A Estância”. Produzo e apresento, desde 2005, um programa de rádio na emissora da Universidade Federal de Pelotas, a Federal FM 107,9, em caráter voluntário, juntamente com Bruno Donato. O programa chama-se Grito Pampeano, e nesse espaço radiofônico divulgamos obras do cancionário popular do Cone Sul. Eventualmente recebemos colaboradores, que falam sobre assuntos diversos, desde que relacionados de alguma maneira à proposta de cultura do Cone Sul, em sentido amplo. A ideia de proceder a uma pesquisa antropológica da relação entre seres humanos e cães no âmbito rural começou na livraria onde trabalho, em uma manhã de outono. Um rapaz entrou na loja com seu pai, perguntando se me chamava Eric. Apresentou-se como estudante de veterinária e meu ouvinte. Conversamos bastante sobre vários assuntos e sua participação na ACOG. O rapaz, que logo se tornaria meu maior colaborador na pesquisa, chama-se Felipe, e reside em Pelotas. Felipe comentou sobre a situação do Ovelheiro Gaúcho e sobre seu canil, chamado Muuripá, localizado na propriedade rural da família, em Piratini, RS. Relatou como foi a eleição do nome, que denomina a uma estirpe de guerreiros Guarani, significando algo como venturoso, dotado de sorte. Aquilo me soou significativo: o nome de um canil dedicado a uma raça tradicional, um nome que busca remeter a uma tradição, mas que demandou pesquisa, não sendo colhido da boca do povo. Foi um recurso à história, uma referência a algo visto como fundamental e basilar, estreitamente ligado à visão de formação do Rio Grande do Sul – guerreiros indígenas.

Me veio à lembrança uma das frases de apresentação do *site* do Ovelheiro Gaúcho, assinada por Élen Nunes Garcia:

O Ovelheiro Gaúcho é um cachorro de raça que é o símbolo do campeiro do Rio Grande do Sul. Todo bom campeiro deseja ter um bom Ovelheiro Gaúcho, que por vezes até faz todo o serviço sozinho, e ainda é um companheiro nas horas de descanso e o alerta quando há perigo. Não importa suas condições financeiras ou o tamanho da sua propriedade rural ou se está radicado na cidade, sempre terá seu bom cachorro Ovelheiro Gaúcho. (<http://ovelheirogaucho.com>)

Percebi que poucas coisas são tão humanas como uma raça de animal doméstico. A seleção de determinadas características, atendendo aos interesses estéticos e funcionais das pessoas, a identificação decorrente, a ruptura simbólica com o selvagem - animal doméstico é, por definição, diferente do selvagem. Ao se romper com o selvagem, rompe-se de certa forma com o não-humano. Ao trazer um animal para o âmbito doméstico, humaniza-se ele, em relação ao seu análogo não domesticado. A partir dessas reflexões, que coincidiram com meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, elegi isto como objeto de pesquisa. A relação entre seres humanos e cães no âmbito rural e a formalização do Ovelheiro Gaúcho enquanto raça.

Os conceitos *domesticação* e *raça* são, portanto, muito caros a esta pesquisa, e precisei delimitar meu entendimento sobre eles, dentro da multiplicidade de autores que os abordam. Philippe Descola (2002) define domesticação como um processo de objetivação de uma relação técnica, que se manifesta na externalização de propriedades ou de funções físicas e psíquicas humanas. Como condição dessa objetivação, o autor sugere que ela existe anteriormente, de forma imanente, como um esquema elementar da práxis.

Ao contrário do porco na Nova Guiné ou do gado na África, objetos de uma transferência metonímica tornando-os aptos a exprimir as qualidades e as aspirações daquele que os possui, e suscetíveis em consequência de servir de substituto aos homens nas trocas (compensações matrimoniais ou indenização de um homicídio), os animais passíveis de ser caçados na América do Sul tropical são pensados apenas como o sujeito independente e coletivo de uma relação contratual com os homens. A relação com o animal é assim aí definida por aquilo que eu chamei, em outro lugar, de um “sistema anímico”, ou seja, uma inversão simétrica de classificações totêmicas: enquanto essas últimas usam relações diferenciais entre as espécies naturais impondo uma ordem conceitual à segmentação social, os sistemas anímicos empregam as categorias elementares, estruturando a vida social para pensar as relações entre os homens e as espécies naturais. A recusa da técnica de domesticação na América do Sul não-andina é pois menos o produto de uma escolha

consciente que teria sido independentemente efetuada por milhares de culturas do que o efeito de uma impossibilidade – necessariamente conjuntural, mas de muito longa duração – de transformar profundamente seu modelo de relação com o animal selvagem e, mais geralmente, com a natureza. (DESCOLA, 2002, p. 106-107).

Para Descola, a domesticação é a manifestação de uma relação psíquica anterior com o ser domesticado. Isso explicaria a não-domesticação animal na América do Sul não-andina, já que nessa região a relação com os seres semoventes da floresta se dá sob uma ótica de exterioridade absoluta. Haveria um impedimento a partir da cosmovisão dos povos dessa vasta região para a domesticação animal.

As elucubrações filosóficas e antropológicas sobre o tema extrapolam o espaço e o objetivo desta dissertação, e partindo da premissa de que o conceito de domesticação, tal como é aplicado correntemente na maioria dos contextos contemporâneos, é oriundo das ciências naturais (e ainda levando em conta que os possíveis conceitos ou diferenciações entre doméstico e não-doméstico que as primeiras sociedades domesticadoras podem ter tido ficam apenas no campo da especulação, pela ausência de registros escritos desse período), me valho de uma interpretação advinda das ciências biológicas. A opção por esse caminho se deve à sua relativa simplicidade e objetividade, assim como pela possibilidade que deixa em aberto para reflexões posteriores de ordem propriamente antropológica e filosófica, não excludentes entre si.

Para fins deste trabalho, entendo domesticação como apontam Mazoyer e Roudart (2010): um processo deflagrado no Neolítico, inicialmente com protoculturas e protocriações de formas vegetais e animais ainda selvagens, sendo a domesticação canina datada há 16.000 anos. Já a raça é aqui entendida como um conjunto animal de comum origem, dotado de caracteres singulares, não correntes em outros indivíduos da mesma espécie, e fixos de maneira que se transmitem uniformemente de pais a filhos (NUNES, 1984). Ou, ainda, conforme Fiorenzo Fiorone *et al.* na *Enciclopédia Canina* (1973), uma população de animais domésticos que, ao se reproduzir, transmite de maneira constante suas características morfológicas e psíquicas. Ainda segundo

Mazoyer e Roudart, (2010) a domesticação é um processo de alterações biológicas resultantes da protocultura ou protocriação, ditadas por mecanismos genéticos próprios de algumas espécies.

Os sinais arqueológicos dos primórdios do cultivo e da criação são difíceis de observar e interpretar, pois é necessário tempo antes que as plantas que se começa a cultivar e os animais que se começa a criar percam suas características selvagens originais e adquiram características domésticas manifestas (MAZOYER;ROUDART, 2010, p. 120).

Os seres vivos domesticados diferem dos selvagens pelo fato de haverem perdido, ao longo das gerações, algumas características genéticas, morfológicas e comportamentais originais, e adquirido outras mais compatíveis ao novo modo de vida, alterado pelos seres humanos; esse processo é conhecido como “síndrome de domesticação” (MAZOYER; ROUDART, 2010, p. 121). Assim, os animais domésticos têm (ou tiveram) seus correspondentes selvagens, dos quais derivam. O cão (*Canis lupus familiaris*) está para o lobo (*Canis lupus*) semelhantemente ao modo como a lhama (*Lama glama*) está para o guanaco (*Lama guanicoe*) e a alpaca (*Vicugna pacos*) para a vicunha (*Vicugna vicugna*), o bovino europeu (*Bos Taurus*) para o extinto auroque (*Bos primigenius*) e o cavalo (*Equus caballus*) para o também extinto tarpan (*Equus ferus ferus*). Ainda de acordo com os autores supracitados, diversas espécies sofreram tentativas de domesticação que se mostraram infrutíferas, por razões diversas que, ao fim e ao cabo, são genéticas, se manifestando no comportamento social e reprodutivo, que inviabilizam a criação doméstica. Conforme Evan Ratliff (2011)<sup>4</sup>, o cão, entre outros animais, é propenso ao que se chama neotenia, isto é, a manutenção de características infantis nos indivíduos adultos. No curso dos séculos, o suprimento das necessidades dos animais trazidos à esfera doméstica e a seleção dos mais dóceis e submissos fez com que o lobo manifestasse sua plasticidade genética, mantendo na idade

---

<sup>4</sup> RATLIFF, Evan. Selvagens em casa. In: *National Geographic Brasil*, São Paulo: Abril, n. 132, mar. 2011, p. 36-61.

adulta traços de animais imaturos. Isso é observado nos cães em maior ou menor grau, de acordo com as raças.

Uma possível (e justa) crítica à noção de domesticação acima exposta seria devido à delimitação rígida que ela impõe. Conforme apontou Tim Ingold (1976), as renas da Lapônia situam-se em uma fronteira que desafia as distinções tradicionais entre doméstico e selvagem. Paralelamente, autores como Philippe Descola (1998) caracterizam como domésticos os animais da fauna silvestre adotados por indígenas da Amazônia e criados em meio às pessoas. Há vários exemplos de populações animais que subvertem os conceitos de doméstico e selvagem, como o porco monteiro do Pantanal (SÜSSEKIND, 2014) e manadas de cavalos que vivem em liberdade em diversas regiões do mundo, algumas há séculos. De acordo com análise bibliográfica feita por Sautchuk e Stoeckli (2012), o antropólogo britânico Tim Ingold revisa, aprimora e refina suas ideias sobre domesticação ao longo de sua trajetória como pesquisador, como resultado do variado leque de relações entre animais humanos e não-humanos com o qual se depara. Por isso, a eleição do conceito de domesticação que ora se apresenta tem como razão de ser a facilidade metodológica que ele proporciona, sem ignorar a existência de outras abordagens igualmente válidas.

Assim, tendo em mente o caráter notadamente humano das variedades domésticas de animais, e entendendo essas variedades como produtos da cultura, já que não existiriam sem a interferência da nossa espécie, me propus a investigar tal tema. Neste trabalho, tenho como objetivo etnografar a relação entre seres humanos e cães no ambiente pastoril sul-rio-grandense, com foco no município de Piratini. Por ter grande número de propriedades pequenas e médias dedicadas à pecuária familiar, presta-se à observação da relação entre seres humanos e cães nas atividades com os rebanhos. Cabe perguntar como operam as exigências relacionadas à ação dos cães de pastoreio, como se coordenam equipes de trabalho multiespecíficas e quais considerações podem ser feitas cotejando com cães de ambientes urbanos.

A própria distinção entre rural e urbano, a propósito, é problematizada, na medida em que a etnografia apresenta redes que se movimentam com

fluidez entre campo e cidade. As trajetórias de produtores rurais/cinófilos e cães de pastoreio/exposição nos lembram de que rural e urbano não representam entidades separadas e distantes, mas sim duas denominações de uma realidade social fluida que perpassa campo e cidade. Como apresentado por Liza da Silva (2014), o êxodo rural dá ensejo a práticas que recriam no ambiente urbano certas vivências que os ex-campeiros experimentaram anteriormente. Centros de doma e hospedarias para cavalos compõem alguns dos empreendimentos que agregam ex-moradores da zona rural e citadinos com gosto pelo campo. O convívio com os animais permite o prosseguimento do vínculo criado na infância por homens que foram peões, capatazes, tropeiros, domadores, executores dos ofícios campeiros ordinários do Brasil austral. Tal convívio tem lugar em ambientes especiais dentro da cidade (comumente nos arrabaldes), destinados ao manejo dos cavalos e apresentando condições materiais similares às das propriedades rurais. Ali, o fogo aparece como sujeito agregador, reunindo à sua volta os frequentadores do espaço. Ao redor do fogo desenvolve-se grande parte da sociabilidade, como a típica roda de chimarrão. Nesse cenário o cão surge como mais um elo com o passado rural; frequentemente, algum ou alguns dos cachorros que conviviam com o ex-campeiro no campo o acompanham em sua nova vida urbana. Isso é enfatizado por alguns interlocutores membros da Associação dos Criadores de Ovelheiro Gaúcho, e refletirá no que denominei “paisagem canina”, abordada no capítulo terceiro.

. Os criadores de Ovelheiro fazem uso dos mais modernos recursos médico-veterinários, inserem-se nos cenários contemporâneos de exposições caninas e apropriam-se de tecnologia de ponta, seja na criação de seus animais, seja na divulgação de plantéis e indivíduos através de plataformas diversas. Não obstante, suas políticas em prol da raça trazem, como argumentos fundamentais, remissões à tradição e ao passado econômico do Estado. Para essas pessoas, a virtude principal do Ovelheiro é a perfeita adaptação à pecuária extensiva tradicional do Rio Grande do Sul meridional, o que traz como desdobramento a docilidade, obediência e companheirismo. Essas mesmas pessoas, em alguns casos, estão readaptando seus sistemas de produção pecuária e/ou substituindo áreas de pastagem por lavouras.

Temos nesses fatos uma aparente contradição, ao que é bom recorrer a Raymond Williams (2001), quando diz que não existe um passado campestre puro senão nas nostálgicas visões do presente. De modo semelhante, Bourdieu (1962) alerta para o fato de que não existe um campestre autêntico, exceto na representação burguesa do mundo. Para os interlocutores dessa pesquisa, a maioria fixada na zona rural ou na cidade mas vinculada ao setor primário, a preservação do Ovelheiro não se apresenta como um elemento de tradicionalismo estreito e essencialista, mas sim como a proteção a um ente afetivo que carrega traços de um passado querido.

Deve-se refletir sobre as expectativas e valorações que as pessoas atribuem a esses animais, até que ponto seu uso nas tarefas econômicas influencia nas relações subjetivas mantidas e qual o caráter das tensões que surgem quando essas tarefas não são desempenhadas conforme o esperado. Também pretendo tentar entender seu espaço na dinâmica das transformações e atualizações das lides campeiras, em tempos de intensificação da produção, “abate humanitário” etc. analisando as transposições de espaços ocupados por esses animais, o surgimento de novas facetas e as dinâmicas próprias de nossa época. Tendo em conta que os sistemas classificatórios são socialmente criados, e não pertencentes aos animais em si mesmos (LAWRENCE, 1994), outro objetivo é investigar peculiaridades da cosmovisão dos interlocutores, onde os animais em geral são peças-chave, e os cães têm papel de destaque.

## **1.2 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PRELIMINARES**

De acordo com Roy Wagner (2012), o trabalho do antropólogo está comprometido com o rigor científico, contudo não pode assentar-se em amostragens e estatísticas, unicamente. A especificidade da antropologia exige que se esteja calcado na profundidade e abrangência da cultura estudada.

Famoso pelo termo “invenção da cultura”, Wagner considera *cultura* como um contrapeso que auxilia o antropólogo a ordenar sua experiência. A cultura é

inventada porque parte de fora, do antropólogo em direção à cultura estudada, e é a visão exógena do antropólogo que dirá que *aquilo* é uma *cultura*.

Para Wagner, a antropologia não apresenta uma sucessão de paradigmas, conforme apontou Thomas Kuhn (*A estrutura das revoluções científicas*, 1962) para diversas ciências, mas sim um constante movimento dialético. Segundo Wagner (2012, p. 32), o mérito da abordagem dialética é que ela subverte tanto a subjetividade quanto a objetividade em prol da mediação. O antropólogo usa a própria cultura para estudar culturas, de modo que seu estudo sempre será culturalmente situado. Uma objetividade absoluta só seria possível com um antropólogo que não tivesse nenhuma cultura, um claro absurdo. Portanto é preciso renunciar à pretensão racionalista e cientificista de conhecimento da realidade em si mesma, sem cair em total subjetivismo. Assim, o autor propõe o que chama de objetividade relativa, que pode ser alcançada através da crítica da própria cultura.

Ao considerar a relatividade cultural, Roy Wagner ressalta a importância da raiz do termo “relativo”. Ele evidencia que o estudo de uma cultura é um processo relacional, que coteja a cultura do antropólogo com a que ele estuda. A relação intelectual, assim, contempla a ambas as culturas, de modo que o antropólogo se confronta, também, com seu próprio universo de significados, através do qual fará a comunicação posterior a seus pares. A ideia de relação é mais apropriada do que as ideias de análise ou exame, que estão ligadas à pretensão de objetividade absoluta.

O universo de pesquisa está constituído por propriedades rurais, majoritariamente pequenas e médias, que possuem a pecuária como sua base econômica, contando com cães como elemento imprescindível para a manutenção de seus rebanhos. A vasta gama de agentes não-humanos tem presença marcante nas pessoas com as quais travei contato. Seu cotidiano pastoril interage com diversos artefatos próprios para a locomoção no campo, ferramentas e animais de produção e trabalho. Os arreios, aparatos de montaria, configuram um conjunto extremamente complexo que envolve desde o preparo do couro para sua confecção até os mais finos ornatos como acabamento. Sobre isso, Lima (2015) apresenta a diversidade de peças e o

intrincado conjunto de saberes envolvidos na doma de cavalos. Nesta etnografia, as reflexões sobre as supostas distinções entre natureza e cultura foram algo continuamente presente.

Bruno Latour (1994) problematiza a dicotomia natureza/cultura, dizendo que o projeto da Modernidade criou um afastamento entre esses dois mundos. Ou melhor, criou esses mundos e depois afastou-os, enunciando uma suposta impossibilidade de simetria entre eles. A noção de cultura surge do afastamento moderno do mundo natural, entendido como o mundo pouco ou não manipulado pela humanidade. O projeto da Modernidade supõe a separação entre humanos e não-humanos. A falibilidade disso manifesta-se no que o autor chama de híbridos (quase-sujeitos, quase-objetos), que se proliferam, subvertendo a prática de purificação, ou seja, de separação da natureza e da cultura. Para Latour, jamais fomos modernos porque a "constituição moderna" jamais se efetivou. A Modernidade declarou distinção ontológica entre humanidade e animalidade, natureza e cultura, sujeito e objeto, no entanto é caracterizada pela "hibridização" dessas distinções. A integração de humanos, outros animais e artefatos compõe o que Tim Ingold (2012) chama de malha. A malha de Ingold é pensada como uma intrincada teia de agentes que se interferem mutuamente, à revelia de arbitrarias distinções ontológicas estabelecidas por humanos. Partindo dessa perspectiva vemos que a domesticação é uma via de mão dupla. Ao manejar e selecionar populações animais, no processo conhecido como domesticação, o humano também é "domesticado" por esses animais. Não só interfere e altera a vida de espécies das quais se apropria, como também tem sua vida influenciada por essas mesmas espécies.

As propriedades visitadas são quase todas geridas unicamente pelas famílias às quais pertencem. As que possuem empregados, mesmo assim têm suas tarefas executadas, também, por membros da família proprietária. As incursões nesses locais não deixaram de ser intromissões no núcleo familiar. Mesmo o foco estando no trabalho com o gado, no campo, a presença de um pesquisador apresenta-se como um elemento estranho à rotina caseira. Para Bott (1976), as famílias não costumam estar muito propensas a receber pesquisadores, sendo difícil interessá-las a participar de um estudo que aborda

assuntos privados, principalmente quando a inserção do pesquisador dura um longo período de tempo. O direcionamento da observação no campo (pastagem) propriamente dito permitiu que se estabelecesse uma relação de confiança mais facilmente do que se o interesse precípuo fosse por algo que se desenrola entre das paredes da residência. Confunde-se a fronteira entre dentro e fora; os pastos e arvoredos que circundam o núcleo residencial são casa também, mas ao mesmo tempo uma dimensão mais afastada do todo identificado como lar.

Como aponta Salem (1987), a maioria dos interlocutores necessita de um tempo para relaxar com a presença do antropólogo, havendo uma diferença marcante entre os primeiros encontros e os seguintes. Sabendo que me depararia com temas delicados, como manejo considerado violento por pessoas de fora, eliminação de cachorros prejudiciais através de morte ou abandono, caça a animais silvestres, entre outros, deixei que os interlocutores conduzissem os encontros nos primeiros estágios. Meu interesse fundamental era observar algo que eles faziam todos os dias, de maneira que pude deixar os questionamentos para momentos posteriores. A relação entre etnógrafos e etnografados significa uma quase inevitável superposição de papéis e algum grau de envolvimento mútuo. Contudo, o cerne da questão não é a discussão sobre como alcançar a imparcialidade, mas sim a explicitação sobre a forma como o trabalho de campo foi conduzido (SALEM, 1987). Optei pelo anonimato das pessoas e locais envolvidos em algumas partes deste trabalho, consoante ao que escreve Cláudia Fonseca (2008), assim como o consentimento informado. Para Fonseca, o mascaramento dos nomes não é uma alternativa ideal, já que pode trazer um estigma negativo para os interlocutores. Ocultar suas identidades é uma espécie de declaração de culpa, uma política discriminatória que propiciaria o reforço de estereótipos. A autora problematiza também o consentimento informado, dizendo que ele não resolve alguns desafios.

(...) o objetivo do antropólogo é justamente chegar na lógica implícita dos atos, falar dos “não-ditos” do local, adentrar de certa forma no “inconsciente” das práticas culturais, como podemos imaginar que os

informantes prevêem todas consequências de seu consentimento informado? (FONSECA, 2008, p. 44).

Quando as pessoas consentem, não imaginam que seus mais sutis gestos, olhares, piadas, modos de vestir, andar etc. podem ser elementos etnograficamente interessantes. Assim, o pesquisador se coloca diante de dilemas éticos substanciais. Não há como saná-los plenamente, podendo-se apenas recorrer a estratégias que os atenuem. Entre elas, aproveitar somente os dados que os interlocutores desejam divulgar. Neste trabalho isso não foi feito, e optei por utilizar tudo o que pareceu relevante. A alternativa de anonimato pareceu uma estratégia cabível, e foi utilizada no capítulo II.

Entre as principais metodologias de pesquisa está a observação participante, que Malinowski (1984) propunha como forma de apreender o ponto de vista do nativo. Entretanto, de maneira menos pretensiosa e epistemologicamente mais aceitável, pretendi apenas aproximar-me desse ponto de vista. Gilberto Velho (1987) aponta as dificuldades de uma tentativa de colocar-se no lugar do outro, o que demandaria um mergulho difícil de conceber dentro do universo pesquisado. Por mais arguto que seja o pesquisador e por mais sofisticado o seu arcabouço teórico, algumas limitações permanecem. Diz Velho (1987, p. 42):

Levando mais longe o exame das categorias familiar e exótico, sem querer entrar em discussões de natureza filosófica, não há como deixar de mencionar os impasses sugeridos pelo existencialismo em relação ao conhecimento do outro. Não vejo isto como um impedimento ao trabalho científico mas como uma lembrança de humildade e controle de onipotência tão comum em nosso meio. O conhecimento de situações ou indivíduos é construído a partir de um sistema de interações cultural e historicamente definido. Embora aceite a ideia de que os repertórios humanos são limitados, suas combinações são suficientemente variadas para criar surpresas e abrir abismos, por mais familiares que indivíduos e situações possam parecer. Neste sentido um certo ceticismo pode ser saudável. Parece-me que Clifford Geertz ao enfatizar a natureza de interpretação do trabalho antropológico chama atenção de que o processo de conhecimento da vida social sempre implica em um grau

de subjetividade e que, portanto, tem um caráter aproximativo e não definitivo.

As interlocuções não começaram de forma incisiva sobre os cães. O trabalho campeiro é um modo de vida dessas pessoas, no qual o cão é um elemento saliente, mas não exclusivo. Ao me aproximar dos interlocutores, me aproximo de seu cotidiano, seus afazeres, e tangencialmente chego ao trabalho multiespecífico com os cachorros, que quase sempre engloba também os cavalos. Desse modo acabo por me relacionar com a trajetória de vida de quem convivo ao etnografar. Alguns desses interlocutores são membros efetivos da ACOG, outros estão ingressando e outros estão sendo convidados a participar da criação organizada do Ovelheiro. Ainda há aqueles que sequer ouviram falar na Associação e consideram inusitada a valorização do Ovelheiro como animal de exposição, não lhe atribuindo o mesmo valor racial que possuem outros tipos de cães mais famosos e globais. Neste panorama surge a figura dos papéis, que atestam o *ser criador* das pessoas e a *pureza racial* dos animais. Carteira de membro da Associação, certificado de participação em exposições, registros genealógicos dos cães, todo esse aparato documental funciona como o que Bourdieu (1996) chama de *descrição oficial*. Esses documentos possuem um peso, não apenas jurídico ou corporativo, mas um peso no caráter identitário dos sujeitos, funcionando como elementos de atribuição. São documentos que vestem, por assim dizer, e neste caso com as vestes de cinófilo, aqueles que os possuem.

No transcurso das saídas de campo, inúmeras vivências minhas, narrativas de terceiros, recordações literárias, cinematográficas e pictóricas ocuparam lugar em minha mente. Não pude me furtar a considerar esse arcabouço, e conquanto não fugisse em demasia da proposta deste trabalho, incorporei alguma coisa, adequando ao conceito de *antropologia como alegoria* (BRANDÃO, 1982). Com efeito, algumas partes desta dissertação expressam um caráter alegórico, manifestando tom mais literário. Antropologia como alegoria, como entende Brandão (1982), não indica uma montagem sem critérios e ficcional, mas sim um fazer valer de contribuições das mais variadas, sem prejuízo do rigor etnográfico.

Importante salientar que nem todos os interlocutores vivem exclusivamente no meio rural. Muitos vão constantemente à cidade, ou vivem na cidade e vão constantemente ao campo. É necessário atentar-se às nuances entre visões e procedimentos tradicionais e o ingresso de novos modelos pela proximidade com o meio urbano. Assim, na raça Ovelheiro Gaúcho são previsíveis diversos cruzamentos entre o estatuto do cão trabalhador e o do cão de companhia, variando do sentido estrito às mesclas em diferentes graus.

No processo metodológico foi importante o que propõe Colette Pètonnet no que tange a observação flutuante (2008). Para a autora, a observação flutuante requer um deixar-se disponível no cenário, sem mobilizar a atenção para nenhum objeto ou fenômeno determinado. Na medida do possível, evitar que sua presença seja um ponto de fuga no transcurso ordinário do local observado. Me posicionei em situações onde eu era não só um componente estranho, como potencialmente desorganizador dos fenômenos cotidianos, já que estava em meio a grande número de cães e vacas, ou ovelhas, em plena ação. No contexto estudado, o manejo do gado desenrola-se com certos níveis de tensão, risco e dramaticidade, e um objeto de distração – no caso, o etnógrafo – pode atrapalhar a atividade. Por outro lado, enquanto homens e cães interagem com vacas e ovelhas, muitas outras coisas sucedem, e eleger um fenômeno qualquer dentre os vários concomitantes é uma decisão arbitrária. Se me debruçar somente sobre a ação mais chamativa, deixo passar uma série de outros acontecimentos paralelos. O mesmo nas exposições caninas: durante o desfile dos animais, diversos outros acontecimentos se desenvolvem, de pessoas que passam, crianças que interferem etc. Portanto, a observação flutuante mostrou-se um procedimento metodológico de grande valia, complementando a observação participante.

Para Clifford Geertz (1978), a densidade da descrição etnográfica está na apreensão de todos os detalhes possíveis pelo etnógrafo. Mas coligir dados não é, por si só, etnografar. O que se faz com os dados é que caracteriza uma etnografia, diferenciando-a de uma reportagem jornalística ou de qualquer outra modalidade de observação e anotação.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato, (...) é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (...) Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”), um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1978, p. 7).

Como aponta Caldeira (1981), por mais ricos que sejam os dados, eles constituem matéria bruta a ser trabalhada, não sendo em si mesmos evidência ou explicação. A partir dos dados é necessário um esforço teórico a fim de interpretar e dar significado ao que foi apreendido em campo.

Não obstante a interpretação, é necessário dar voz aos interlocutores envolvidos. As conversas com variados personagens, abordando histórias de vida são, para Pereira de Queiroz (1987), excelentes técnicas para um primeiro levantamento de questões, haja vista faltarem dados mais aprofundados, a princípio, quando iniciamos a pesquisa. Não seria cabível, de qualquer modo, limitar o diálogo à relação dos trabalhadores rurais com os cães de pastoreio, como se tal relação fosse um todo hermético e distanciado do resto. A atividade pecuária é um modo de vida que cruza trabalho, lazer, arte e identificação enquanto indivíduo. Se é muito comum que nas cidades as pessoas sejam tais ou quais profissionais apenas durante suas certas horas de expediente, retirando a casaca laboral nos momentos de lazer - momentos em que são *elas mesmas* - no campo isso não costuma ser verificado. O campeiro é campeiro quando está descansando e quando vai à cidade.

O entendimento teórico e metodológico da atividade pecuária foi grandemente auxiliado e influenciado pelo Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC Lidas Campeiras<sup>5</sup>, trabalho surgido a partir de uma demanda

---

<sup>5</sup> Esta pesquisa, financiada pelo IPHAN, teve sua primeira fase entre 2010 e 2013. A equipe de pesquisadores foi composta por Flávia Maria Silva Rieth (Coordenadora), Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Pablo Dobke, Marta Bonow Rodrigues, Daniel Vaz Lima, Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem), Fernando Camargo (Consultor em História) e Erika Collischonn (Consultora em Geografia), além de Beatriz Freire e Marcos Benedetti do IPHAN.

da Prefeitura de Bagé/RS junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) acolhida pela Universidade Federal de Pelotas, por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia. A pesquisa utilizou a metodologia para o registro de bens imateriais do IPHAN, levantando dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações estabelecidas entre humanos e não-humanos na atividade pecuária, abarcando animais, artefatos e paisagem, ofícios e modos de fazer que a compõe no pampa sul-rio-grandense. Esta metodologia pressupõe descrever o que as pessoas fazem, como, com o quê e onde fazem (RIETH et al, 2013), levando em consideração os artefatos, os lugares e suas transformações, assim como a alimentação, vestimentas, músicas, plantas e animais. A partir dessa metodologia, os pesquisadores do INRC perceberam que a agência múltipla constitui o modo de ser campeiro, entrelaçando o trabalho com o modo de vida (LIMA, 2015).

O local de maior observação, a chácara A Querência, exigiu acuidade especial, pois ali existe um canil e uma série de cuidados com os cães da raça Ovelheiro Gaúcho. Por serem animais registrados e reprodutores, alguns participando de exposições, há para com eles uma atenção diferenciada, inclusive pelo fato de um dos proprietários do lugar ser médico-veterinário. Contudo esses animais são cotidianamente utilizados nas fainas da propriedade com gado vacum e ovino. Temos, portanto, um cenário rico, onde idiosincrasias do campo mesclam-se com a visão urbana contemporânea sobre animais de estimação. Para captar essas nuances foi útil pôr em prática o que propõe Brandão (2007), fazendo com que a experiência de campo seja mais uma vivência do que propriamente um ato científico, sob pena de engessar os dados, subsumindo-os a moldes acadêmicos. Ainda recorrendo a Brandão, quando este cita Antonio Candido e fala sobre a estrutura subjacente às atividades humanas, é interessante observar de que modo as pessoas lidam com os cães a níveis hierárquicos e funções desempenhadas por cada um. Temos um elemento não humano intrinsecamente relacionado à noção hierárquica e normativa humana, por ser companheiro de trabalho. Ademais, é um companheiro de trabalho bastante diferente de um cavalo de montaria ou de um boi de arado, por não estar atrelado fisicamente e por poder sublevar-se mais facilmente, o que faz com que a interação humanos-cães seja

constantemente pautada por grande rigor e disciplina dos primeiros para com os segundos.

Para Roberto Cardoso de Oliveira (2000), o trabalho do antropólogo é constituído de três atos cognitivos: olhar, ouvir e escrever. Os dois primeiros são atos disciplinados, é dizer, guiados, por aquilo que é próprio da disciplina antropológica. A tradição teórica dessa disciplina orientará o olhar e o ouvir do antropólogo em suas atividades, fazendo com que sua percepção – não simples absorção de uma realidade, já que o observador nela impinge suas subjetividades, mas sim uma troca – seja dotada de um caráter propriamente antropológico. O escrever é o momento de expressão do pensamento, proporcionando a construção do produto final iniciado no trabalho de campo. As observações iniciais, em campo, nunca abandonam o autor, podendo-se dizer que o ato de escrever ocorre com um rever e um reescutar. Para o autor, a memória representa um importante recurso na redação de um texto.

Cardoso de Oliveira (2000) considera que a observação participante tem como peculiaridade sua os atos de olhar e ouvir, que proporcionam a vivência de uma realidade distinta, que resultará em uma interpretação posterior. Essa vivência será evocada durante toda a interpretação do material etnográfico. Para o autor, esses atos aparentemente tão banais podem ser problematizados a fundo, observando a modelagem que a disciplina dá ao fenômeno observado, que resulta em uma interpretação sem pretensão de apreensão objetiva de uma verdade exterior. O processo de olhar, ouvir e escrever não é estranho a outras disciplinas, sobretudo das ciências sociais, e a ênfase nesse método cria um canal de discussão interdisciplinar.

Com a intenção de melhor comunicar o universo observado-interagido aos meus pares, através de minha rede de significados, utilizei a fotografia desde a primeira saída de campo. Não tendo conhecimento técnico na área fotográfica, registrava as imagens de maneira totalmente despreziosa. Logo, entrando em contato com a bibliografia própria da Antropologia Visual, foi possível entender que as fotos não poderiam ficar resumidas ao papel de meras ilustrações do texto, mas que, em lugar disso, elas próprias poderiam conduzir partes da discussão. Desse modo, embora as fotografias desta

dissertação tenham permanecido totalmente despretensiosas do ponto de vista técnico e artístico, tornaram-se tão protagonistas quanto as palavras, sendo um instrumento sistemático de investigação, como diz Guran (1986).

Todas as fotografias coloridas aqui são de minha autoria. As em preto e branco ou são de meu acervo pessoal ou são de publicações impressas referenciadas no corpo do texto. As autorias da foto da revista *A Estância* (1921) e das fotos do livro *O Estado do Rio Grande do Sul* (1916) não puderam ser determinadas. Contudo, elas estão em domínio público, que no Brasil entra em vigor setenta anos após sua divulgação (BRANCO, 2011). Optei por não colocar legendas, por entender que essas imagens são parte integrante do todo significativo conformado por palavras e fotografias. Legendá-las seria equivalente a colocar notas de rodapé em cada frase, ou observações entre parênteses a todo o momento. Dado o entrelaçamento entre texto e imagem, uma legenda abaixo das fotos seria demasiado insuficiente, e desnecessária em consequência. Não convém tentar explicar cada foto em separado, pois elas próprias são explicações para grande parte do texto.

Ainda que a fotografia seja, no senso comum, considerada como comprovante de veracidade de um fato ou objeto, é importante considerar sua subjetividade e o fato de que sua presença em um trabalho como este não o torna mais fidedigno. Como ressalta Guran (1986), não é possível isenção no ato fotográfico. Ele é sempre crítico, trazendo o peso da visão de mundo de quem fotografa. Para o autor, é importante tentar neutralizar a influência pessoal e sensibilizar-se, na medida do possível, com a perspectiva dos sujeitos fotografados. Sendo a pesquisa antropológica uma pesquisa *com*, e não *em* seres humanos (OLIVEIRA, 2010), o pesquisador se depara com três compromissos éticos que são, na visão de Roberto Cardoso de Oliveira (2010), incontornáveis. Esses compromissos são para com a comunidade acadêmica, para com os sujeitos da pesquisa e para com a sociedade como um todo. É necessário atender aos critérios metodológicos vigentes na produção de conhecimento, atentar para as normas e recomendações éticas na pesquisa e proporcionar contrapartida à sociedade na forma de divulgação do trabalho.

A utilização de fotografias acentua a necessidade de atenção aos paradigmas éticos existentes. Dada a profusão de imagens e vídeos dos mais diversificados tipos, prontamente disponíveis através da internet, é fácil deslizar para a empolgação na utilização de material audiovisual na pesquisa (ROCHA *et al.*, 2009), desconsiderando importantes questões éticas, pela influência da chamada indústria do espetáculo. Mesmo observando os códigos éticos e procurando agir com bom senso, o pesquisador está sujeito a contingências que podem até mesmo inviabilizar a divulgação de seu material. Não raras vezes, interlocutores que autorizaram a utilização de sua imagem mudam de opinião, casos em que o antropólogo deve sobrepor a autonomia e a vontade dos sujeitos com os quais pesquisou (ROCHA *et al.*, 2009).

### **1.3 – LIGEIRAS CONSIDERAÇÕES CONTEXTUAIS DE CARÁTER HISTÓRICO GEOGRÁFICO**

Podemos dividir os animais domésticos, *grosso modo*, como espécies para consumo, companhia ou trabalho, estando os cães encaixados nestas duas últimas categorias, pelo menos no contexto aqui tratado e na maior parte do mundo ocidental. Tal região oferece-nos um panorama econômico caracterizado pela pecuária extensiva, notadamente a produção de animais bovinos e ovinos. Por muito tempo essa foi a base econômica do pampa, e continua sendo em muitos municípios. A atividade pecuária pôde aqui ser desenvolvida, também, graças ao cavalo, fato que é notório. Contudo, os cães forneceram contribuição decisiva, estando a seu cargo diversos momentos das lides campeiras, desde a retirada do mato de reses bravias, até a sujeição de animais para o abate nos matadouros, passando pelo auxílio aos tropeiros na condução das tropas, até a defesa dos rebanhos de predadores.

Os cavalos serviram aos comandos dos ginetes nas guerras e no dia-a-dia rural, obedecendo às rédeas e esporas. Ambos, cavalo e ginete, configuram um todo único quando juntos em atividade. O cavalo sem o homem não possui serventia imediata; o homem sem o cavalo está incapacitado de

executar a maior parte de suas tarefas. Assim, é uma unidade formada por duas partes, sendo o cavalo uma extensão do cavaleiro, levando-o para onde este deseja, conferindo-lhe velocidade e força. O papel equino é, a um só tempo, ativo e passivo, na medida em que é graças a seus movimentos que o homem atinge o que sozinho lhe seria impossível, do mesmo modo que obedece fielmente aos comandos recebidos, a ponto de facilmente morrer de exaustão caso o cavaleiro lhe exija em demasia. Os ruminantes, os suínos e as aves, por sua vez, estão em relação qualitativamente muito diferente com o homem, não auxiliando-o senão passivamente, com os produtos que seus corpos podem oferecer (incluída aí a força de tração dos bois). Os cães, por seu turno, são os que atuam mais “humanamente” depois do homem, no sentido de que frequentemente agem sem comando direto algum, como pastores, boiadeiros e guardiões. Mesmo quando comandados, não estão em contato direto com os homens, sendo os comandos dados mais ou menos genéricos, sem que os cães dependam deles para poder atuar. Este caráter *sui generis* abre precedente a conflitos, como nos casos em que os cães passam a atacar os animais domésticos, ou quando tornam-se selvagens, oferecendo riscos.

No período colonial e nos primórdios das repúblicas sul-americanas, assistiu-se a uma notável proliferação de animais vacuns e cavalares por toda a bacia platina, propiciada pelo clima favorável e pela existência de pastagens naturais abundantes, auxiliada pela relativamente pequena demografia de então. Em decorrência, reproduziram-se as matilhas de cães chamados chimarrões, ou *cimarrones*, no original castelhano, a tal ponto que o governo uruguaio lançou uma campanha para pôr fim aos perigos representados por elas, oferecendo importâncias em dinheiro por animais abatidos. O termo cimarrón não designava uma raça, como o hoje reconhecido pela F.C.I. (*Fédération Cynologique Internationale*), Cimarrón Uruguaio, mas simplesmente todo animal que, havendo sido doméstico, internou-se em ambiente selvagem, perdendo caracteres de mansidão. Por cimarrón entende-se tudo aquilo que saiu do raio da civilização e foi para os montes, para as brenhas, para as *cimas*, de acordo com a *Real Academia Española*.

Aceita-se que o cão foi domesticado na Ásia, a partir do lobo-cinzento, tendo se espalhado para todos os lugares onde os humanos habitam (FIORONE *et al.*, 1973). A presença do cão doméstico pré-colombiano nas Américas é atestada por evidências arqueológicas e por relatos de cronistas do período inicial de colonização europeia no continente. A documentação evidencia a presença da espécie principalmente na Mesoamérica e na região andina (PRIMO, 2004). Sobre a Bacia do Prata, sabe-se que o cão é anterior à ocupação europeia, através de investigações arqueológicas no Uruguai que encontraram esqueletos de *Canis familiaris* junto a enterros humanos (PEREZ, 2011). Neste caso, o tipo de vinculação entre humanos e cães não está suficientemente esclarecido, porém autores sugerem que tenha sido incorporado à equipe de caça (PINTOS BLANCO, 2000; 2001 e LOPEZ, 1994, *apud* PEREZ, 2011).

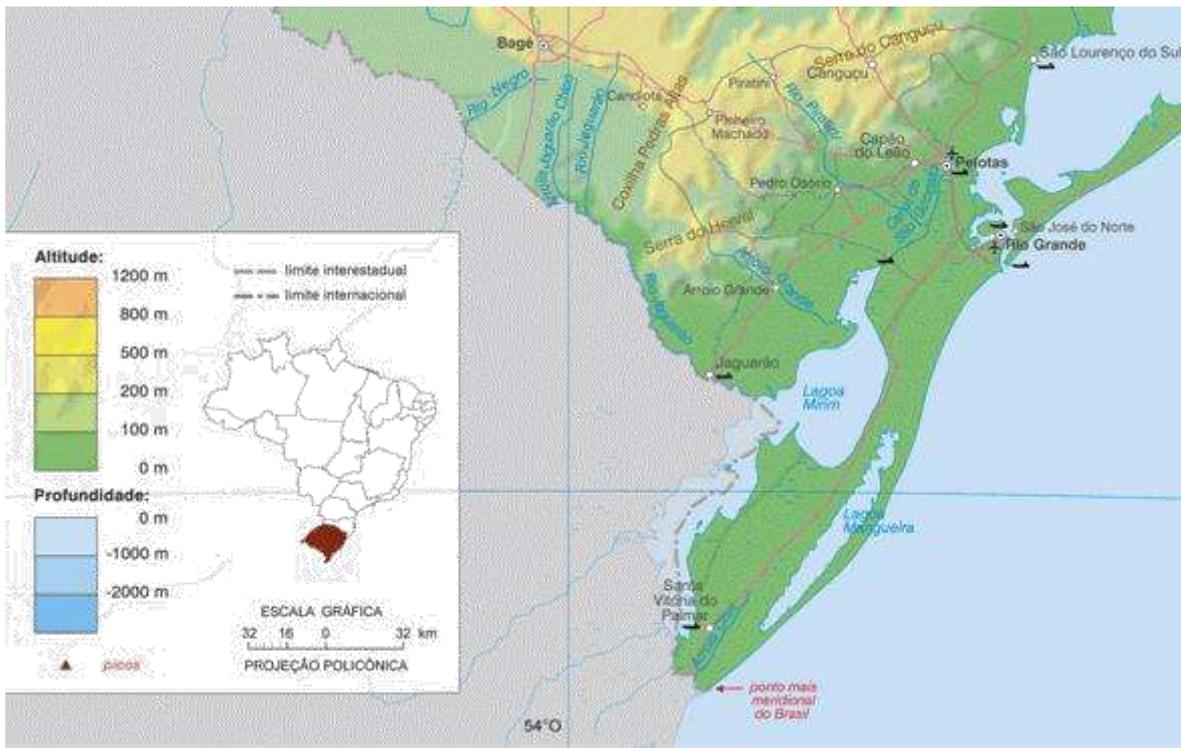
A relação dos homens com os cães nunca pode ser vista sob um único prisma, posto que este pode ser, ao mesmo tempo, agente amigo e nocivo. Apesar dos prejuízos e riscos oriundos das matilhas de cães chimarrões, a fala popular atribui a José Gervásio De Artigas (1764-1850), um dos líderes da luta contra o colonialismo espanhol no Vice-Reino do Rio da Prata e considerado fundador do Uruguai, o pronunciamento de que lutaria com *perros cimarrones*, quando já não tivesse soldados. É sinônimo de bravura e lealdade, embora tenha sido considerado praga. O célebre naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, em 1820, menciona a presença de cães chimarrões no Rio Grande do Sul, e sua diminuição devido ao extermínio promovido pelos fazendeiros no afã de proteger seus rebanhos (2002, p. 121). De outro modo, no livro “Carreteadas Heróicas”, de Osório Santana Figueiredo (2000, p. 180), há uma passagem bastante elucidativa sobre a relação afetiva dos cães junto os carreteiros (condutores de carros de boi, regionalmente conhecidos por *carretas*):

À noite, sua companhia infundia-nos uma segurança tranqüilizadora (...) era como um soldado no posto de sentinela alerta. O carreteiro, quando deita, cansado, dorme a sono solto. O cachorro vela. (...) Certa noite, eu cansado como os demais companheiros, dormíamos profundamente [sic]. De repente, os cachorros latiram forte e avançaram furiosos. Acordamos já com a mão nas armas. (...) A morte

do meu cachorro causou-me um pesar perene. No primeiro pouso chorei muito. (...) A noite foi tétrica e interminável. (FIGUEIREDO, 2000, p. 180).

Vale salientar, também, que foram os cães de pastoreio uma peça fulcral para o desenvolvimento da ovinocultura na bacia do Prata, oferecendo portanto um contributo enorme à economia do Rio Grande do Sul. Ovinos são animais de difícil manejo, e cães pastores economizam esforços e mão de obra, além de fornecer proteção contra ataques de cães chimarrões e predadores silvestres, sobretudo o graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*). Sem embargo, muitas pessoas do campo não hesitam em matá-los a tiros ou por enforcamento, quando tornam-se os algozes daquilo que deveriam proteger. Ocasionalmente alguns cães adquirem o hábito de predação de ovelhas, e para isso não há remédio senão o sacrifício, asseveram os criadores. Portanto, o amor incondicional atribuído ao *pet* citadino não parece presente no contexto ora analisado; há o risco do cão tornar-se maléfico. É um animal estimado, mas não necessariamente de estimação. Mas é o elemento que possibilita a permanência de muitas famílias na zona rural, famílias que não poderiam cuidar sozinhas de seus rebanhos nem arcar com a despesa de uma mão-de-obra contratada.

Uma grande parcela dos trabalhos sobre as relações entre humanos e cães analisa o fenômeno a partir do ponto de vista urbano, dos animais de estimação. Mas, neste caso, a abordagem tem de ser diferente, pois o foco é a relação entre humanos e cães no espaço rural. Nesse sentido, dialoga com os trabalhos desenvolvidos pelo Inventário Nacional de Referências Culturais – Pecuária, Bagé-RS. A região escolhida como centro da pesquisa é o interior do município de Piratini, Rio Grande do Sul, onde abundam as propriedades de tamanho pequeno e médio para o padrão da região pastoril sul-rio-grandense. O município encontra-se na Serra do Sudeste, zona de relevo acidentado em grande parte, e com expressiva presença de vegetação. Embora na porção sul do Rio Grande do Sul, não é caracterizado pelas extensas planícies de campos nativos.



Fonte: <http://www.infoescola.com/mapas/mapa-geografico-do-rio-grande-do-sul/>

A maior parte do trabalho de campo ocorreu na Chácara A Querência, que possui 105 hectares, com a peculiaridade de ser também a sede do Canil Muuripá, dedicado à criação de cães da raça Ovelheiro Gaúcho. Tentei observar as articulações dos membros da ACOG (Associação dos Criadores de Ovelheiro Gaúcho) e seu esforço por promover a raça e buscar um reconhecimento social das qualidades a ela atribuídas e do que consideram ser importância histórica e cultural desses animais. Os cães, bem como outros animais, analisados dentro do chamado mundo *pet*, estão sujeitos a fenômenos que não necessariamente são observados no universo rural aqui tratado. A maior parcela dos trabalhos antropológicos acerca dessa questão dá conta de coisas como humanização, filhotização e geriatriação dos cães, ocupando tais animais uma lacuna humana considerada tipicamente contemporânea. No presente trabalho, há que se investigar as motivações ideológicas envolvidas no fomento de uma raça canina vista como elemento idiossincrático de um tipo humano, o *gaúcho*, e o discurso valorativo orbitando esses animais. Ao contrário da maioria das outras raças, sua apologia não baseia-se principalmente em qualidades físicas e comportamentais, mas antes de tudo no fato de ser nacional e regional, na visão do Ovelheiro Gaúcho como patrimônio

cultural e elemento a ser preservado como componente fundamental dos usos e costumes do campeiro sulino.

No primeiro capítulo abordarei alguns aspectos contemporâneos sobre os animais de estimação, sua participação como membros de famílias multiespécie e a afetividade em torno deles. O aumento da proximidade entre seres humanos e outras espécies, principalmente cães e gatos, decorrente das novas configurações urbanas, é acompanhado por novos fenômenos. Dentre eles, a superespecialização da medicina veterinária, a profusão de artigos em lojas especializadas e a noção dos animais de estimação como seres moralmente superiores aos humanos. Escrevo a respeito dos cães de trabalho do mundo rural, comentando algumas especificidades desse ambiente e das tarefas a que são submetidos os animais na atividade de pastoreio, e introduzo a discussão sobre a criação organizada da raça canina conhecida por Ovelheiro Gaúcho, promovida pela ACOG (Associação dos Criadores de Ovelheiro Gaúcho). Considerarei os fluxos entre urbano e rural, e a sempre arbitrária e indefinida fronteira entre esses dois cenários. O diálogo com Franz Boas e Evans Pritchard irá ajudar nas reflexões acerca da relação entre humanos e animais, e a etnografia possibilitará uma visão mais tangível da atividade de pastoreio desempenhada por equipe de humanos e cães. Acompanhei alguns momentos de trabalho pecuário e trago dados e imagens a fim de dialogar com a teoria antropológica.

No segundo capítulo discuto os casos complexos e difíceis de cães que predam animais domésticos. Através das narrativas dos interlocutores, observo o que acontece quando o animal que deveria zelar pelo rebanho se mostra danoso aos interesses econômicos e à relação de confiança dos produtores rurais. Observo que o problema vai muito além do prejuízo financeiro decorrente do animal morto. Ainda que sumamente relevante, o fator pecuniário vem acompanhado pela questão moral, à atribuição de responsabilidade ao cão matador de ovelhas. Esses comportamentos desviantes, além do profundo desgosto que causam aos proprietários (a palavra *traição* aparece em mais de um discurso), também provocam conflitos entre vizinhos. A indenização por animal perdido, uma espécie de acordo tácito entre os produtores rurais caso algum cão seu cause prejuízo em outra

propriedade, eventualmente não é paga. Isso às vezes é devido à descrença do dono do cão predador de que este seria capaz de uma coisa dessas. O capítulo chega a um tópico de importância capital neste trabalho, pela sua condição excepcional e pelos tantos elementos que encerra: a eliminação de cães predadores de rebanho, pelas mãos de seus próprios donos.

Já no terceiro capítulo ganha corpo a reivindicação de raça do Ovelheiro Gaúcho. Analiso o processo de seleção racial em animais de produção, como bovinos e ovinos, que se acentua na pecuária sul-rio-grandense no final do século XIX e adquire grande vulto no início do século XX, por ser algo muito importante para a economia do Estado. O aprimoramento genético dos rebanhos foi levado a cabo com a ajuda de grandes aportes financeiros, planejado por produtores rurais em contato com o que havia de melhor na área em todo o mundo, e amplamente celebrado e divulgado. Sugiro que, embora fora dos grandes projetos de seleção genética de outras espécies e distante dos círculos científicos que trabalhavam no aprimoramento de plantéis, a seleção dos cães de pastoreio também ocorreu. Como apontam alguns interlocutores, a preocupação em cruzar cães de maior aptidão para o trabalho, assim como o processo de eliminação daqueles que se mostram danosos, constituem práticas antigas e comuns na região estudada. Observo também os eventos promovidos pela Associação de Criadores de Ovelheiro Gaúcho e seus esforços para que a raça ganhe reconhecimento. Tais esforços advêm de uma relação afetiva com o animal e da concepção de que trata-se de um patrimônio cultural.

## **2. ESSE CACHORRO SABIA TUDO, TINHA MUITAS PESSOAS QUE PERDIAM NA INTELIGÊNCIA PRA ELE. RELAÇÃO HUMANO / NÃO-HUMANO NO PAMPA.**

A crescente individualização e mecanização da sociedade contemporânea têm afastado as pessoas do contato com animais, áreas verdes e paisagens naturais, além de afetar suas relações interpessoais, sendo crescentes as queixas de solidão, justamente nos maiores conglomerados urbanos. Este panorama dá ensejo a interessantes fenômenos de resposta, como, por exemplo, a crescente onda migratória em direção ao interior e às zonas rurais, em detrimento das grandes metrópoles e das megalópoles. As atividades ao ar livre observam um recrudescimento em sua demanda, e as hortas urbanas são cada vez mais comuns. Emerge, neste cenário, o animal de estimação (DIGARD, 1999) como um membro da família estendida, um ser a quem são atribuídas características especiais.

A família contemporânea que inclui o animal de estimação dentro de seu arranjo doméstico costuma fazê-lo de um modo distinto do que se verificava com mais constância em décadas passadas, a começar pelo compartilhamento do espaço íntimo da casa. Fala-se em humanização dos cães, o que pode ser exemplificado com o *status* adquirido pelo animal, verificado em expressões como “só falta falar”, ou “é mais humano que muita gente”. São-lhes atribuídas características outrora consideradas apenas humanas dentro da visão ocidental cristã, como alma pura, fidelidade e amor. Soma-se a isso uma espécie de supra-humanidade, no sentido de que seriam dotados de maior pureza e nobreza, incapazes de trair, ofertando amor incondicional (PASTORI, 2012). O mascote canino seria semelhante ao mais altruísta dos homens, com o adicional de incorruptibilidade, fidelidade absoluta e amor desmedido, tudo de forma desinteressada, fruto de uma essência não apenas boa, mas melhor que a humana. A partilha do lar com esses animais lhes confere grande interação com a rotina doméstica, sendo assimilados como mais um ente querido, no que é chamado de família multiespécie (INGOLD, 1995). Entre os desdobramentos dessa relação, está a adoção de cuidados semelhantes aos dados aos seres

humanos, ao que têm-se falado em filhotização, geriatriação e psicologização animal. Assim, os cães adquirem uma agência distinta, típica da sociedade contemporânea, onde há uma crescente sensibilidade zoofílica (LEWGOY, *et alli*, 2011).

A cristalização dessa espécie de sensibilidade pode ser analisada no surgimento de especializações da medicina veterinária análogas às da medicina humana. Produtos de avanços tecnológicos e da exploração de novos nichos comerciais, as especialidades veterinárias possuem uma relação de dupla via com os detentores de animais domésticos: tanto surgem em decorrência de reais necessidades como criam necessidades previamente inexistentes. Não há dúvidas quanto ao benefício de tratamentos bastante específicos, contudo estão correlacionados com o que Pastori (2012) descreve como psicologização, filhotização e geriatriação, facetas da humanização animal. Como membro da família multiespécie, conforme aponta Ingold (1995), o cão do lar é alvo de atenções e cuidados próprios de membros da família. Na esteira dessa significação contemporânea do animal, disseminam-se elementos pouco ligados ao bem estar físico e emocional do mascote, mas muito mais advindos de necessidades subjetivas humanas: incontáveis peças de roupas e adereços coloridos, calçados para cães etc.

Já na zona pastoril de pecuária extensiva o cão é um ator fundamental no manejo dos animais de produção. Seu trabalho arrebanhando bois e ovelhas possibilita, em um primeiro momento, vê-lo como uma ferramenta a serviço dos homens. Um olhar mais atento percebe que o conceito de ferramenta é limitado, já que sua ação no pastoreio é demasiado autônoma, ainda que sob a vigilância humana. Não caberia reduzi-lo a uma mera função, contudo o âmbito prático envolvido é sobremaneira importante, estando a companhia em segundo plano. Crucial também é atentar para o fato de que, a seu tempo e a seu modo, o campo interage com muitos dos fenômenos citadinos, não sendo possível pressupor uma cisão campo/cidade, onde no primeiro teríamos apenas modos de vida tradicionais, opostos ao modo de vida urbano contemporâneo. Assim, cabe investigar de que maneira se dão as relações entre os agentes humanos e os não-humanos em questão, procurando observar o estatuto canino no meio investigado. Os cães rurais

também experimentam um fenômeno que poderia ser chamado “humanização”, a exemplo dos cães de companhia das cidades. Entretanto, isso não seria pautado por uma filhotização ou por sua agregação como um membro de família estendida aos moldes do cenário urbano, e sim por um protagonismo nas lides rurais que será melhor explicado adiante.

As atividades da ACOG vão para além da cinofilia propriamente dita, possuindo um grande viés cultural. As pessoas envolvidas reivindicam uma tradição para o Ovelheiro Gaúcho, sendo o próprio nome da raça um indicativo disto. Dentre as justificativas para organizar e alavancar a raça, está a preservação de um bem cultural, representado pelo animal. Interessante observar que neste caso não é o pastoreio a tradição reivindicada, mas um tipo racial característico, que é visto como identitário. A criação de gado bovino e ovino em sistema extensivo, ou seja, com os animais soltos em grandes espaços de campo aberto, possui notáveis diferenças do método intensivo, onde os animais ficam restringidos a espaços pequenos. Neste último caso as condições físicas facilitam o manejo, pois o rebanho está próximo e pode ser facilmente deslocado ou receber vacinas e medicamentos diversos. Na pecuária extensiva é necessário que os trabalhadores envolvidos recorram distâncias consideráveis para deslocar os animais de um lado para outro, a fim de administrar remédios, inserir marcas com ferro quente, castrá-los etc. Dentro do contexto aqui tratado verifica-se a prevalência de métodos considerados tradicionais, tais como a sujeição do gado através do laço e a utilização de cães para movimentar os rebanhos. De acordo com os atuais ditames do bem-estar animal, esse tipo de manejo é desaconselhável, por provocar estresse. Zanusso (2006, p. 44) comenta que se deve evitar o uso de cães e pauladas a na tentativa de “ensinar” o gado. O manejo correto, da maneira mais tranquila possível, reflete no produto final, ou seja, na qualidade da carne a ser vendida.

O bem-estar dos animais nem sempre foi preocupação da maioria dos pecuaristas. Atualmente, diante de algumas mudanças nos padrões de consumo, principalmente em relação ao mercado exterior, está entre os fatores que influenciam na hora dos consumidores decidirem pela compra do produto. As evidências dos tratamentos recebidos pelos animais ficam mais claras na hora do transporte para o abate, quando

as condições de estresse depreciam a qualidade da carne, por causa dos hematomas, escurecimento da carne, perda de peso dos cortes, entre outros sinais observados. (ZANUSSO, 2006, p. 40).

A partir da literatura especializada em criação e manejo de animais de produção, contempla-se um dos fatores de intersecção entre campo e cidade. A supracitada sensibilidade zoofílica, que motiva pessoas a estreitar seus laços afetivos e a refinar o cuidado com seus animais de estimação, faz com que haja uma crescente preocupação com o bem-estar dos animais de consumo. Distantes da maioria dos habitantes de médios e grandes centros urbanos, as espécies criadas com o propósito de abate aos poucos ganham espaço dentro da empatia humana; por isso a concepção e o desenvolvimento de métodos que minimizem o estresse e a dor não estão relacionados unicamente à qualidade da carne. Ainda segundo Zanusso (2006, p. 40), o conceito de bem-estar animal é uma herança da psicologia humana. Podemos apreciar aqui, outra faceta da chamada humanização animal. Os animais de produção não entram na família extensa, mas adquirem o direito à não-violência. Contudo, um parêntese se faz necessário: o desenvolvimento de mini-vacas e mini-cavalos recentemente fez com que esses animais pudessem ser adotados como mascotes dentro do ambiente urbano, e raças pequenas de porcos são cada vez mais populares como animais de estimação.

No universo de pesquisa deste trabalho, a permeabilidade entre campo e cidade é notável, e nas propriedades rurais constata-se grande presença de tecnologias de última geração. Contudo, no que tange o manejo dos rebanhos, predominam métodos tradicionais, indo de encontro ao que recomendam as mais recentes pesquisas. A tendência, no entanto, é de que os costumes sofram transformações através da crescente exigência dos frigoríficos, sobretudo no intuito de atender ao mercado externo. Como é presumível, tal tendência não é linear, e a consagração do Ovelheiro Gaúcho como raça, com sua conseqüente divulgação, tende a fortalecer o uso de cães no manejo de rebanhos, contrastando com as pesquisas etológicas e zootécnicas atuais. As atividades da ACOG primam pela aptidão funcional da raça, de modo que o recurso à tradição é uma constante. Entre os objetivos da Associação está o de preservar o comportamento de pastoreio dos cães, e para tanto há a promoção

de provas funcionais. Além disso, a seleção de exemplares para reprodução tem como um dos principais critérios a aptidão no trabalho com o gado.

Roy Wagner escreve:

Além de dar ao mundo um centro, um padrão e uma organização, a convenção separa suas próprias capacidades de ordenação das coisas ordenadas ou designadas, e nesse processo cria e distingue contextos. A delimitação desses contextos e a oposição entre modos de simbolização "coletivizante" e "diferenciante" que ela implica podem ser igualmente tratadas como ficções ou ilusões da convenção, mas são extremamente importantes. Elas decompõem o mundo do ator, e da tradição em geral, em suas categorizações mais significativas e efetivas. (WAGNER, 2010, p.85)

É justamente a transformação do novo elemento em convenção que se opera no presente caso, de modo semelhante ao que ocorreu com o Cavalo Crioulo, a partir da fundação da ABCCC (Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos) no ano de 1932. Se o cavalo, genericamente, já era louvado e visto como inseparável do gaúcho, é a partir da ABCCC que a raça Crioula passa a ganhar destaque e preferência sobre as demais, sendo hoje um dos símbolos do Rio Grande do Sul. A ACOG busca semelhante promoção à raça Ovelheiro Gaúcho, estabelecendo uma convenção em torno da raça.

O caso do Ovelheiro Gaúcho é um processo dinâmico, articulando um grupo de pessoas que reivindica um passado e aposta em um certo panorama futuro. A ACOG reúne documentação que mostra que o uso de cães de pastoreio do tipo racial do Ovelheiro perde-se no tempo e na geografia do extremo sul do Brasil, sendo de origem ainda incerta. A percepção de um processo de mudanças, como o avanço das lavouras sobre os campos de pecuária e a introdução de novas raças caninas, alavanca o esforço para a conservação da raça. O intuito de preservar este cão deve-se a seu valor zootécnico, evidentemente, mas fundamentalmente à associação à imagem do campeiro do sul do Rio Grande do Sul. As falas dos interlocutores indicam que a figura do campeiro ficaria adulterada caso estivesse ao seu lado uma raça de introdução mais recente. Contudo o cão pastor está de tal maneira presente no cotidiano rural dessas pessoas, que não é possível pensar apenas em

motivações subjetivas para entender o apreço e o interesse por esses animais. A elevação ao status de raça e a conseguinte circulação no ambiente de exposições e vendas de cães faz com que aumente o número desses animais nas cidades, onde muitas vezes funcionam como elo simbólico ao mundo rural saudoso ou simplesmente admirado, servindo como reforço à identidade.

Dentro dos clássicos antropológicos, temos alguns exemplos de como os animais se ligam às atividades humanas. *Um ano entre os esquimós* (BOAS, 2004), de Franz Boas, é um texto curto, no qual o autor não sinaliza a intenção de esgotar todos os pormenores da vida dos nativos do Ártico, detendo-se no mais importante. Incluídos aí estão os cães puxadores de trenó, que os levam por longos percursos através do gelo. Boas descreve bem as dificuldades envolvidas nessas viagens, onde arrosta-se as agruras do inclemente clima polar, e as habilidades dos esquimós são levadas ao limite. Mesmo com décadas de experiência em identificar os pontos frágeis do gelo e os que melhor prestam-se à passagem dos trenós, o viajante está sujeito a pequenos erros de cálculo que podem lhe custar a vida. A falta de orientação também representa grande risco, pois no mar congelado fica difícil obter pontos de referência para não se perder. Longos trajetos percorridos a pé são impensáveis; sem os cães seria inviável atingir certos territórios de caça e pesca no inverno, comprometendo a sobrevivência numa região que não permite a agricultura. O autor descreve os procedimentos para conduzir os cães, atrelá-los, evitar brigas, alimentá-los etc. Os animais estão de tal forma unidos às necessidades humanas, e como consequência à sua cosmovisão, que as dicotomias clássicas de natureza e cultura ou humanidade e animalidade necessitam de revisão. Atenuam-se as fronteiras entre esses conceitos, se é que ainda persistem.

Em *Os Nuer*, Evans Pritchard (PRITCHARD, 2011) detém-se longamente nos meios de subsistência desse povo nilota, onde o destaque é a criação de gado bovino. A importância do gado é tal que é possível afirmar que as pessoas não sobreviveriam sem ele, pelo menos naquela primeira metade de século XX. Território sujeito a alagamentos sazonais obriga à transumância na busca por novos pastos. Possuem os Nuer número considerável de reses, no entanto não se utilizam de sua carne em grande quantidade, deixando os

abates para festas e cerimônias. É mais comum o consumo do leite e do sangue, também relacionado à sangria curativa. O clima agreste obriga as pessoas a economizar vacas e bois, apesar de considerarem a melhor carne existente, e fazem-no por que complementem a dieta com agricultura rudimentar, caça e pesca. Estas três últimas atividades são tomadas quase como um mal necessário, pois um Nuer viveria exclusivamente do pastoreio se lhe fosse possível. Seus critérios de honra, status, felicidade e benesses em geral estão intimamente ligados a seus bois, que são seu bem mais precioso e seu principal alvo de cuidado e atenção.

O livro de Pritchard descreve muito bem o esmero com que as pessoas zelam por esses animais, que são recolhidos à noite para dentro de estábulos, tendo seus carrapatos retirados meticulosamente. Toda a rotina de ida ao pasto, ordenha, aproveitamento do couro, desmame e demais ações concernentes aos bovinos são expostas claramente. São de tal modo cruciais para o modo de vida Nuer que novamente a dicotomia humanidade/animalidade perde o sentido.

As agências de animais não-animais, mais evidenciadas nos cães de tração e nos cães de pastoreio, representam um aspecto fundamental da agência humana de seus respectivos contextos, estando ambas interrelacionadas a tal ponto que seria possível falar de uma agência única, híbrida.

Demonstrações da consciência e da intencionalidade de outras espécies abundam em estudos de sociologia animal, comportamento animal e etologia cognitiva, não havendo, portanto, nenhuma justificativa para que a sociologia continue a complexificar a ação humana e simplificar a ação de todas as demais espécies que interagem conosco nos mais diversos contextos. (LIMA, 2012, p. 20)

Philippe Descola (1998, p. 23) diz que as manifestações de simpatia pelos animais são determinadas por uma escala de valor, muitas vezes inconsciente, que privilegia aqueles mais próximos dos humanos, o que seria um antropocentrismo. Os cães, por sua capacidade cognitiva, costumam estar entre os mais amparados por manifestações em prol de bem-estar. As ações protetoras dos animais, portanto, ganham contornos um tanto contraditórios,

por permanecerem antropocêntricas. Outro aspecto curioso que Descola aponta é o aumento da sensibilidade protecionista para os animais com os quais os protetores (majoritariamente urbanos) não têm proximidade, como o gado de corte. A pesquisa de campo empreendida neste trabalho têm demonstrado que, embora a relação com os cães não esteja centrada no sentimento parental, a escala de valores citada por Descola opera, e os cães são humanizados na medida em que lhes exigem disciplina e disposição para o trabalho, como ocorre para os peões.

Sinteticamente podemos dizer que em termos de execução de tarefas e de modo de execução, os cães encontram-se em simetria com os seres humanos, conforme sugere Latour (1994) a respeito da relação natureza e cultura. O autor faz uma crítica aos grandes dualismos modernos, empreendendo uma crítica à própria noção de modernidade. Esta seria caracterizada, sobretudo, por uma ruptura temporal. O moderno se estabeleceu porque para trás deixou suas antíteses. Assim, o corolário do humano é a superação do animal, e o assentamento da cultura se dá na superação da natureza. Mas essas grandes separações seriam um equívoco epistemológico, manifestado na proliferação de híbridos, realidades que colocam em xeque as pretensões de purificação modernas. A relação das pessoas com seus cães de pastoreio é híbrida na medida em que é uma prática cultural inserida na natureza e auxiliada por elementos não-humanos que, pragmaticamente falando, são tão agentes quanto os humanos. Borram-se as divisões entre natureza e cultura e entre humanidade e animalidade.

## **2.1 – O OVELHEIRO GAÚCHO NA LIDA CAMPEIRA**

Visitei Piratini com Felipe Cunha, interlocutor da pesquisa, que sugeriu que entrevistássemos alguns octogenários conhecidos seus, que poderiam narrar suas experiências no trabalho pastoril auxiliado por cães. A propriedade da família de Felipe é uma chácara de 105 hectares, chamada A Querência, e fica distante do centro de Piratini uns 20 minutos de automóvel, por estrada de terra. Partimos de Pelotas em um final de semana, sendo recepcionados pelos latidos de seus diversos cães, que apesar do barulho, são dóceis e

prontamente interessados em contato amigável. Além dos Ovelheiros Gaúchos, há uma cadela mestiça de Ovelheiro e um macho da raça Australian Cattle Dog. A sede é composta por duas casas, uma em que ficam os anfitriões e outra onde reside o empregado, Dione, com sua esposa Alexandra. Há um galpão de madeira ao lado das casas que serve de ponto de confraternizações quando há visitas, um pouco mais distante existe uma construção de alvenaria com cocheiras para os cavalos e, entre as casas e uma imponente figueira, está o canil. Os cães participam do cotidiano rural como em qualquer outra propriedade da região. O que há de diferente é que dormem presos nas instalações do canil. Essa resolução foi tomada após alguns deles terem abatido gansos de um vizinho, gerando atritos. Além de evitar que esse tipo de problema torne a ocorrer, a clausura da noite também evita que predem a fauna silvestre, como os tatus, e ainda os distancia do risco de envenenamento, praticado por alguns produtores rurais eventualmente, como represália principalmente pela morte de cabeças de gado ovino. O canil também serve para controlar a reprodução, separando fêmeas no cio de acordo com a necessidade.

A interferência mútua do urbano e do rural se manifestou em uma cena curiosa. Alexandra segurava em seus braços Floquinho, um cão da raça Poodle, que permanece quase sempre no pátio interno da casa. Foi presente de uma amiga da cidade, e evita de soltá-lo pois se suja muito no barro, e seu pelo é branco. Posteriormente tive a oportunidade de vê-la passeando com Floquinho em uma peiteira cor-de-rosa, no meio do campo, com os demais cães do local correndo pelo campo ao fundo. Diversas vezes percebi a coexistência do tratamento tradicional dado aos cães com a maneira mais urbana e contemporânea de tê-los junto ao lar. Dione gosta dos cães, fala com satisfação do auxílio por eles prestado no manejo do gado, mas não o vi acariciá-los. Quando os animais se aproximam, ele os repele. Sem agressividade, mas com um gesto forte e algum dizer ríspido, como “pra lá”.

Fomos à propriedade de um senhor chamado Dinarte Cardoso, conhecido de muitos anos da família de Felipe e residente nas proximidades. Seu Dinarte é um homem de muita vitalidade para seus 85 anos, de fala fluida e dotado de uma eloquência forjada na escola da vida, já que não aprendeu a

ler. Com sua notável lucidez, contou-nos como saiu do vizinho município de Canguçu com os irmãos para instalar-se em Piratini. Relatou episódios de suas atividades como tropeiro, além de diversas passagens típicas de quem vive à beira da estrada e por isso se vê solicitado a acudir estranhos em momentos inesperados. Por muitos anos, seu Dinarte dedicou-se à compra e revenda de touros, principalmente raças zebuínas, notavelmente mais temperamentais e de mais difícil manejo que as raças bovinas européias. Brigas entre touros são um fato corriqueiro no campo, no mais das vezes limitando-se apenas a empurrões de cabeças. Geralmente um dos contendores bate em retirada quando se vê vencido, evitando ferimentos sérios. Porém quando há vários touros dividindo um mesmo espaço, relativamente pequeno, as brigas tornam-se um problema que exige atenção. Seu Dinarte narrou um episódio muito interessante, transcrito a seguir. Aproveito e transcrevo os demais trechos que considero pertinentes ao objetivo deste trabalho, que fazem parte de uma agradável conversa de mais de uma hora.

**Seu Dinarte:** *O cara que disser assim, “aparto briga de touro de a cavalo, de a pé ou de... aqui nessa fazenda do Mascarenhas, ali eles apartam com trator, quando brigam esses búfalos né. Então aquilo, cavalo também não adianta tu meter em búfalo né, porque se ele toca aí por cima desse auto [automóvel] ele vira, porque é um bicho de mil e tantos quilos. Então eles botam pra mangueira, vão ajeitando e dando com trator, ali é assim que eles trabalham, eu já vi isso. Mas aqui, essa vez que eu to contando, brigou naquela coxilha treze touros, coisa mais engraçada. Sempre vi dois touros brigar, agora assim... brigou dois e os outros começaram a berrar e veio tudo. E aí não se entendiam, homem. Treze touros dando, mas dando! E o meu patrão Firmino queria ir lá de a pé, mas eu digo “Há, tu ta doido homem! Eles te picam lá!”. Aí chamei os cachorros, nós tinha seis cachorros lá na época eu acho, ou sete, uma coisa assim. E mandei os cachorros e eles foram lá e se botaram. Eles mordiam bem né, então se debandaram [os touros]. Mas é feio briga de touro. Só com cachorro, de a cavalo tu não te mete porque eles te viram. Deus te livre!*

Quando é necessário separar uma briga entre touros, o cão é praticamente a única alternativa. Pode ser utilizado um trator, mas caso este esteja longe, em uso na lavoura, ou sem combustível, só mesmo os cães para

sanar a situação. O cavalo aqui não resolve, pelo risco do touro vira-lo com o cavaleiro. O cão neste caso é comparável a um agente especializado e indispensável. Não hesita em enfrentar um animal muito maior e mais forte, pelo que é tido por valente pelas pessoas, que admiram sua intrepidez e estabelecem a galhardia como um dos atributos do bom cachorro campeiro.

O interlocutor enfatiza a docilidade dos Ovelheiros para com as ovelhas, dizendo que é possível deixar esses cães até mesmo junto aos cordeiros recém nascidos sem risco de predação. Deixa claro que cães de outro tipo representam um risco, não sendo aconselháveis para trabalhar com rebanhos ovinos. Há uma preocupação especial da ACOG em manter esse padrão de comportamento. Felipe comentou que a Associação visa evitar uma prevalência da seleção morfológica, o que poderia descaracterizar o comportamento, fato verificado em diversas outras raças. Para isso, planejam provas funcionais, onde a aptidão para o trabalho com o gado seja avaliada. Ainda que a ação dos cães junto aos bovinos e ovinos seja um tanto agressiva, a docilidade é uma das características mais desejáveis. Os produtores rurais e os criadores da raça esperam um cão que lata e intimide, mas que não morda as ovelhas, e que morda vacas e bois apenas de leve, como um beliscão de alerta, sem causar ferimentos.

O cão aparece como um peão, quando seu Dinarte comenta que seu filho trabalha sozinho na parte da tarde, sendo auxiliado por um cachorro amarelo que traz todas as ovelhas, não deixando nenhuma para trás. Sem a atuação desse companheiro de lida, a atividade de recolher as ovelhas seria bastante cansativa para um homem sozinho. E homens e mulheres sozinhos ou com pouco auxílio são bastante comuns na região, conformada por muitas propriedades pequenas e médias.

**Eric:** *Como o senhor acha que seria a lida se não fossem os cachorros?*

**Seu Dinarte:** *Mas Deus o livre rapaz! Aquilo... o cachorro Ovelheiro e o cachorro bom, o que descansa o gaúcho e o cavalo não ta no gibi. Porque por exemplo, tu tem lá onde ta aquele touro, ta um rebanho de ovelha lá, no que abriu a porteira tu manda um cachorro e o cachorro vai lá e traz, tu não precisa ir lá, traz tudo, não morde nem*

nada, vai só acuando na volta e vem, porque a ovelha o cachorro acua e ela se junta toda né, e vem embora, não tem que andar de a cavalo de muito em muito e coisa né. Ah o cachorro, mas é uma ferramenta pro gaúcho, tu nem sabe o que é que é um cachorro bom. Eu gosto muito de cachorro, toda a vida nós tivemos cachorro bom aqui, toda a vida, toda a vida. Mas a gente pesquisa muito né, a gente não vai numa casa pegar um cachorro que tu não viu a mãe trabalhar nem o pai. Não, a gente primeiro vai ver né. O fulano noticia pra ti, tu fala pros teus amigos, “escuta, o fulano tem um cachorro assim, tem assado”. Eu vou aproveitar e contar pra vocês, aqui tem um senhor, ele é meu amigo, Algeu Oliveira o nome, e eu vi um cachorro desse homem trabalhar (...) Então chegava o gado, 40, 50 reses, o seu Algeu já vinha assim, a senhora dele, a dona Maria, já é morta, trazia assim um chimarrão e dava pro dono do gado, e ele trazia uma cadeira e mandava o homem sentar. “O senhor sente-se que eu faço o serviço sem perigo nenhum”, e falava com o cachorro. Ah, esse cachorro sabia tudo, **esse cachorro tinha muitas pessoas que perdiam na inteligência pra ele**, eu vi isso que eu to contando. Aí ele falava, não me lembro o nome dele agora, ele falava “fulano!” e ele ia lá, fazia a volta e só pegava, dava uma pegadinha bem embaixo no casco, porque ali se faz sangue não abicha, porque pega o barro, pega o sereno né, só na unhazinha embaixo. Tem cachorro que pega em cima, ali faz bicheira. O seu Algeu mandava o fulano e ele ia lá e o seu Algeu só controlando o tronco [dispositivo articulado que mantém presa a vaca ou boi pelo seu pescoço], e ele não pegava um sem o outro cair na água [do banho sanitário]. O cachorro sabia, rapaz. Eu vi o cachorro trabalhar e disse assim, “seu Algeu, o senhor não leva a mal, eu vou falar uma coisa pro senhor. O senhor quer uma vaca com cria escolhida em todo o meu gado por esse seu cachorro?”. “Não, seu Dinarte. Eu não levei a mal sua proposta, agora, o senhor não vai levar a mal a minha também né, por dez vacas com cria eu não troco o meu cachorro.” Aí me matou né.

Novamente temos o destaque do auxílio dado pelos cães, que podem realizar sozinhos e com rapidez tarefas que ocupariam bastante as pessoas, como conduzir um rebanho de ovelhas. Nosso interlocutor ressalta que com o cão não é necessário ir até o rebanho nem ficar perambulando a cavalo, pois ele o traz e sem machucar, apenas dando uma mordida de alerta se necessário. Novamente a valorização do Ovelheiro dócil, que acua os ovinos e

os obriga a tomar determinado rumo, mas não os agride. Seu Dinarte utiliza o termo “ferramenta” para designar o cão.

Logo mais revela que há critérios para adquirir um filhote canino, e que pesquisam muito para isso. Primeiro vão ver os pais trabalhando, e a partir da aprovação ou não das capacidades dos pais é que decidem por ficar com algum filhote da ninhada. Existe um processo de seleção genética baseado em saberes tradicionais. Pessoas distanciadas do conhecimento formal sobre melhoramento animal (seu Dinarte, por exemplo, não lê nem escreve) procedem de forma empírica no refinamento racial, buscando ressaltar características através de cruzamentos selecionados. Esses saberes tradicionais incluem a priorização dos cães que sabem o lugar certo de morder sem causar bicheira, como foi dito na transcrição acima. E o alto valor que se dá a um cão que atenda às expectativas humanas fica expresso na negativa em trocá-lo, mesmo por cabeças de vaca. As pessoas aqui retratadas vêem seu cão pastor como uma poderosíssima ferramenta e lhe estimam como a um bom peão campeiro.

**Felipe:** *E era Ovelheiro?*

**Seu Dinarte:** *Ovelheiro puro rapaz! A cadela mãe do cachorro era lá do Paulinho, teu primo (...). Aí tchê, eu disse assim, “seu Algeu, o senhor me dá uma cria desse cachorro?”. “Dou seu Dinarte, pode trazer [uma fêmea para cruzar]”. Aí cuidei uma cadela, eu tinha uma cadela boa aí, bem lanuda, e levei e botei o cachorro. Tirei não sei quantos cachorros, dei pros vizinhos e fiquei com o Serrano, um cachorro pintadinho, bem pintadinho, um cachorro mediano assim. Esse cachorro eu ficava gabando ele e ele ficava bem louco de faceiro. Eu tava conversando com vocês, “bah, Serrano, mas aquele dia”, contando uma história verítima (sic) assim né, ele esfregava em mim, sacudia a cola, e eu dizia, “mas e aquele dia, que cagada que tu fez não é?”, ó! [gesto de fuga] mas que coisa engraçada hein homem? Tu sabe que o cachorro entende tudo. Não é todo cachorro, não é todo cachorro. Esse meu sabia tudo, tudo, tudo que tu imaginasse e mais um pouco, coisa mais engraçada.*

**Felipe:** *Hein seu Dinarte, antigamente eu ouvi muito o vô dizer que quando tinha algum cachorro que pegava alguma ovelha, se matava né, o cachorro. O senhor chegou a ver muito?*

**Seu Dinarte:** *É, eu vi cachorro... eu acho que eu não matei nenhum cachorro. E tem uma coisa, eu só pra matar um cachorro se eu ver ele comendo uma ovelha tua ou minha ou de Pedro ou Paulo, sendo uma pessoa conhecida assim né, aí eu me animo a matar. Mas do contrário, como tem gente que mata o cachorro pra ver o cachorro morrer, ou um cavalo. Isso nunca ninguém viu e não vão ver.*

É possível inferir da conversa com seu Dinarte uma visão bastante particular das pessoas da região sobre os cães utilizados nas tarefas com o gado. Existe um conjunto de saberes que são aplicados na criação dos cães, especialmente em sua reprodução, onde os mais admirados pelo seu desempenho no campo são também mais estimados para a reprodução. Uma humanização dos cães existe na medida em que estes atuam de modo similar ao ser humano, executando as mesmas tarefas, e na medida em que as pessoas envolvidas esperam uma conduta que difere bastante da dos outros animais. O cão atua como um campeiro, auxilia o homem na lida com outros animais, é um companheiro. No entanto, quando sai do esperado e ataca os animais que deveria proteger, está sujeito a sanções. Seu Dinarte comenta que jamais mataria um cão apenas por matar; o faria somente se surpreendesse o animal matando uma ovelha, e de alguma pessoa conhecida. Essa punição transcende a proteção ao bem econômico representado pela ovelha abatida, é um revide a uma atitude de deslealdade. No Rio Grande do Sul existe a expressão “sorro manso”<sup>6</sup>, que indica a pessoa ou o animal que é dissimulado, velhaco, traiçoeiro. O sorro manso é o selvagem que se faz de doméstico. A expressão é comumente aplicada ao cão não confiável.

Após a conversa, Felipe ficou especialmente contente com as informações obtidas. A fala de seu Dinarte foi inequívoca no sentido de enfatizar a preferência pelo Ovelheiro no pastoreio, em detrimento de outras raças. Ademais, fez uma delimitação geográfica, apontando a ausência da raça nas zonas de colonização alemã e pomerana. Onde há colônias, não se verifica o Ovelheiro, e onde há o Ovelheiro, os cães do tipo Policial são muito

---

<sup>6</sup> Sorro, adaptação do vocábulo castelhano zorro, é nome dado ao graxaim (*Pseudalopex gymnocercus*), canídeo silvestre amplamente distribuído pela América do Sul e frequentemente predador de animais domésticos, como cordeiros e galinhas.

esporádicos, aparecendo eventualmente vindos de outras zonas. Isso inclusive reforça a correlação entre *gaúcho* e cão Ovelheiro.

No dia seguinte Felipe nos levou à casa do senhor Zoido de Jesus, 83 anos, casado com uma prima de sua mãe. Ainda trabalhando, seu Zoido é artesão em couro, que no Rio Grande do Sul é denominado *guasqueiro*<sup>7</sup>. Seu Zoido dedica-se à confecção de peças para a montaria e objetos decorativos variados. Em sua fala, a ênfase foi sua especialidade, da qual fala com vivo interesse. Revelou peculiaridades do trabalho em couro, as diferenças entre os artefatos atuais e os de sua juventude e as preferências dos consumidores, além de diversos outros assuntos relacionados ao universo rural, do qual faz parte. A respeito dos cães de trabalho, nos falou sobre como adquirem a capacidade de lidar com o gado. A partir dos seis meses põe-se o cachorro em maior contato com os mais velhos, e com eles acaba aprendendo o que fazer. Posteriormente obtive relatos semelhantes de outros informantes, de que o Ovelheiro aprende com pouca ou nenhuma interferência humana direta, tendo outros cães por seus mestres. Durante o período passado na chácara A Querência, observei dois filhotes de aproximadamente seis meses de idade, que acompanham os adultos nas movimentações ao redor da casa. No entanto, não vão até o curral nem muito longe no campo. Felipe me comentou que paulatinamente vão ganhando confiança até agir como os demais cães.

Nos falou sobre os cães chamados Veadeiros, que como o nome sugere eram muito empregados na caça de veados. Ótimos para esse fim, são considerados ruins para trabalhar com rebanhos, e novamente ouvimos elogios sobre o Ovelheiro Gaúcho. Seu Zoido concluiu cético com relação ao prosseguimento do ofício de *guasqueiro* pela nova geração. Disse que frequentemente é procurado por jovens que dizem querer aprender sua arte, mas que não querem aprender do início, da preparação do couro que começa já no ato de tirar a pele do animal.

O município de Piratini possui uma configuração geográfica peculiar dentro da Metade Sul. Situado na Serra do Sudeste, tem um grande número de

---

<sup>7</sup> Em *quíchua*, *uaskha* é o nome dado a uma tira ou correia feita de couro cru. Em suas andanças pela América do Sul, dos Andes ao Prata, os espanhóis disseminaram muitas palavras desse idioma, sendo vários os exemplos de vocábulos *quíchua*s no linguajar sul-rio-grandense.

propriedades pequenas e médias, diferenciando-se dos grandes latifúndios predominantes na região da Campanha. Todavia, não apresenta um arranjo de minifúndios agrícolas como no caso do vizinho município de Canguçu. É marcante a pecuária familiar, caso de seu Dinarte e da família de Felipe. Isso significa uma maior necessidade do cão como elemento de trabalho, já que nessas propriedades as tarefas são executadas com menos mão de obra do que nas grandes estâncias. Estar, apesar de contarem com poucos peões atualmente, em comparação com décadas passadas, também não costumam ter as tarefas delegadas apenas à família dona das terras. No mais das vezes, os agentes de trabalho são os próprios proprietários e suas famílias, eventualmente contando com um ou dois empregados. Além disso há grande quantidade de mata nativa e acidentes geográficos, contrastando com os amplos campos naturais de ondulações suaves que passam a predominar do município de Candiota para o oeste. Como consequência, um dos desafios no manejo com o gado é tirá-lo do meio da vegetação, muitas vezes cerrada e por onde o cavalo não passa. Neste caso o auxílio do cão é inestimável e essencial, como me disse Dione, seu Dinarte, seu Zoido e seu Reinaldo, interlocutor que aparecerá logo mais. Ao analisar o panorama oferecido por Piratini, considerei o município bastante benéfico em suas particularidades para meu objeto de estudo. Mesmo assim, quis fazer uma visita a uma estância clássica, com grandes extensões de campo aberto, vários peões e situada longe da cidade. Isso porque a presença dos Ovelheiros é igualmente marcante neste outro tipo de cenário, e assim considerei válido proceder a uma breve comparação.

Com esse intuito, realizei uma parte da pesquisa de campo em uma estância, tendo como principal interlocutor Guilherme Piegas, também residente em Pelotas. Sua família possui um estabelecimento centenário, a Estância Cerro Agudo, com 2.300 hectares e localizada no município de Pedras Altas, tendo sido adquirida por seu bisavô em 1906. Eu nunca havia visitado o lugar, e a pesquisa de campo também seria proveitosa para conhecê-lo. Partimos de carro rumo a Arroio Grande e Herval, cidades do caminho e nas quais Guilherme precisava ir para cumprir alguns compromissos como advogado. Nos poucos minutos em que paramos em cada uma delas,

pude reparar em cães Ovelheiros perambulando pelas ruas. Chegamos ao Cerro Agudo já noite; logo ao sair do carro, dois simpáticos Ovelheiros vinham já nos saudar, abanando os rabos e tentando contato físico. Assim como Dione, Guilherme espantou-os, impedindo contato. Fomos recepcionados pelo seu pai, que é Engenheiro Agrônomo e dedica a vida à produção pecuária, tendo sido o primeiro brasileiro a julgar ovinos na Argentina. Entre os méritos da Cerro Agudo está o de ser a única estância a ter participado de todas as edições da Feovelha, maior exposição de ovinos do Rio Grande do Sul, e que ocorre no vizinho município de Pinheiro Machado. Também foi o primeiro estabelecimento rural a importar para o Brasil reprodutores de alta qualidade, diretamente da Nova Zelândia na década de 1970. É importante levar em conta esses fatos e relacionar com a utilização de cães em todo o histórico da propriedade. Enquanto jantávamos os cães latiram em alguns momentos, fazendo com que fossem olhar à janela. Na região, crimes de abigeato e mesmo de assalto às sedes são comuns, conforme me relataram. Isto se deve às grandes distâncias e isolamento, somados à proximidade do Uruguai, para onde é fácil evadir-se. Pude verificar a eficácia dos cães como instrumento de alarme. Os Ovelheiros não servem para a guarda, mas sempre latem quando um estranho se aproxima.

Ao raiar do dia seguinte Guilherme e eu encilhámos e partimos a cavalo a fim de que me fosse apresentada a propriedade. A estância estava calma, os empregados ocupados com uma cerca, os cães deitados tranquilamente pelas sombras das árvores em volta da casa. Fazia sol, e com a claridade pude ver o cenário oculto pela escuridão no momento de minha chegada. A sede está a mais de 300 metros de altitude, circundada por zonas mais baixas. Ao sul, avista-se o Uruguai, que fica a 30 quilômetros de distância. Ao norte é possível ver a usina de cimento de Candiota, e à noite vê-se ao longe um clarão provocado pelas luzes da cidade de Bagé. Do alto da elevação que dá nome ao lugar é possível mesmo ver a cidade de Bagé, distante cerca de 100 quilômetros.

Quando partimos para a cavalgada já comecei a notar peculiaridades dos Ovelheiros. O comportamento de um animal doméstico pode ser uma maneira de observação indireta do ser humano, já que é produto de uma

seleção pensada, seja da maneira acadêmica ou oficial, por assim dizer, seja pelo conhecimento empírico popular ao longo das décadas. Há no lugar, além de Ovelheiros, um cão da raça Cimarrón Uruguaio e alguns sem raça definida. Enquanto encilhávamos os cavalos, os ovelheiros se aproximaram e quando saímos eles foram junto. Cavalgamos por mais de três horas, e os Ovelheiros sempre nos acompanhando, e só eles; os outros cães permaneceram indiferentes. A exceção foi o Cimarrón, que também nos acompanhou todo o tempo, mas perseguindo uma cadela Ovelheira na qual estava interessado. Os outros cães machos que estavam presentes, todos Ovelheiros, não ousavam se aproximar-se da fêmea em questão, e quando ousavam eram duramente repelidos pelo Cimarrón. O comportamento mais dócil do Ovelheiro faz com que evite brigas, e o Cimarrón, bem maior, mais pesado e dominante, lhes provoca receio. Além de acompanharem sem serem chamados, os Ovelheiros demonstram constante disposição e alegria, correndo de um lado para o outro, brincando entre si e jogando-se nos açudes e sangas do caminho.



Tanto em Pedras Altas como em Piratini, cães não entram em casa, e estão sujeitos aos rigores do clima e das tarefas da pecuária. Em Pedras Altas são tratados de um modo mais impessoal, muitos não tendo nem mesmo nome. Os cachorros da estância são bem quistos e aceitos, mas sem o afeto dispensado a um *pet* urbano. São primeiro animais de trabalho, depois de estimação. Em Piratini o caso é ligeiramente diferente. Os proprietários dos

Ovelheiros são aficionados da raça, e dispensam a eles grande atenção e cuidados. O fato de Felipe ser estudante de Medicina Veterinária é um fator a mais no tratamento dos cães. No entanto, o grande número (10) e o fato de viverem soltos no campo, não dividindo o ambiente doméstico com as pessoas, pulveriza o afeto de modo a não ser o mesmo dado, por exemplo, a um cãozinho de apartamento. Ocorre que os Ovelheiros portam-se da mesma maneira nos dois contextos. Em minha primeira vez em ambos os locais, os animais foram em minha direção pulando, lambendo e fazendo ruídos alegres. Agem assim mesmo com as pessoas que não lhes dão muita atenção. Quando repreendidos, afastam-se um pouco e logo retornam em busca de contato.



Por serem tão afáveis, não são adequados para guarda, somente para o alarme. Quando nosso dia encerrou, a mais forte impressão que tive foi a do nítido interesse dos Ovelheiros nas atividades humanas, mais do que os outros cães, que se mostraram indiferentes e mesmo refratários à minha aproximação. O segundo dia amanheceu chuvoso, o que praticamente cessa as atividades nas estâncias em geral. Fiquei um pouco desapontado, afinal não haveria muito a observar. Pensei em aproveitar para realizar algo que já tinha em mente, conversar com alguns empregados. Não pude no momento em que me propus, pois estavam ocupados. Fui surpreendido por uma bela cena.

Escutei um som de galope, e ao olhar pela janela da sala vi dois cavaleiros de ponchos esvoaçantes, chapéus de aba larga para a chuva, conduzindo alguns bois para um curral próximo à casa. O irmão de Guilherme, Victor (outro veterinário) iria colocá-los em um caminhão para levá-los a algum lugar a fim de negociá-los. A trote e a galope iam conduzindo as reses sob o céu cinzento, contrastando com o verde intenso das coxilhas. Eram auxiliados por cães Ovelheiros. Desafortunadamente estava desprevenido e não pude fotografar o momento de grande impressão estética.



Feita a observação em contexto de grandes extensões de campos abertos, era hora de retornar a Piratini, para o terreno acidentado e rico em vegetação. Cheguei na chácara num dia em que colocariam brincos nas vacas, objetos de plástico numerados, fixados na orelha dos bovinos e que auxiliam no controle de vacinação, inseminação etc. Seria uma oportunidade de ver os cães em ação. Na chegada, os únicos cães que vi foram dois filhotes de Ovelheiro, com cerca de 4 meses de idade, e o Poodle Floquinho, no colo de Alexandra. Os demais estavam voltando do campo, conduzindo as vacas com Dione e seu irmão Wagner, que não trabalha lá, mas tinha ido auxiliar na ocasião. Felipe me comentou.





Já próximas à sede, as vacas foram colocadas em um piquete, que é um espaço delimitado por arame, para a realização da contagem. Feita esta, verificou-se que estavam faltando 4 vacas. Os irmãos retornaram ao fundo do campo, e cerca de meia hora depois regressaram com as faltantes. Havia se embrenhado no mato, e de lá foram tiradas graças à ação dos cães. A seguir colocarei uma sequência de fotos e a explicação do processo em curso. Na primeira foto observamos um filhote ao lado do seu pai. Os cães jovens manifestam grande interesse pelas atividades dos adultos, e por observação e imitação já vão aprendendo, antes de tomarem parte efetiva nas tarefas. Na foto seguinte, um jovem Ovelheiro acompanha atento a movimentação a que tomará parte em poucos meses.



Acima, as vacas são colocadas dentro de um primeiro piquete. Esta é a primeira parte da segunda etapa. A etapa inicial ocorreu no campo, no ato de reunir o gado e conduzi-lo até esta área das fotos. Coincidentemente, no momento em que chegávamos à propriedade, de automóvel, os animais estavam dirigindo-se de um ponto ao outro. Ficamos esperando até que adentrassem nas áreas menores, pois poderiam se assustar com o veículo e debandar, o que acarretaria em ter de repetir todo o processo, estressando as vacas e cansando os cavalos.



A seguir são conduzidas a um espaço menor, tendo sua relutância vencida pela tenacidade dos cães. O gado tenta afastar-se do funil onde se mete, e com isso há uma grande movimentação. Os cães latem em alvoroço, e os homens gritam e agitam pedaços de pau com garrafas plásticas para fazer barulho, e alguns com ferros pontiagudos para empurrar os animais, em ação análoga à espora. Na foto acima é possível ver tudo isso. Este segundo espaço vai dar em um curral de madeira, onde começa o manejo mais intensivo das vacas. Sabendo disso (pelo fato deste processo já ter ocorrido várias vezes

antes), elas relutam em ir adiante, sendo necessário que os homens gritem agressivamente e que os cães latam, eventualmente dando pequenas mordidas em suas patas, que não causam ferimentos. Além da resistência em prosseguir, não é raro que algumas tentem ultrapassar a barreira de arame, conforme ilustra a imagem que segue:



A impressão que se tem é de que foram os cães que empurraram a vaca em direção aos arames, contudo eles estavam tentando conduzi-la para junto das outras. Não aparece nesta imagem, mas há um macho que tem por hábito ficar do lado de fora desse piquete, contornando a cerca e assim desencorajando, com sua presença e latidos, atitudes como a da vaca desta foto. Segundo o seu Mauro Cunha, ninguém lhe treinou para isso, tendo assimilado a necessidade e aprendido sozinho a coordenar-se em equipe com os outros Ovelheiros. Uma vez no curral de madeira, os bovinos vão sendo aos poucos levados ao brete, que é um corredor estreito, de modo que só passa um animal por vez, e que vai dar no aparato chamado tesoura, que prende a rês pelo pescoço. Essa sujeição não é por pressão e não machuca o gado; utiliza o mesmo princípio das algemas.







Nas fotos acima, os cães “incentivam” o gado a avançar rumo à tesoura. Uma vez nesse ponto, ao invés de resignar-se com o destino, o gado parece ficar ainda mais inconformado, talvez afetado pelo espaço pequeno e superlotado. Uma nova sessão de gritos e latidos tem início.





Além dos Ovelheiros, há um exemplar da raça Australian Cattle Dog, como já havia mencionado. De acordo com os interlocutores, é bastante interessado nas atividades campeiras, mas considerado muito mais agressivo que os Ovelheiros. É adjetivado como um “cachorro mau”. Morde com força as patas do gado, provocando ferimentos que sangram bastante e provocam dificuldade de locomoção, principalmente nos animais mais jovens. Como resultado, é necessário pegar as vacas ou terneiros feridos e curá-los, para que não crie bicheira, que é a proliferação de larvas de moscas. Isso demanda tempo, esforço físico e gastos com remédios, além do dano ao bovino atingido. Felipe e seu pai já pensaram em se desfazer desse cão, dono de um temperamento não previsto quando de sua aquisição ainda filhote. Não o fazem por terem um apego sentimental a ele e a consciência de que o abandono de animais é uma atitude nefasta. Mais uma vez percebe-se o cruzamento entre práticas tradicionais e visões mais recentes. Conforme o senhor Dinarte Cardoso e Felipe Cunha, muitas pessoas matam os cães que consideram prejudiciais, que são vistos como maus e daninhos, ou desleais e traiçoeiros. Há no Rio Grande do Sul o seguinte dito popular: “Cachorro que come ovelha, só matando”. No entanto, as transformações contemporâneas oriundas dos centros urbanos são também sentidas no mundo rural, que não está isolado dos acontecimentos globais. Isso ocorre em grande medida pelas

peças como Felipe e sua família, que transitam constantemente entre o campo e a cidade.



Nas fotos anteriores, o primeiro passo para tratar as mordidas muito fortes, a contenção pelo laço. A seguir, detalhe da última foto, mostrando o tamanho do ferimento, e em seguida cenas de imobilização e aplicação de remédios:





Encerradas as atividades, no regresso à casa os cães seguem sempre presentes, como ilustra a fotografia a seguir:



No dia seguinte, Felipe me levou à casa de um antigo amigo de sua família e residente das proximidades, seu Reinaldo. É um homem de seus setenta anos, com o rosto marcado por um coice que levou em seus anos

moços. Nosso anfitrião novamente ressaltou que é esta raça a mais adequada ao manejo do gado, e falou de sua importância crucial para tirar as reses do mato. Felipe lhe perguntou sua opinião sobre o que seria do gaúcho sem seu cão e seu Reinaldo respondeu que “não existiria gaúcho”. Justificou sua asserção categórica dizendo que é mentira que o cavalo é o melhor amigo do homem, pois se este cai o cavalo vai embora e o deixa sozinho, enquanto que o cachorro permanece sempre ao lado de seu dono.

**Seu Reinaldo:** *O gaúcho diz que o melhor amigo é o cavalo, mas é engano seu! O cavalo é o maior inimigo do gaúcho! Tu te viu enredado e salta ligeiro pra saltar do teu cavalo, pode ser um matungo veio [cavalo comum, ordinário, sem raça], ele sai fora e te deixa. O cachorro não. O cavalo eu cansei de vaca me atropelar, eu sair do cavalo e o cavalo sair fora e me deixar. O cavalo é um bicho medroso e assustado, se tu ta curando um animal e uma vaca te atropelar e tu correr direito ao cavalo, ele se manda e tu nem chega perto pra montar, pra disparar. E o cavalo dorme muito, facilita ele ta dormindo, cinco minutos, dez minutos. Às vezes tu chega e ele ta dormindo, e ele não aceita de jeito nenhum tu saltar nele rápido.*

Dione, o empregado da chácara A Querência, acompanhava a conversa e completou:

**Dione:** *Uma vez o pai deixou os arreios lá no campo do finado Eduardo pra pegar o ônibus. O cachorro ficou o dia inteiro na volta dos arreios, não deixava ninguém chegar perto. Diz que já aconteceu, se uma pessoa morre o cachorro fica ali o dia inteiro, até chegar alguém. Dois dias, três dias, até acharem. Ele uma vez deixou cair um blusão no meio do campo, e deu falta do cachorro, e voltou e o cachorro tava cuidando o blusão.*



Antes de partirmos, os cães aglomeravam-se junto à porta da casa, mesmo sabendo que seu acesso a ela é proibido.



### **3. A GENTE SEMPRE ACREDITA NOS NOSSOS CACHORROS. ENTRE O CAMPO E A CIDADE, O TRABALHO E A COMPANHIA**

Há pouco tempo mudei-me para uma zona bem mais residencial, onde predominam casas em lugar de edifícios de apartamentos. A atual vizinhança possui muito mais cães do que a antiga, e um acontecimento interessante é a sessão de uivos ocasional em algumas noites. Enquanto redigia o término deste trabalho, fui atingido pelo marcante ruído de muitos uivos ecoando pelo céu. O som, que é um contato físico invisível, tem o poder de nos transportar a lugares nunca visitados. Casa vazia, profundo silêncio, e o repentino preenchimento da atmosfera por aqueles sons me provocou algo difícil de descrever. Estamos acostumados a ouvir latidos, e uma sinfonia de uivos tem o aspecto misterioso e marcante de uma floresta dominada por seres desconhecidos. Ao ouvi-los, pareceu-me mais evidente que nunca uma verdade elementar, mas que costuma permanecer velada: há pouco tempo atrás, ontem à noite mesmo, em escala temporal evolutiva, esses simpáticos seres sob nossa tutela eram os donos das madrugadas cheias de breu às quais lutávamos para sobreviver. O uivar de uma matilha podia nos inspirar medo, respeito, veneração, entre várias conjecturas possíveis. O certo é, no entanto, que indiferentes não podíamos ficar, como eu mesmo não pude.

De pronto passei a imaginar a finalidade daquela manifestação sonora, e ao pensar que um dos intuitos principais é reunir a matilha, certo sufoco senti ao dar-me conta da inutilidade daquilo. Os cães do meu quarteirão jamais poderão se reunir, excetuando um ou outro encontro ocasional, mediado por uma coleira. Todos esses, que aos uivos se comunicam, conhecem-se de certa forma, sabem das presenças uns dos outros, estão familiarizados com suas "vozes". Mas o impulso ancestral de reunião e interação está, senão de todo impedido, ao menos reduzido à quase nulidade devido à tutela humana. Olhei para meus três cães, que ergueram suas cabeças em direção ao pátio, de onde vinham os sons, e vi que passados alguns segundos largaram-se novamente em repouso, com olhar de resignação.

Como em sequência fílmica, revi todos aqueles cães pastores que acompanhei durante o trabalho de campo, correndo, ágeis, atrás das patas de bois e ovelhas. Revisitei as imagens suas rolando nos pastos, mergulhando nos córregos e enlameando membros e flancos. Novamente contemplei sua feição de plenitude acompanhando pessoas a cavalo, em direção aos horizontes dilatados da Campanha gaúcha ou pelas subidas e descidas da Serra do Sudeste, contornando pedregulhos e arvoredos. Também, seu olhar de regozijo ao fim de uma recorrida ou aparte de gado. Pensei, então, no costumeiro confinamento dos meus cães, que embora tendo um pátio à disposição, estão sempre ansiosos pelo próximo passeio. Pensei que encarar o passeio como maneira de proporcionar de um bem a esses seres seja, talvez, o sentimento de indulgência de um humano arrogante. Ou, pior ainda, a vã tentativa de aliviar uma culpa, sempre esperando por aflorar.

Lembrei-me do filósofo Diógenes de Sinope, apodado O Cão, e de que, para ele, espelhar-se nos cães estava justamente em inspirar-se em sua liberdade. Pensei, claro, no ceticismo de sua filosofia, e reconfortei-me na esperança de que tudo o que acabara de pensar talvez não passasse de vãos fluxos de ideias, que fazem sentido quando vêm, para logo parecerem absurdos quando esmaecem. O fato é que esses animais são nossos desconhecidos íntimos, e têm muito a nos dizer. Ao observar todas as modalidades de pensamento sobre eles que consegui, os questionamentos superaram em muito quaisquer tentativas de respostas. Pensei sobre a liberdade, conceito tão caro a nós, humanos. Pensei no fato de sermos os únicos animais conhecidos a produzir reflexões e a enunciar discursos sobre ser livre, e contraditoriamente sermos os únicos que, por natureza, sofrem pela falta de liberdade - seja pela supressão dos direitos dos semelhantes, seja pela tantalizante busca à quimera conceitual que tanto anelamos. Talvez insatisfeitos com a inalcançável liberdade, resolvemos domar as feras e decidir sobre seu ir e vir. Pensei se não seria melhor abdicar de conviver com cães no futuro. Repentinamente, os uivos pararam, ao mesmo tempo.

Neste capítulo, com exceção da entrevista a seguir, omiti os nomes dos interlocutores e os locais das entrevistas por motivos que ficarão claros em seguida. As informações foram colhidas nos municípios de Bagé, Morro

Redondo, Pedras Altas, Pinheiro Machado e Piratini, entre junho de 2013 e março de 2015.

Convidei Felipe Cunha para uma entrevista em meu programa de rádio. Combinamos previamente as questões a serem levantadas, de modo que não intercalamos com perguntas e respostas, favorecendo a uma fala fluida. Nos trechos em negrito, a idéia de destacá-los foi minha, para depois proceder a uma breve análise. Segue a transcrição de algumas partes da entrevista:

*Bom Eric, boa noite, agradeço o convite para vir falar aqui sobre Ovelheiros, (...) mostrar como eles foram selecionados, mostrar a **rígida seleção** que sofreram os ovelheiros, e que até hoje muitas vezes **se aproxima de uma seleção natural**, onde muitas vezes vemos os cães passando por momentos de, literalmente de trabalho, onde não são realmente alimentados direito. Classicamente vemos isso nos ovelheiros, provando a **rusticidade da raça e a adaptabilidade nas situações vividas aqui no Rio Grande do Sul.***

Ressaltou a rusticidade dos animais, o quão adaptados estão às intempéries e ao clima agreste do Rio Grande do sul, onde existe enorme variação térmica, frequentemente de maneira abrupta. Atribuiu-lhes uma espécie de seleção natural, característica comumente apontada em outro animal fortemente associado ao Rio Grande do Sul – o Cavalo Crioulo.

*É importante ressaltar que os comentários aqui não são contra as **outras raças que acabam por ser alienígenas à nossa cultura, raças que não tem nada a ver com a cultura gaúcha** mas que acabaram **virando modismos** dentro do nosso cenário pecuário. Não, nós queremos aqui mostrar o que é o ovelheiro, demonstrar as reais características dos ovelheiros, as qualidades e principalmente **conscientizar a população** que acha que tem outra raça em casa e simplesmente tem um ovelheiro.*

Reforça o envolvimento cultural com o Ovelheiro, caracterizando-o como parte integrante da tradição. Classifica outras raças também utilizadas para o pastoreio como alienígenas, sem relação com a cultura gaúcha, como meros modismos. Desse modo, percebe o Ovelheiro como um elemento dos usos e costumes regionais, tão associado à cultura típica como um artefato ou peça de

indumentária. Salienta a necessidade de conscientizar as pessoas para o valor da raça, já que, embora muito presente no campo há mais de um século, apenas recentemente vem ganhando status de raça no sentido cinológico oficial.

*Os ovelheiros, eles, hoje em dia não estão no cenário comercial, digamos assim, presentes em revistas, revistas de pets ou programas de TV ou aparecendo muito na internet porque, quem conhece o dia a dia dos proprietários de ovelheiros sabe que os criadores que levam a exposições e essas coisas, geralmente é no fim de semana, e o trabalho na estância, no campo, geralmente acontece também no fim de semana. Então são raras as situações em que um proprietário vai **deixar de trabalhar com seus cães para levar em uma exposição**, e ainda pagar por isso. É muito **difícil convencer um proprietário**, algum proprietário de cães ovelheiros, **a pagar para participar de uma exposição a fim de alavancar a imagem da raça.***

Um problema enfrentado pelos envolvidos com a promoção do Ovelheiro Gaúcho é a mentalidade da maioria das pessoas que os possuem. Embora valorizando bastante suas características e seus auxílios nas atividades rurais, paradoxalmente são resistentes em vê-lo como um cão de raça, dotado de valor comercial e de apreciação estética. Felipe comenta que é muito difícil convencer um proprietário a pagar para participar de uma exposição a fim de alavancar a imagem da raça. Pessoas como ele e os demais membros da ACOG estão inseridos em uma realidade na qual as exposições caninas tem grande prestígio, onde a rígida seleção racial é levada muito a sério e os investimentos em prol do bem-estar dos animais costumam ser altos. Contudo, a maioria dos outros proprietários de Ovelheiro o tem como uma ferramenta de trabalho, agindo sob uma perspectiva tradicional, em que muitas vezes não se desembolsa para salvar um animal de produção, como boi ou porco. No mundo rural, os cães, ao contrário das outras espécies, geralmente são presenteados por vizinhos e amigos, chegam junto a novos empregados ou simplesmente aparecem nas propriedades. Gastar dinheiro para obter um Ovelheiro, bem como levá-lo a uma exposição, são novidades ainda não assimiladas por grande parte das pessoas. Sob essa perspectiva torna-se interessante analisar como um projeto pautado pelo tradicional e pelo antigo possui como fio

condutor uma série de práticas novas, contemporâneas e distantes da aclamada tradição.

*(...) a Associação pretende criar provas funcionais a partir desse ano, inclusive nesse ano [2013] em Gramado, estaremos participando, demonstrando ao público com provas funcionais e aqui em Pelotas também, na Expo-Feira de Pelotas, demonstrando o trabalho dos ovelheiros **sendo extremamente fiéis à realidade** que se encontra hoje em dia. Nós não vamos utilizar apitos, porque ninguém no campo usa um apito para conduzir um cachorro. Pretendemos inclusive fazer provas não apenas a pé, mas provas a cavalo, **nunca fugindo do que é natural do dia a dia do campo**. Os ovelheiros hoje em dia **participam da estrutura social presente não apenas no campo mas também na cidade**.*

Uma grande preocupação dos membros da ACOG é a manutenção da funcionalidade dos animais, ou seja, sua habilidade no pastoreio de ovinos e bovinos, bem como sua docilidade, aliada ao instinto de alarme diante de situações estranhas. Felipe enfatiza que as provas realizadas pela associação utilizam como parâmetro o cotidiano da maioria das propriedades rurais. Há o entendimento de que, assim como o físico do Ovelheiro é adaptado ao ambiente em que vive, por ser rústico e resistente, seu comportamento é adequado às tarefas em que toma parte, bem como ao temperamento das pessoas com as quais convive, que esperam deles lealdade e companheirismo. A introdução, nas provas funcionais, de modalidades consagradas na cinofilia mundial, mas estranhas à realidade do ambiente pecuário onde a raça transita, poderia descaracterizar seu comportamento com o tempo. A manutenção de seu padrão comportamental atende não somente ao desejo de boa performance com o gado, mas também à permanência de uma índole apreciada e tida como componente cultural do *gaúcho*. Nosso entrevistado declara que o Ovelheiro participa da estrutura social do campo e da cidade. Não todo e qualquer cão, mas o ovelheiro. A presença da raça na cidade costuma estar relacionada ao êxodo rural, e o Ovelheiro representa, para muitas pessoas, um dos últimos elos com um mundo a que recordam com saudades.

Adiante em sua fala, Felipe salienta que, ao enaltecer o Ovelheiro, não está menosprezando outros cães. Segundo me relatou, existe uma polêmica com criadores de raças como Border Collie e Australian Cattle Dog, que vêm ganhando espaço nas atividades pecuárias nos últimos anos. Muitos admiradores dessas raças não reconhecem o Ovelheiro como tal, ao mesmo tempo em que não lhe atribuem o mesmo valor nas tarefas rurais. Felipe comentou que não vê a necessidade de introdução de raças estrangeiras, pois a raça autóctone se presta sobremaneira para as lides campeiras. Essa é uma das bandeiras da ACOG. Em sua página no Facebook, lemos o slogan “Raça 100% Brasileira”. Além da virtude de ser um produto nacional e regional, os criadores do Ovelheiro sempre argumentam em prol de sua superioridade funcional, e consideram a preferência por raças de origem estrangeira como meros modismos, de acordo com o termo utilizado pelo próprio Felipe na entrevista. Logo mais comenta sobre como muita gente se aproxima da ACOG em busca daqueles cães que conheceram em sua infância; a preferência pelo Ovelheiro encontra eco em pessoas distantes do mundo da cinofilia, fortalecendo, aos olhos de seus defensores, o argumento de que vale a pena resgatá-lo do relativo esquecimento, realocá-lo da periferia do mundo cinológico para o circuito oficial de exposições e criações organizadas. O respaldo oferecido pela opinião de pessoas mais antigas também reforça o discurso dos criadores de Ovelheiro, de que esta raça possui vantagens em comparação a outras.

*Não são raras as vezes em que nós vemos cães dessa raça presentes na cidade e vamos tentar encontrar o porquê e geralmente os proprietários são pessoas idosas que acabam partindo para a cidade por causa do **êxodo rural**. Os Ovelheiros mais uma vez provam que são cães que tem uma aptidão não apenas para pastoreio e para cuidar da casa, mas também para companhia.*

*(...) **as pessoas vêm buscando novamente**, se lembrando dos relatos dos pais, dos avós, dos cães ovelheiros. Isso não é por acaso. O trabalho, a companhia que o ovelheiro faz, não apenas na lida, facilitando o serviço do peão, facilitando o serviço das pessoas mais humildes que vivem da terra, que são as pessoas que realmente entendem o que é um ovelheiro, o que representa um ovelheiro, o*

*sentimento, o lirismo que gira em torno dos ovelheiros, essas pessoas tem netos que hoje em dia vem buscar exemplares na Associação dizendo: “ah, meu pai tinha um ovelheiro, meu avô tinha um ovelheiro, eu me lembro que era bom, eu me criei com um ovelheiro, o Gaúcho, o Presente...”.*

*Então ta Eric, até a próxima, agradeço mais uma vez, estou sempre à disposição para falar sobre esse **tema que é tão importante para nós.***

Felipe comenta que em torno do Ovelheiro há um sentimento, um lirismo. É nítida a associação da raça com o campeiro sul-rio-grandense, não apenas no discurso de seus criadores, mas também em sua presença em poesias e canções de cunho regionalista. Há um consenso de que o Ovelheiro Gaúcho é parte da imagem clássica do homem de campo, sendo um elemento tão idiossincrático como o Cavalinho Crioulo e o mate chimarrão. Nas zonas rurais das regiões pertencentes ao bioma Pampa no Brasil, cães de inúmeros tipos são muito comuns. Em observações próprias, em relatos de pessoas de idade avançada e na análise da iconografia regional, sempre percebi grande variedade de cães, de todos os tamanhos e cores, porém alguns tipos se sobressaem numericamente. Um cenário onde vemos dois ou três cães de pequeno a médio porte sem raça definida, dois ou três de médio a grande porte também sem raça definida e um grupo de 4 a 8 Ovelheiros é bastante comum. Cães sem raça definida do tipo galgo também são comuns, assim como os populares barbudos, mestiços descendentes de *terriers* (do francês, relativo à terra, referente a diversas raças especializadas na caça de animais de toca subterrânea). Em quase todas as propriedades pelas quais passei até o momento, havia exemplares de Ovelheiros, e na maioria delas, esses cães eram os mais numerosos. É compreensível que seja visto como parte da paisagem, fortemente ligado aos habitantes do pampa. Assim, o lirismo de que fala embarca na visão lírica do que se denomina gaúcho e de seu entorno, os campos sulinos.

Ao finalizar a entrevista, Felipe se coloca à disposição para falar mais vezes do tema, em suas palavras, “tão importante para nós” (os envolvidos com a criação e promoção do Ovelheiro Gaúcho). A importância dada a este

animal ultrapassa o interesse cinológico convencional. Ou seja, não é somente uma admiração pela raça e suas características, um apreço estético e um envolvimento salutar com eventos especializados e outros criadores. Além de tudo isso, é também uma espécie de ativismo cultural. A preservação do Ovelheiro é importante, para seus criadores, por ser a preservação de um elemento cultural, a preservação de uma parte do ser humano denominado *gaúcho*. Esse tipo humano encontra sua completude em elementos não-humanos: sua paisagem, seu cavalo, e o companheiro de trabalho e descanso, o cachorro. Considero significativo que Felipe tenha utilizado termos como *hoje em dia* e *atualmente* mais de dez vezes, demonstrando o constante diálogo com o passado em um empreendimento voltado ao futuro. A *Causa Ovelheira*, como ele diz, e que eu vejo como um ativismo cultural, ampara-se na longa tradição de trabalho com esses cães, e ambiciona um porvir que reconheça a importância da raça como elemento cultural e simbólico.

### **3.1 - ELES NÃO TEM QUE FAZER ISSO**

Sáimos o empregado e eu a fim de recorrer o campo, tarefa que se intensifica no período em que as ovelhas dão à luz, conhecido simplesmente por *parição*. Essa época costuma ter seu auge em setembro, e os cuidados aumentam pela fragilidade das ovelhas após a gestação e pela vulnerabilidade dos cordeiros às intempéries e aos predadores. O simples fato de existir predação já indica uma diferença fundamental dos métodos intensivos de pecuária, onde os animais estão confinados do nascimento à morte, muitas vezes. Aqui, na pecuária extensiva, a proximidade com elementos selvagens é uma constante, tensionando a linha fugaz que delimita o humano (e o humanizado) e o não humano, o controlado e o fora de controle, o planejamento e a contingência. O primeiro passo foi buscar os cavalos que estavam soltos em um potreiro logo adiante. O empregado encheu um balde com ração, uma espécie de isca para facilitar a aproximação dos cavalos.

Embora domados e mansos, muitos dos cavalos criados a campo costumam se afastar de quem tenta uma aproximação, mesmo que seja seu conhecido. Nota-se a diferença com relação aos cães. Estes vão até os humanos, mesmo que a isso não sejam solicitados, e a relação entre ambos pode desenvolver-se sem quaisquer preocupações quanto a treinamento – que é possível e pode ser desejável, mas jamais imprescindível. Aqueles, os cavalos, além de domados devem ser continuamente alvos de interação, já que muito tempo sem contato humano pode fazer com que percam a mansidão. O cavalo manso e de uso cotidiano é conhecido por sogueiro (por ficar amarrado em uma corda denominada soga, do latim tardio *soca*). Quando o contato diário ou frequente com as pessoas cessa, esse animal torna-se arisco, e é denominado haragano (do espanhol platino *haragán*). Para o cão afastado do convívio humano não há termo equivalente, sendo o mais próximo o chamado cão “chimarrão”, já abordado anteriormente. Contudo uma diferença crucial deve ser ressaltada. Os cães asselvajados assim o são após pelo menos uma geração longe dos humanos; devem nascer em ambiente autônomo e manterem-se por si sós, para então apresentarem comportamento arreadio (não falamos aqui do cachorro simplesmente tímido ou mesmo agressivo, antes nos referimos ao que possui comportamento semelhante ao de animal silvestre). Já o cavalo, mesmo cuidado e tratado desde potrilho (potro com menos de um ano), pode tornar-se alçado, ou seja, arisco, após um período variável, de alguns meses a poucos anos, longe do contato humano.

Enquanto os cavalos farejam e enfiam a boca no balde, o homem passa uma corda ao redor de seus pescoços. Os cães Ovelheiros, em número de 6 ou 7, acompanham tudo. Súbito – grande alvoroço e correria dos cães; uma lebre é farejada em uma touceira, e a perseguição tem início. No entanto, apenas dois cachorros tem velocidade e resistência para prolongar a caçada. A carreira dura uns bons dois minutos, sinuosa, contornando arbustos e pedras, até que a lebre deixa para trás seus acoissadores. Espécie exótica, a lebre europeia (*Lepus capensis*) consegue provocar grandes prejuízos, sobretudo em lavouras pequenas como as da região estudada, voltadas para o consumo próprio ou para a venda em pequenas quantidades. Por esse motivo, em muitas regiões os cães do tipo galgo são bastante apreciados, já que é muito

difícil para qualquer outro cão alcançar uma lebre – mesmo para os galgos a empresa é árdua e muitas vezes mal sucedida.



Na foto acima vemos um galgo com sua lebre abatida e seu amigo menino, note-se que de botas e mini bombachas. A foto é da década de 1960, tirada no interior de Dom Pedrito (região da Campanha, fronteira com o Uruguai) e me foi cedida por particular. Embora os cães da zona rural, via de regra, não freqüentem o interior das casas e nem recebam os mimos comuns aos *pets* urbanos, são uma presença constante na formação das crianças, acompanhando-as por toda a parte e protegendo-as. A propósito, um interlocutor comentava acerca da raridade de cachorros Ovelheiros agressivos, citando um que teve certa vez, e que precisava amarrar quando chegavam visitas. Disse não tê-lo sacrificado porque era muito bom trabalhador, e apesar de agressivo com humanos, não machucava as ovelhas nem arrumava problemas com outros cães. Esse animal, contudo, jamais atacou crianças, sendo um apreciador delas, permitindo brincadeiras e carícias. Diversos interlocutores comentam que os cães agem diferentemente com crianças, sendo extremamente tolerantes e zelosos para com elas. Isso reforça o que já diversas vezes foi exposto neste trabalho: conquanto a humanização dos cães pastores não seja a mesma do mascote urbano, ela existe e se dá por outras vias. As casas rurais visitadas em minhas saídas de campo não são multiespécie, o que significa dizer que no interior das residências não há circulação de cães e gatos; porém o cotidiano pastoril cria fortes vínculos das pessoas com seus cães. Daí essas pessoas considerarem as faltas caninas

como falhas morais, como verdadeiras traições, no dizer de uma interlocutora. Aqui o cachorro não é um depositário de afetos extremados, nem uma fonte de amor incondicional. É, isto sim, um companheiro de quem se tem expectativas claras. Adiante abordaremos as mortes causadas e sofridas por cães.

Voltando à recorrida, após buscar os cavalos no campo, o empregado os encilhou, momento no qual os cachorros ficam bastante atentos e alguns mesmo excitados, pela proximidade da ação. Saímos a trote, e nos primeiros minutos os cães dispersam-se constantemente, afastando-se dos cavaleiros e retornando diversas vezes. Repentinamente escutamos latidos, muito ruidosos e empolgados, fora de nossa vista. Os sons eram diferentes do habitual, e vi o empregado adquirir uma fisionomia de espanto, afrouxar as rédeas e dirigir-se a galope para o outro lado da pequena elevação, de onde vinha o alvoroço. Ao chegarmos pude presenciar um embate feroz entre cinco cães e um solitário lagarto teiú (*Tupinambis merianae*) que rondava umas caixas de abelha das proximidades. O grande réptil reagia com tremenda bravura, mas pouco pôde fazer contra seus sequazes, que nitidamente apraziam-se muito em destroçar-lhe o grosso couro. O empregado tentou impedi-los, gritando e estalando o rebenque nos arreios, porém tudo ocorreu muito rápido. Fiquei um tanto comovido pela cena, e incomodado com os protestos do empregado, que apenas serviriam para deixar o lagarto moribundo e sofrendo ao sol até ser beliscado ainda vivo por urubus e caranchos (nome local para o carcará, *Caracara plancus*). Nos afastamos e não pude deixar de olhar pra trás, para ver o tétrico espetáculo da carcaça de ares dinossáuricos luzindo grandes manchas de um sangue escarlate muito vivo por sobre as espessas escamas. O cavalo pode ser visto como as pernas do cavaleiro, potencializando sua locomoção; o cão pode ser visto como um braço remoto na atividade do pastoreio. Contudo, o homem não possui pleno controle desse braço, que com frequência age autonomamente.

A teoria do perspectivismo, desenvolvida por Viveiros de Castro (1996), trabalha com o jogo de olhares na etnologia indígena, com o ver e não ser visto nas relações entre humanos e os animais da floresta. Essa teoria pode ser pensada, no ambiente deste trabalho, no sentido do que o homem não vê, mas se intera graças aos olhos emprestados de seus cães. A amplitude do raio de

percepção humano aumenta muito com os sentidos de seus companheiros caninos, como mostrado nas saídas de campo. Os cães detectam animais de caça, perigos como serpentes e a presença de outros cães ou seres humanos, quer pelo olfato, quer pela audição, antecipando aquilo que humanos só perceberiam bem mais tarde. Talvez daí a frase popular em todo o Brasil, *no mato sem cachorro*, significando estar em apuros, sem recursos.

Na esteira dessa interpretação, podemos pensar a domesticação como uma via de mão dupla, como interpreta Despret (2004). Não somente a espécie domesticada é afetada, mas o ser humano igualmente. A abordagem tanto de produtores rurais vinculados a uma perspectiva tradicional de pecuária, quanto de criadores urbanos de cães, e ainda indivíduos que unem ambas características, é auxiliada pela Teoria-do-Ator-Rede, conforme Bruno Latour (2005). Sem fazer distinções prévias e levando em conta o intenso fluxo rural-urbano observado no estudo, tratamos todos os indivíduos como atores de uma mesma rede. Essa rede não existiria como é se excluíssemos dela os cães. Portanto, é metodologicamente interessante incluí-los como atores. Destarte, o que nos importa não é identificar quem ou o que é um ator, mas quando é, conforme aponta Segata (2012).

Indaguei sobre o porquê da reprimenda sobre os cães, coisa que não ocorreria caso a vítima fosse uma lebre ou um tatu. Supus o risco de o lagarto provocar ferimentos, já que sua cauda golpeia fortemente e sua mordida é tenaz, ou talvez alguma inclinação conservacionista de meu companheiro de cavalgada. Laconicamente apenas resmungou que *eles não têm que fazer* isso, e seguimos adiante. Algum tempo depois, outra pausa na marcha, também provocada pelos cães. A matilha embrenhou-se num pequeno círculo de arbustos e baixas árvores. Dessa vez o empregado não gritou, mas desceu do cavalo e aproximou-se para verificar a situação. – É tatu, disse ele. Avaliou se seria possível tirá-lo do esconderijo subterrâneo, mas ante uma grossa raiz fortificando a toca, a caçada estava fadada ao fracasso. Com alguma relutância os cães deixaram o tatu para trás e seguimos nosso caminho.

Há uma clara classificação dos seres úteis, inúteis, cobiçados, desprezíveis, valentes e *à toa*, como se costuma dizer dos bichos tidos como

pouco virtuosos ou pouco interessantes. O tatu-mulita (*Dasypus hybridus*) possui uma carne muito apreciada, sendo numerosas as equipes de caçadores que saem às noites de lua cheia com cães e lanternas (alguns ainda utilizam lampiões). Caçar tatu é algo popular o suficiente para ter originado um vocábulo próprio. Na Campanha sul-rio-grandense diz-se *peludear* no sentido de patinhar, mover os membros sem sair do lugar – ou as rodas, já que o verbo amiúde é aplicado a automóveis. Origina-se do que ocorre com o tatu-peludo (*Euphractus sexcinctus*) quando agarrado pelo rabo dentro de sua toca – traciona no sentido contrário com bastante força.

Situação interessante foi narrada por Felipe Cunha, do Canil Muuripá. No dia 20 de setembro de 2013, a ACOG participou do desfile farroupilha em Piratini, principal evento da cidade, e que atrai muitos turistas. Esse desfile anual ocorre na maioria das cidades sul-rio-grandenses e em muitas por todo o país, e é promovido pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho para lembrar a entrada dos insurrectos Gomes Jardim e Onofre Pires em Porto Alegre, em 20 de setembro de 1835. Foi um dos fatos inaugurais da Guerra, Revolta ou Revolução Farroupilha. O propósito era divulgar o Ovelheiro Gaúcho, informando às pessoas que aqueles cães conformam uma raça, e uma raça distinta do Border Collie e do Rough Collie, vulgo *Lessie*. A Associação achou por bem desfilar com coleiras e guias, a pé, já que a maioria daqueles cães não está habituada a andar na cidade. Apesar de seguirem as pessoas de seu convívio no campo, a multidão e o grande número de cães soltos poderiam dispersá-los, prejudicando o desfile.



As fotos retratam uma dupla novidade. Foi a primeira vez em que os Ovelheiros desfilaram, apesar de sua presença incidental ocorrer desde a

primeira edição do evento. Até então, muitos deles tinham passado pela rua principal da cidade, ao lado das pessoas de sua confiança a cavalo. Ocorre que, lá, um Ovelheiro na rua é quase como um pardal em uma praça. Está, porém não é notado. O desfile alçou os cães a uma posição de destaque. A outra novidade consistiu na condução através de guias e coleiras, que fez diversos populares gritarem – *Olha o tatu!* Isso pelo simples fato de que no ambiente rural só se costuma levar cães dessa forma em caçadas de tatu.

Retornando à campereada, termo pelo qual se designa o ato de sair a cavalo a recorrer a propriedade, a morte sobressaía-se na paisagem. A cada tanto, um tufo branco indicava o corpo de um ovino. Ali, ossos amontoados de um cordeiro que ficou preso em um lamaçal; alhures, o crânio de uma ovelha com as órbitas, vazias, parecendo negros olhos arregalados a fitar com desespero. Pontilhando o verde pastiçal, o branco dos ossos de vacas e ovelhas mortas há mais tempo. Carcaças e ossadas jazem todas em bucólica calma, e a atmosfera é de paz e serenidade. A morte é contrapontada pelo vigor da vida em cada árvore, com pássaros anunciando sua presença a vivos sons e cintilantes cores. Acima, urubus em sua negra plumagem voam em lúgubre círculo, aproximando-se de um boi morto. Logo adiante, terneiros e cordeiros correm em explosão de vitalidade juvenil. No campo vizinho, a trote largo, um garanhão relincha e fareja em direção de algumas éguas, em viril demonstração de poder.

Com o progressivo distanciamento do mundo urbano do rural, menos comunicáveis ficam essas realidades, apesar dos fluxos. O ambiente de estudo aqui mostra-se muito interessante na medida em que mescla campo e cidade, borrando suas fronteiras. O trânsito das pessoas entre o rural e o urbano é algo recorrente em cidades pequenas, e mesmo certos espaços do perímetro urbano mais parecem zona rural, com animais de criação e plantações caseiras. Em grandes cidades isso pode ser observado também, principalmente nas periferias. Nestas últimas, verifica-se ainda o aumento de empreendimentos como hospedarias para cavalos e sítios ou chácaras onde o visitante pode passar um dia ou o fim de semana, participando do cotidiano

rural. Portanto, qualquer tentativa de caracterização de “rural” e “urbano” deve ser bem ponderada.

Feitas essas ressalvas, é admissível considerar que parte substancial dos habitantes das capitais e grandes cidades carece de maior contato com o mundo campestre. E pode ser muito difícil compreender a maneira como a morte se dá no mundo rural. Diz-se que desaprendemos, nós ocidentais da urbe, a morrer, e que já não sabemos lidar com a morte com a relativa resignação das gerações passadas. O aumento da expectativa de vida, os avanços da medicina, com tratamentos mais eficazes, e a banalidade que adquiriram certas doenças outrora mortais; a queda drástica na mortalidade infantil, aliada à queda também drástica do número médio de filhos por mulher. Essa conjunção de fatores revestiu a morte de contornos mais extraordinários. A morte é mais rara no seio das famílias, e talvez por isso também mais trágica. Morrer é quase inadmissível, já que há tratamento para quase tudo. As famílias costumam ser bem menores do que eram há cinco ou seis décadas, fazendo com que se perceba, com maior intensidade o termo da vida de um familiar. Familiar que pode muito bem ser um não-humano, membro das famílias que englobam animais de estimação. É desnecessário frisar que tudo o que foi acima exposto também faz parte do rural. Outrossim, as saídas de campo desvelam uma relação diferente com a morte, especialmente a de outras espécies. A terra dá frutos, e entre os frutos da terra estão os animais de consumo. Para as pessoas do universo estudado, uma galinha é apanhada e morta com a mesma naturalidade com que um galho é alcançado e uma laranja arrancada. Não se vê maldade no ato de matar uma ovelha, porco ou boi, exceto em casos especiais.

### ***3.2 - TEM ANIMAL QUE É BANDIDO, AÍ O ÚNICO JEITO É MATAR***

A morte pode não ser o supremo mal, mas simplesmente a supressão dos males. O grande número de cães soltos nas ruas de todo o Brasil não tem como única causa o abandono. Com efeito, muitos desses animais que deambulam pelas esquinas possuem donos, ou tutores, que os liberam dos

pátios para que passeiem à vontade. Noutros casos, apenas fornecem água e comida na frente da casa, para o cão que leva vida errática na cidade. O conceito de posse ou tutela, como se queira chamar, tem mais sentido quando o cão é visto como uma criança, a quem se deve prover de tudo, de afagos a roupas. As casas especializadas em artigos para pets dão uma noção da profusão de produtos à venda, que seguidamente atendem mais a anseios das pessoas que a reais necessidades caninas. Se a humanização do cão na cidade moderna é descrita em termos de filhotização, no campo e nas cidades interioranas de marcada influência rural tal humanização é melhor compreendida de outra maneira. O cão é mais independente, e assemelha-se aos humanos na medida em que trabalha junto, assumindo responsabilidades e executando tarefas. Sobretudo, o cão é livre, e continua gozando de liberdade quando acompanha o êxodo rural. As pessoas que mantêm seus cachorros nesse regime de rua são oriundas do campo ou filhas e netas de antigos camponeses, mantendo uma visão de mundo semelhante em muitos aspectos. Para algumas pessoas a quem comentei sobre o hábito de manter os cães soltos todo o tempo ou em parte dele, ter um cão confinado a um pátio ou amarrado é uma *judiaria*, que se justifica apenas se ele for agressivo.

Voltando à zona rural, o abate de animais domésticos por cães é um problema com o qual muitos produtores se deparam. Durante a permanência em campo, procurei obter informações a respeito, e nas falas dos interlocutores alguns aspectos do tema apareceram com mais constância. Segundo as pessoas que entrevistei, existe um certo padrão na predação do rebanho por parte dos cães, e as medidas tomadas para driblar o problema coincidem em muitos pontos.

Os cachorros matadores de ovelhas costumam cometer seu delito nas propriedades vizinhas, e não no local onde vivem. Colocaria a palavra delito entre aspas, não fosse os relatos de que esses cães atuam de maneira dissimulada, evitando deixar pistas e inclusive destruindo provas do ato. É interessante salientar que não há um perfil de cão predador que possa ser definido *a priori*. Não há relação entre predação do rebanho e ser agressivo, seja com pessoas, com outros cães ou mesmo com os animais de produção

durante as tarefas de pastoreio. Quando cabeças ovinas começam a aparecer mortas ou feridas na propriedade, é momento de investigar a fonte do problema. Os suspeitos iniciais são cães de algum vizinho, ou animais de origem desconhecida que tenham sido avistados pela região. Segundo um interlocutor do município de Morro Redondo, é muito difícil surpreender uma cena de abate. Quando conseguem descobrir os feitores, geralmente o prejuízo já é de algumas cabeças. Se identificado como sendo um cão oriundo de uma propriedade vizinha, vai-se dialogar com a pessoa responsável. Há uma espécie de código que dita que, aquele que possuir um cão problemático, tem a obrigação de solucionar a questão. Entre as medidas cabíveis, está o deslocamento desses cachorros para longe, muitas vezes para a cidade. Colocados em um automóvel, são soltos a muitos quilômetros de distância, às vezes 20 ou 30 quilômetros. Ainda assim, não são raros os que reaparecem na propriedade ao cabo de alguns dias. Caso o deslocamento não dê certo, ou dependendo do perfil da pessoa, o outro remédio é o sacrifício. Cito o depoimento de um interlocutor:

*Já matei cachorro, não vou dizer que não, já matei sim. Enforcado e a tiro, dos dois jeitos. Tem animal que é bandido, aí o único jeito é matar. Mas não é fácil, tem que ser num momento que tu esteja muito brabo com ele, logo que ele matou um cordeiro, com sangue na boca. Aí tu atira na cabeça ou pendura na corda, mas tem que sair logo, virar as costas e não olhar pra trás, senão tu não aguenta.*

Todos os relatos semelhantes que ouvi possuem a tônica do mal necessário. Em alguns deles, no entanto, os interlocutores comentam que há quem mate friamente, que *tem gente que até gosta de matar*. Isso, contudo, não representa o perfil de eliminação preponderante. O mesmo entrevistado do trecho acima comentou sobre atritos com vizinhos advindos da ação de cães Ovelheiros predadores. O primeiro cachorro que precisou matar havia causado prejuízo de alguns cordeiros a um vizinho, que foi ressarcido. O animal não abandonou o hábito nefasto, e bastante contrariado, o produtor rural teve de eliminá-lo. Perguntei se os demais cães da propriedade demonstravam alguma alteração comportamental em ocasião da morte de algum outro da mesma

espécie. O que ocorre, segundo este informante, é um alívio geral na matilha. Esta se apresenta tensa e desconfiada quando um ou alguns de seus membros começam a atacar o rebanho. E isso é, inclusive, um dos signos observados pelos produtores rurais para saber do problema. Ausentes os cães responsáveis, os demais voltam à normalidade. Neste ínterim, apenas a mãe do animal abatido demonstra alguma contrariedade. Durante um par de dias visita o local onde ocorreu a morte, farejando e permanecendo ali por algum tempo. Segundo o homem que me relatou isso, a tensão gerada pelo ataque ao gado é devida ao fato de os cães saberem que é errado, e temerem que uma punição injusta recaia sobre eles. Além disso, o cão que está atacando o gado ovino passa a evitar aproximar-se do rebanho nas tarefas cotidianas. Eis outra pista para descobrir um cachorro culpado. Essa atitude do animal contribui para o discurso moral em torno do fenômeno da predação canina. Por outro lado, se um cão “bom” morre por alguma fatalidade, há comoção geral entre os outros. Alguns não comem, outros até mesmo adoecem, tamanho a sensibilidade ante a perda de um companheiro bem querido.

Uma mulher residente no interior de Piratini enfatizou, assim como vários outros entrevistados, que todos os cães sabem que é errado, que os cães “maus” são falsos, tentam disfarçar, e são covardes, por só atacarem à noite e em locais escondidos. *Eu considero uma traição*, disse ela, em tom de confissão. Seu esposo relatou ter sofrido grande prejuízo pela perda de ovelhas, já que demorou muito a descobrir que eram alguns de seus próprios cães os causadores das mortes. Por várias noites ficou até tarde acordado, à espreita, aguardando qualquer movimentação estranha com uma lanterna em punho. Suas vigílias sempre foram vãs, e na primeira noite em que interrompia a espreita, outra ovelha era abatida. Após muito investigar, descobriu que os cachorros conduziam a ovelha escolhida até um córrego que corta a propriedade. Abatida em uma margem, era devorada em outra, evitando assim o rastro olfativo. Após comerem as partes que lhes interessavam, mormente miúdos, os cães ainda banhavam-se para despistar cheiro e manchas de sangue. O casal relatou que o gado bovino muito raramente é atacado, e somente se estiver quase morto, já caído no campo. O fato de matarem sem ser por fome, já que recebem alimento suficiente, e geralmente comerem

apenas poucos bocados da sua presa, alimenta a crença de que esses cães problemáticos assim o são por maldade intrínseca.

A eliminação desses animais ajusta-se a um código de honra, uma política de boa vizinhança. Há um acordo tácito no sentido de que o ônus recai sobre o proprietário do cão problemático. Vários relatos sobre brigas entre vizinhos vieram à tona, nos municípios de Bagé, Piratini, Morro Redondo e Pinheiro Machado. Com enredo parecido, a recusa de algum produtor rural em ressarcir o vizinho prejudicado e/ou em eliminar os cães-problema costuma desencadear conflitos, por vezes chegando à agressão física. Para a maioria das pessoas desse universo, portanto, não é tarefa qualquer ter de pôr fim à vida de um cão, ainda que a relação seja, de certo modo, distante, comparativamente com a relação entre os mascotes urbanos e as pessoas da casa.

Indagando sobre a possibilidade de soluções menos drásticas, como o adestramento, as pessoas com quem conversei foram enfáticas em dizer que depois de começar, o cachorro não para mais. Apenas um entrevistado disse ter mantido um cão preso a uma corrente. Sobre evitar que um cão torne-se daninho, obtive o seguinte relato de outro interlocutor:

*Geralmente ele começa correndo galinha, marreco. É normal quando a cadela dá cria que saia um meio mau. Aí lá pelos dois meses já começa a se estragar, pegando galinha no terreiro. Diz que pra não matar mais galinha é bom pendurar uma que ele matou no pescoço e deixar até apodrecer. (...) Quando começa a pegar ovelha tem que atar ele na ovelha e dar pau.*

Este informante falou, ainda, que se o Ovelheiro chega à idade adulta sem ter cometido *judiaria*, ele não se estraga mais. Porém, se inicia o comportamento predatório, não há conserto, pois é questão de má índole. A punição corretiva aplicada aos filhotes e aos quase adultos pode dar certo, se o animal tiver a *cabeça boa*. Questionado sobre o modo de aquisição dos cães, comentou o mesmo que todos os demais produtores rurais com quem tive a oportunidade de conversar: sempre o filhote é presenteado, *isso de comprar cachorro não existia*. Como encaram, então, o advento da comercialização dos

ovelheiros? Não foi comentado nada parecido com profanação de um bem que deveria ser doado. O que este último interlocutor opinou foi que se tratava de mais um jeito de ganhar dinheiro.

Outro informante relatou que as fêmeas preferem, para cruzar, os machos caçadores. Segundo ele, os ataques ocorrem com mais frequência em dias de chuvisqueiro, *día em que louco fica mais furioso*, e acontece de um cão convidar os outros para fazer besteira, geralmente cadela. Este também relatou o comportamento de banhar-se em algum curso d'água após o ataque. Nunca em água calma ou parada, como açudes e banhados, mas sempre em água corrente, como rios e arroios, para otimizar o despiste. Certa vez, conta ele, suspeitando que determinado cão estava atacando ovelhas, lançou mão da seguinte estratégia: manteve-o amarrado por dois dias, até que o animal defecou lã, delatando-se. Durante a conversa, sua esposa declarou que em sua opinião *os cachorros são duas vezes mais inteligentes que nós*. Para ela, um criminoso humano não é capaz de acobertar seu crime tão bem quanto um cão. A astúcia canina contribui, como vemos mais uma vez, para que o julgamento moral se faça presente nos discursos dessas pessoas.

Um dos fatores que levam os produtores a matarem os cães que predam o rebanho é a preservação dos demais, inocentes. O vizinho lesado irá colocar veneno em alguma carcaça ou em pedaços de carne pelo campo, caso o proprietário do cão daninho não tome providências; assim, provavelmente morrerão vários cachorros, atraídos pelo deletério banquete. Para evitar a desnecessária mortandade, opta-se por agir de maneira focalizada. A prática de envenenar carcaças, tanto para combater cães como graxains, é ainda mais prejudicial se levarmos em conta os inúmeros outros animais que podem ser afetados, como urubus, carcarás e diversas outras espécies silvestres.

*O fulano disse que ou [um vizinho] botava veneno, ou ele mesmo mandava matar. Aí o empregado dele deu uns tiros nos cachorros do vizinho. O outro foi tirar satisfação e brigaram a paulada, o fulano sacou um 38 e baleou o beltrano no braço. Mesmo assim ele conseguiu tirar a arma, amarrou o fulano e jogou ele numa valeta.*

O relato acima foi feito por um homem para exemplificar um fato interessante. Diz ele que *a gente sempre acredita nos nossos cachorros né. Quando vem alguém e te diz que tem cachorro teu correndo ovelha, tu não acredita*. Para ele, o Ovelheiro puro não é garroneiro (que morde no garrão, parte inferior traseira das patas), mas qualquer cruza estraga. Embora afastados dos círculos cinófilos, esses produtores rurais manejam conceitos zootécnicos, levados às propriedades pelos rebanhos ovinos, bovinos e equinos. Sustenta ele que os cães trabalham porque querem e gostam. Quando um cão fica velho e sem forças, sente vergonha por não poder acompanhar no campo. Se um empregado novo aparece na propriedade, os Ovelheiros levam um tempo até acompanhá-lo, pois precisam desenvolver confiança na pessoa.

O excesso de cães é um facilitador para problemas de ataque ao gado, além da transmissão de zoonoses. Sobre a propagação do gado do período colonial, João Simões Lopes Neto escreve em *Terra Gaúcha*, obra de caráter historiográfico, que

Apesar da grande matança que se praticava e dos estragos dos índios charruas, indomáveis e em luta aberta contra os espanhóis, nem as tropas que subiam para as estâncias das reduções jesuíticas, nem as matilhas de cachorros chimarrões e os jaguares e pumas, nem por tantas causas de prejuízo, estacionou sequer ou cessou a disseminação do gado por todo o território. (LOPES NETO, 1955, p. 88).

O autor aponta as matilhas de cães chimarrões como um dos fatores responsáveis por prejuízos, ao lado das onças pintada e parda, da matança promovida por indígenas hostis ao elemento colonizador, do arreamento por gaúchos errantes, e o direcionamento para as estâncias jesuíticas. Como já apontado neste trabalho, governos do Brasil, Uruguai e Argentina, ou de Portugal e Espanha, conforme a época, promoveram matanças sistemáticas de cães asselvajados, oferecendo recompensas aos caçadores. Afora as iniciativas governamentais, o controle sempre foi praticado pelos produtores rurais, continuando nos dias de hoje, como pode ser observado nas narrativas sobre cães matadores de ovelha. A diferença é que até fins do século XIX

essas matilhas alcançavam números muito maiores e passavam gerações em estado asselvajado, tornando-se mais agressivas. O controle e a domesticação englobam muitos elementos do meio pastoril sul-rio-grandense. O estabelecimento das estâncias e a colonização ibérica promoveram um amansamento do ambiente, por assim dizer. As onças pintadas e pardas sumiram do pampa brasileiro (há relatos recentes do reaparecimento desta última), tendo sido outrora abundantes, conforme relatam viajantes como Nicolau Dreys, Auguste de Saint-Hilaire e outros. Dreys, que aqui esteve entre 1817 e 1827, fala de currais de pau a pique feitos pelo poder público para resguardar os viajantes dos ataques dos tigres (nome popular da onça-pintada) à noite. Alguns caçadores de tigres tinham encomendadas cinquenta peles desses felinos por mês, e sempre cumpriram com o trato. (DREYS, 1990, p. 92). A ação humana dizimou as “feras”, mas também controlou rigidamente os animais domésticos. O autor bageense Eron Vaz Mattos traz o relato da degola das éguas, ocorrido em 1911 na localidade de Olhos D’água, Bagé, e a última de que se tem notícia na região. Periodicamente os proprietários das estâncias se reuniam para juntar e sacrificar as éguas consideradas excedentes. Na época ainda se proliferavam equinos sem dono pelos campos, e competiam com o gado de corte pelo pasto. Na primavera daquele ano, os peões das estâncias próximas conduziram para uma grande mangueira várias éguas e foram sacrificadas cerca de trinta. (MATTOS, 2003, ps. 143 e 144)

Entre afetos e desafetos, companheirismo e ameaça, a relação nem sempre harmônica entre humanos e animais domesticados pode ser vista, além da etnografia e da história, sob o prisma da literatura. João Simões Lopes Neto (1865-1916), célebre escritor pelotense que plasmou o ambiente e o linguajar campeiros do extremo meridional brasileiro em importantes obras, deixou no conto *O Boi Velho* um interessante epimítio, isto é, o conteúdo moral. A história, que faz parte dos *Contos Gauchescos*, começa dizendo que *é bicho mau o homem*, e fala de um velho boi chamado Cabiúna, que passara a vida levando as pessoas na carreta. Tendo o animal idade avançada, decidem as pessoas da estância que é bom sacrificá-lo e aproveitar seu couro, que se estragaria, trazendo prejuízo, caso morresse atolado. O animal estava próximo ao carro-de-boi que foi sua ferramenta de trabalho por quase toda a vida. Ao

ter a faca cravada no peito, julgou ser um castigo e posicionou-se de forma a esperar que lhe atrelassem ao veículo, enquanto se esvaía em sangue. Um grande remorso tomou conta do ambiente. O conto possui uma crítica à ganância e à instrumentalização de outros seres, e principalmente evoca a obscura faceta ingrata do ser humano. Não era um boi qualquer, era um boi que havia servido às pessoas por muitos anos, e no momento de seu sacrifício estava rodeado por homens e mulheres que foram meninos e meninas por ele conduzidos. Tinha nome, Cabiúna, um diferencial em relação aos bois comuns destinados ao consumo. Somente os animais mais próximos, como vacas leiteiras e bois de tração, possuem nome próprio e recebem tratamento afável. O gado do campo, que está engordando para logo ser abatido ou enviado a outros locais, é tratado com indiferença ou desdém, em um processo de afastamento.

No conto *Trezentas Onças*, um tropeiro em marcha para em uma restinga para dormir a sesta. Desperta e resolve nadar para reanimar-se. Ocorre que o sujeito esquece ali sua guaiaca\* contendo trezentas onças\* de ouro de seu patrão, charqueador. No caminho de volta reparou que seu cão, a cada tanto, latia e corria para trás, e lhe olhava. Chegando ao seu destino e descendo do cavalo, o tropeiro deu falta do peso da guaiaca, sentindo grande mal-estar. Lembrou, então, de seus instantes na restinga e de que havia deixado a guaiaca por lá. Apressadamente retornou ao local, enquanto o cão latia e pulava contente a seu lado. De volta a onde havia perdido as moedas de ouro, procurou por todos os lados, sem sucesso.

“Então, senti frio dentro da alma... o meu patrão ia dizer que eu havia roubado!... Roubado!... Pois então eu ia lá perder as onças!... Qual! Ladrão, ladrão, é que era!... E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos: eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquela suposição. (...) Tirei a pistola do cinto; armei o gatilho... benzi-me, e encostei no ouvido o cano, grosso e frio, carregado de bala...”

(LOPES NETO, 1953, p. 129).

O desespero do personagem é interrompido pelos seus companheiros animais:

“No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi... as Três-Marias\* luzindo na água... o cusco\* encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão... e logo, logo, o zaino\* relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!... – Patrício, não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má atenção... (...) O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança...”  
(LOPES NETO, 1953, p. 129).

O tropeiro então decide vender seus bens a fim de pagar as trezentas onças perdidas. Retorna para casa, conformado, e ao chegar tem a grata surpresa de encontrar uma comitiva que passara por ele no caminho, e a guaiaca contendo o dinheiro.

A obra de João Simões Lopes Neto utiliza como substrato o rico populário sul-rio-grandense, e seu valor documental foi ressaltado por críticos como Augusto Meyer (*in* LOPES NETO, 1953, p. 14). Em *O Boi Velho*, o autor registra um modo de pensamento existente entre as pessoas da época e local dos quais escreve. No conto citado acima, lemos a superioridade moral de Cabiúna, o boi velho. Já no conto *300 Onças*, temos a figura de um cãozinho muito esperto, que auxilia o companheiro humano se valendo de sua sagacidade.

#### **4. TEM QUE SER PURO, SE COMEÇA A CRUZAR SAI UNS CACHORRO MAU: A CAUSA OVELHEIRA E A REIVINDICAÇÃO DE TRADIÇÃO**

A trajetória da pecuária sul-rio-grandense é marcada pelo melhoramento genético dos animais de produção. Importações de animais premiados mundialmente são um fenômeno recorrente pelo menos desde a segunda metade do século XIX. Ao olharmos para essa questão, vemos que os cães ficam aparentemente afastados desse processo, que tem nos bovinos, ovinos e equinos a maioria dos investimentos. Contudo, a presença canina, incluindo do Ovelheiro, foi constante ao longo dessa trajetória. Embora não figurando nos registros que ostentam a opulência da pecuária estadual, o cão foi um elemento que atuou nesse cenário, não ficando impermeável aos interesses dos produtores de possuir os melhores animais que conseguissem.

O município de Bagé, situado na região da Campanha gaúcha, é conhecido pelo forte vínculo com o setor primário, especialmente na pecuária. A criação organizada, a seleção genética e a introdução de raças de ponta tiveram Bagé como um de seus principais palcos no Brasil. Em 1903 ocorre a primeira exposição-feira, das pioneiras do Rio Grande do Sul. Em 1904 é fundada a Associação Rural e, em 1906 é criada a Associação do Registro Genealógico Sul-Rio-Grandense, passo importante para o melhoramento genético dos rebanhos estaduais. O município ainda é conhecido por ser um dos principais criatórios de cavalos da raça puro-sangue inglês do mundo, possuindo mais de 50 haras, dos quais saem animais campeões nos principais páreos internacionais. Também é o berço da Associação de Criadores de Cavalos Crioulos, possuindo um dos maiores plantéis da raça. Outro fato de destaque é o Código Rural de Bagé, que passou a vigorar em janeiro de 1898, quando poucos municípios brasileiros possuíam semelhante dispositivo. Suas regras adiantam muitas leis que somente décadas depois entrariam em vigor em âmbito nacional, como diretrizes a respeito da preservação dos leitos de cursos d'água. De seus oitenta e quatro artigos salienta-se, a fim de exposição neste trabalho, aquele que limita o número de cães nas estâncias, de acordo com sua extensão e rebanho.

Sendo a pecuária o sustentáculo da economia local, já no ocaso do século XIX o município se preocupava em regular a atividade em seus mais mínimos detalhes, e a presença de cães nos estabelecimentos figura entre um dos fatores preponderantes no sucesso ou insucesso da criação. No código não há limitações para outras espécies, mas os cães possuem estatuto especial no sentido de que podem competir com os humanos pelos mesmos recursos. A seleção racial canina, no entanto, não figura entre as preocupações do código nem de outros escritos semelhantes. Deve-se ressaltar, não obstante, que a questão da raça dos cães é presente entre os pecuaristas, como bem demonstram as narrativas de vários interlocutores, algumas expostas em outros capítulos. Na segunda metade do século XIX a seleção racial aparece como elemento importante para a pecuária, e conseqüentemente para a economia como um todo. Bagé é o primeiro município rio-grandense e/ou brasileiro a importar diversas raças bovinas, equinas e ovinas, e isso se deve, em parte, à influência dos vizinhos pecuaristas uruguaios e argentinos, já à frente nos avanços zootécnicos. Os animais importados de raças caras representavam importante patrimônio, e o risco da perda do capital investido, seja por doenças, abigeato ou outros motivos, fez surgir uma demanda por parte dos produtores. Eles reivindicavam uma companhia seguradora que protegesse seu patrimônio animal. Assim é criada, em 1914, a *Companhia de Seguros Garantia do Fazendeiro*, primeira empresa do ramo no país a oferecer seguro a animais de raça. (LEMIESZEK, 2000, p. 141.)

A importância do setor primário para Bagé faz com que a cidade seja palco de importantes eventos relacionados à agropecuária. Na página virtual de sua Associação e Sindicato Rural, podemos ler que

É considerada como a entidade mais antiga a realizar Exposições Feiras no País. Durante este período apenas nas da 1ª e 2ª Guerras Mundiais, não foram realizadas as mostras em Bagé. (<http://www.ruralbage.com.br/institucional/historico/>)

O refinamento racial dos animais de produção surge como um aspecto do aprimoramento técnico do setor agropecuário como um todo. Um bovino de determinada raça promete ganhar mais peso em menos tempo, aclimatar-se

melhor, ser mais prolífero, entre outras vantagens. O produtor rural que possui animais com essas credenciais é o detentor de uma mercadoria mais valorizada, de um estabelecimento mais produtivo. São elementos biológicos subsumidos ao aspecto econômico que os recruta e manipula. O melhoramento genético é ligado à contemporaneidade, já que é resultante de inúmeros avanços científicos das últimas décadas. Ainda que tenha atingido um elevadíssimo nível atualmente, com resultados inimagináveis há cem anos, a ideia de melhoria dos animais (e plantas) domésticos através de cruzamentos selecionados é muito antiga e acompanha a humanidade desde os primórdios da domesticação. O final do século XIX no Rio Grande do Sul acentua, mas não inaugura a preocupação com as características dos rebanhos. Podemos ler nas *Memórias ecônomo-políticas sobre a Administração Pública do Brasil*, escritas em 1821 pelo português Antônio José Gonçalves Chaves, o seguinte:

Todos os nossos gados vacuns são de boa qualidade e se excetuarmos as vizinhanças da Lagoa dos Patos e de Porto Alegre, aonde o gado é alguma coisa miúdo, em todas as mais partes nossos bois e vacas são muito corpulentos, e uma vez que lhes não faltem pastos, chegam a uma grandeza e gordura extraordinárias. (...) Não é assim respectivamente a outras espécies: as mulas poderão ser muito melhores, havendo-se de fora jumentos mais corpulentos, pois que todos quantos há na província são sumamente pequenos. Quanto aos cavalos, deveria se mandar vir do Chile ou outras partes melhores raças, pois se os que atualmente temos são cavalos bons, nós os teremos muito melhores se tivermos melhores raças. Ainda assim nós não estamos mal servidos e teremos mesmo muito excelentes cavalos; principalmente no distrito de Bagé ou São Sebastião, Santa Maria e outros lugares, aonde os campos estão bem descansados, são muito corpulentos e formosos. (CHAVES, 1978, ps. 202 e 203)

A discussão de raça, inserida em um plano maior de desenvolvimento econômico, historicamente ocupou-se dos animais destinados a servir com seus corpos, seja na forma de carne, leite, ovos, couro ou tração. Na literatura pesquisada não encontramos essa perspectiva sobre os cães, e as notícias de importação raças caninas se encaixa nos esforços cinológicos para melhores cães de caça, guarda ou companhia. É de se esperar, porém, que os cães de

pastoreio fossem objetos de preocupações. Afinal eles representam a ferramenta que lida com o insumo, uma peça a mais na rede de manejo do produto, ou seja, o gado. Isso foi evidenciado nas pesquisas de campo, como no relato de um interlocutor de 84 anos de idade do interior de Piratini.

*Ah, sempre lidemo com cachorro, toda vida. O cachorro te ajuda uma barbaridade, tu manda e ele vai lá adiante e já vem repontando as ovelha tudo. Desde que eu me conheço por gente sempre teve cachorro aqui.*

*E que tipo de cachorro é bom pra esse serviço?*

*Ovelheiro, sempre tivemos ovelheiro puro. É um cachorro amigo, gosta de trabalhar, e não é mau. Tem que ser puro, se começa a cruzar sai uns cachorro mau, que mordem no garrão, mas mordem mesmo, de machucar. O ovelheiro bom não faz isso, quando muito da uma pegadinha, mas não judia.*

Este entrevistado em Piratini nasceu no vizinho município de Canguçu, de onde saiu aos 20 anos. Ele comenta que em Canguçu, nas zonas de plantação de fumo, não há Ovelheiro, porque as ovelhas são muito poucas. Na cultura fumageira predominam as famílias de origem germânica, e nas propriedades dedicadas ao cultivo do tabaco os animais são destinados ao consumo próprio, como galinhas e vacas leiteiras. Em tal região poucos produtores possuem grande número de ovelhas ou de gado de corte. Isso deve-se, em parte, por ser Canguçu o município com maior número de minifúndios do Brasil, e os terrenos exíguos e acidentados favorecem mais a agricultura do que a pecuária. Este interlocutor, assim como outros, aponta a existência do chamado *cachorro policial* nessa região fumageira, sendo um tipo bom para a guarda, mas inadequado ao pastoreio por uma suposta inclinação à predação e violência na lida. Indagados sobre se era esse *policial* de antanho o mesmo pastor-alemão atual, os interlocutores coincidem de que tratava-se de outro animal, menor e de pelagem mais escura. Através das narrativas delimita-se uma fronteira de raças caninas, que coincide com as fronteiras étnicas da região. Fronteira entendida como uma zona de transição, onde começa a diminuir a presença de certo elemento ou característica e aumentar a de outro, gradativamente. Não foi possível estabelecer com precisão qual seria

o *cachorro policial* citado pelas pessoas com mais de setenta anos de idade, mas o fato de sua prevalência ser em zonas de colonização alemã e pomerana conduz-nos a pensar que seja uma variedade de pastor-alemão, trazida pelos imigrantes. O Ovelheiro começa a aparecer nas zonas onde predomina a pecuária, as mesmas em que diminui a pequena propriedade familiar de origem germânica; concomitantemente, míngua a presença do *policial*.

*E aqui em Piratini já tinha Ovelheiro?*

*Ah, aqui toda vida teve. Aqui policial não se vê. Aqui todo o mundo cria ovelha. Policial onde tem ovelha tu não pode ter ele de jeito nenhum, porque ele mais hoje ou mais amanhã ele mata ovelha. O Ovelheiro morre de velho e ele não mata né. Não mata, ele é de trabalhar com ovelha, não morde, não pega de jeito nenhum. Aqui as nossas ovelhas agora mesmo tavam dando cria aí e os cachorros todos os dias iam pra lá, os que tavam soltos, a gente tem uns que tem mais certeza né, então eles iam lá pra comer o parto [placenta] da ovelha. A ovelha bota o parto ali onde ta o filhotinho, não mexiam nos cordeirinhos, pode deixar junto que não mexem. O Ovelheiro né! Se fosse outro, pelo curto... geralmente o que é bem adequado pra isso é o ovelheiro, esses que tem pelo assim, pelo grande, uma lã que se chama. (...) Trabalha e já ajuda o N. [filho do interlocutor], porque o N. trabalha só, de tarde. Aquele cachorro amarelo que tem aí de tardezinha manda ele e ele vai lá e traz todas as ovelhas, todas, não deixa nenhuma.*

Esse e outros depoimentos apontam para uma clara preferência por tipos comportamentais e morfológicos de cães de trabalho. Ainda que alheios aos cânones da seleção genética profissional, pautada em pesquisas científicas, esses produtores rurais são herdeiros de uma tradição conhecedora de detalhes e especificidades animais que permitem uma seleção consciente e direcionada. O relato acima expõe a preferência pelos animais com mais pelo, dizendo que são mais adequados os cães que possuem uma lã. Essa lã é o subpelo, uma camada inferior e densa, própria de algumas raças. Élen Garcia, do Canil Reculuta, relata a observação de que algumas fêmeas dão preferência a machos com pelagem mais densa para acasalar, evitando Ovelheiros de pelo ralo e rejeitando cães de outras raças. Felipe Cunha, do canil Muuripá, observa diferença de tamanho entre Ovelheiros de distintas regiões. Os da Serra do

Sudeste possuem conformação mais compacta, e são preferidos pela facilidade em se locomover entre a vegetação, muitas vezes densa, e no percurso acidentado comum no interior de Piratini. Comparativamente, os animais de campo aberto, da região da Campanha, são maiores e mais pesados. Bagé apresenta grande extensão territorial, fazendo divisa com o Uruguai e chegando às margens do Rio Camaquã, bem mais ao norte. Neste município observa-se certa variedade de relevo e vegetação, sendo em algumas zonas bem plano e dominado por gramíneas, e em outras mais acidentado e com variedade de espécies arbustivas e arbóreas. A costa do Camaquã caracteriza-se por grandes formações rochosas, vegetação densa e terreno acidentado, e a criação de caprinos é bastante forte. Em conversa com um informante residente na cidade de Bagé, mas criado na zona rural, foi enfatizada a necessidade da utilização de cães na região conhecida como Palmas, por onde passa o Rio Camaquã.

*Lá nas Palmas tu não é ninguém sem cachorro. As vacas se embretam no mato e não tem jeito de tirar de lá, cavalo não entra, só cachorro. Tem um conhecido meu que tem como dez cachorros, ele sai a cavalo mas os cachorros que fazem todo o serviço. Eles tem muito cabrito naqueles perau [terrenos escarpados, com muitas pedras]. Peão novo lá tem que passar um tempo aprendendo, não é todos que se acostumam. Uma vez foi um trabalhar lá nesse meu conhecido, ficou dez dias e não aguentou, foi embora. Era peão de campo aberto, de estância grande. Era bom campeiro, mas quem campereia em campo aberto não campereia nas Palmas, é cada grotta e cada perau que muitos repunam.*

O depoimento faz clara vinculação à geografia e à necessidade de cães de trabalho. Trata de um panorama semelhante ao observado nas pesquisas de campo em Piratini, em zona de serra. Contudo é a presença dos cães em geral, não somente Ovelheiros, é marcante mesmo nas regiões mais planas e com menos vegetação.

Antes do grande desenvolvimento dos tecidos sintéticos, a lã representava um produto de grande valor, sendo a principal motivação da ovinocultura. Importantes compras de animais eram realizadas, alguns provenientes dos melhores criatórios internacionais, de países como Inglaterra,

França e Uruguai. A fina flor da genética mundial pastava pelos campos da Campanha sul-rio-grandense. Reprodutores das mais altas cifras eram adquiridos por um círculo de grandes latifundiários com alto poder de compra, e como seria de se esperar, o investimento abarcava todos os aspectos da criação, com qualificação de instalações e mão-de-obra. Para Pimentel,

“Bagé tem sido por vezes proclamada a Capital da Pecuária do Brasil.

Não há nisso o menor exagero. Os seus campos, providos de gramas finas, são povoados pelas melhores e mais seletas raças do mundo.”

(PIMENTEL, 1940, p.45)

O livro ainda discorre sobre fazendas de destaque e pecuaristas importantes, carregado de um tom apologético, comum em obras da época. Enaltece as pessoas consideradas ilustres no município e suas iniciativas no setor primário, citando individualmente animais importados, suas raças, genealogia e prêmios obtidos.

Em 1916 foi editado *O Estado do Rio Grande do Sul*, por Monte Domecq & Cia. Obra portentosa, a luxuosa edição de grandes dimensões é encadernada em couro, ricamente ilustrada em papel *couché*, e tem como objetivo apresentar o Estado ao resto da nação e ao mundo. Foi editado também em espanhol e francês. Concebida pelo governo estadual, começa com um grande retrato do então governador Antônio Augusto Borges de Medeiros, e possui um nítido tom propagandista. O livro aborda os principais municípios da época, ilustrando fartamente os prédios mais imponentes e as mais notáveis realizações econômicas, como indústrias, bancos e, como não poderia deixar de ser, estabelecimentos rurais. Nos capítulos referentes aos principais municípios com vocação pecuária a tônica é novamente as importantes aquisições de animais de raça vindos do exterior. O fausto que os fotógrafos buscavam transmitir através das fotos de imponentes edifícios também é observado nas fotos dos animais, sustentáculos da economia da maior parte do Rio Grande do Sul até pelo menos as primeiras décadas do século passado.



À MÓR PARTE DO ESTADO PRESTA-SE ADMIRAVELMENTE PARA A CRIAÇÃO DE LANIGEROS DE TODAS AS RAÇAS. — CARNEIROS PUROS IMPORTADOS PARA REPRODUCTORES.

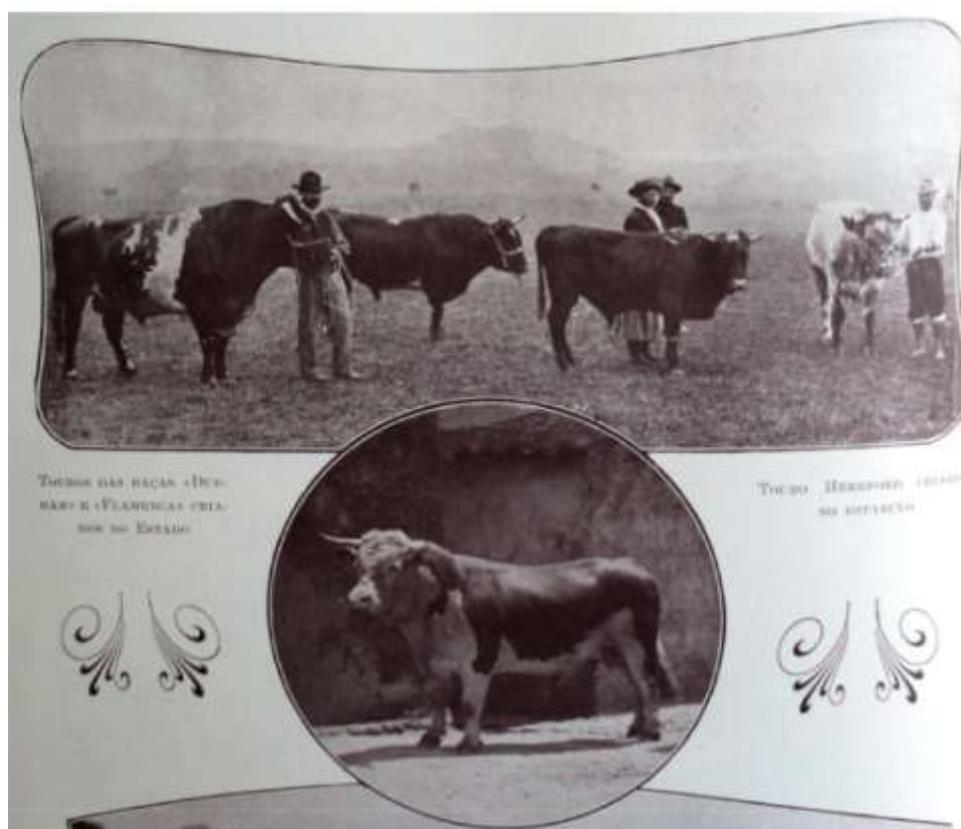


Os animais são expostos de maneira semelhante aos demais signos de riqueza nas páginas do livro, como automóveis e montes de grãos pós-colheita. As indicações de pureza racial e procedência estrangeira, dos chamados países adiantados, é frequente e dá a tônica de modernidade da prosa.

Concomitantemente são exaltadas as personalidades responsáveis por esses feitos.

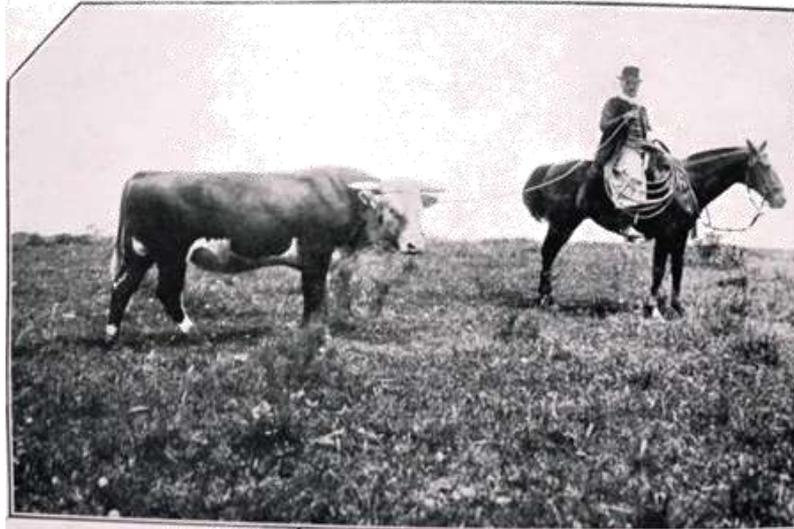


O REPRODUTOR «DEVON» DO PLANTEL «SANTA THEREZA», TOURO DE GRANDE VALOR IMPORTADO DAS REAES CABANHAS DA INGLATERRA



TOURAS DAS RAÇAS «INDIANO» E «FLANDRESA» CRIADAS NO ESTADO

TOURO HOLLANDÊS CRIADO NO ESTADO



REPRODUTOR «HEREFORD» PURO, DO PLANTEL  
DE «STA TEREZA»



TYPHO DA CRIAÇÃO EQUINA RIO-GRAN-  
DENSE. — BANHEIRO CARRAPATICIDA,  
SYSTEMA COOK, N'UMA ESTANCA DO  
VISCONDE DE R. MAGALHÃES, E CUJO  
EMPREGO ACHA-SE MUITO GENERALISA-  
DO NAS ESTANCIAS DESTE ESTADO. —

O capital humano pouquíssimas vezes é tratado nas partes referentes à pecuária. Nas fotos de empresas estatais, escritórios, indústrias e congêneres vemos a ênfase no treinamento pessoal, e ao tratar das cidades das zonas de colonização germânica e italiana o livro exalta a laboriosidade do colono. Contudo, no que tange o setor pastoril, os trabalhadores são um mero plano de fundo, neutro como a paisagem. É como se a pujança pecuária se sustentasse por si só, ou unicamente pelo empreendedorismo dos grandes estancieiros. Nisso se irmanam os pastores humanos e caninos; esses companheiros de ofício dificilmente são contemplados fora dos romances e poemas nativistas. Essas duas obras, *O Estado do Rio Grande do Sul* (1916) e *Aspectos Gerais de Bagé* (1940), discorrem longamente sobre as raças bovinas, ovinas e equinas importadas, suas principais vantagens e necessidades, trazendo também fartos dados estatísticos e genealógicos. Os cães de trabalho, no entanto, não são abordados. Os trabalhadores humanos também são naturalizados, são algo dado, parte da paisagem. Aqui abro um parêntese para um rápido comentário na tentativa de aproximar os trabalhadores, humanos e caninos.

Dentro da história da intelectualidade sul-rio-grandense, muitos autores ocuparam-se em definir o caráter, temperamento e disposições gerais do tipo social alcunhado *gaúcho*. As motivações foram variadas, das meramente descritivas até as que buscavam legitimar ideologias dominantes. De fins do século XIX ao início da segunda metade do século XX, salientam-se descrições pautadas por um paradigma heróico e idílico, reivindicando a bravura dos sul-rio-grandenses nas inúmeras guerras em que participaram e caracterizando a geografia dos campos sulinos como natural matriz de uma estirpe de homens destacados. Paulatinamente, muitos trabalhos passaram a questionar tal visão dos fatos, especialmente nutridos pela teoria marxista. Temas como a falta de acesso à terra, o escravagismo e os genocídios indígenas passaram a ganhar lugar de destaque. Visões diametralmente opostas conservam, em seu cerne, algumas similitudes, como a tendência generalizante do que vem a ser o *gaúcho*, e a constância problemática na caracterização masculina dessa população. A etnografia permite uma interessante perspectiva a esse respeito, e adiante faremos considerações de caráter etnográfico.

O historiador Décio Freitas (1996) buscou sintetizar a imagem do trabalhador campeiro sul-rio-grandense propalada pela tradição intelectual brasileira, caracterizando-a e cotejando-a com documentos e reflexões. O autor questiona as ideias de produção pecuária sem trabalho, demonstrando que, se havia uma proliferação natural de grandes rebanhos pela região do Pampa gaúcho antes da formação das estâncias, tais rebanhos não tinham valor senão através do trabalho de peões que procediam à sua captura e abate. Também confronta os ideólogos que admitem a existência do trabalho, mas que o caracterizam como mínimo e lúdico. Freitas apresenta fontes que demonstram o perigo e o desgaste físico envolvidos na atividade pastoril. À luz dessas considerações, assevera que “o gaúcho não era um folgazão, como se apregoa – era um desgraçado, um pobre diabo, sem eira nem beira.”

A fim de evitar essencialismos, nos permitimos suspender temporariamente o juízo sobre o que era ou não era, é ou não é, o gaúcho. Possivelmente existam quase tantas variações no modo de vida campeiro quantos forem os campeiros. É arriscado imputar definições da subjetividade alheia. Devemos salientar que admitir a possibilidade de bem-estar emocional em determinado contexto não significa negar que haja exploração nesse contexto. Precavendo-nos devidamente de que o período atual difere enormemente da época analisada por Décio Freitas, consideramos que o trabalhador da atividade pastoril do extremo meridional brasileiro não pode ser comprimido nem na categoria de herói literário nem na de pobre diabo, muito embora haja biografias mais ou menos próximas dessas definições. A pesquisa de campo forneceu inúmeros casos de grande apreço pelo seu modo de vida entre trabalhadores campeiros, além de sentimentos nostálgicos dos já retirados da atividade.

Em pesquisa de campo realizada no inverno de 2014, o interlocutor Guilherme Piegas, produtor rural, expôs uma posição interessante. Segundo ele, o tradicionalismo tem um viés um tanto sádico, pois lamenta o fim iminente dos tropeiros e carreteiros, mas os tradicionalistas não cogitam abandonar seu emprego na cidade e abraçar tais ofícios. Admira-se a esquila a martelo (tosa de ovelhas com tesoura) mas não verifica-se a disposição em passar uma temporada de verão exigindo da coluna e arriscando desenvolver tendinite, sob

calor extremo dentro de um galpão de esquila. Há o desejo de contemplar a outros executando tarefas que o contemplador recusaria, daí o aspecto sombrio do apego a determinadas tradições. O interlocutor, que junto à família é proprietário de uma estância situada no município de Pedras Altas, RS, comentou sobre a dificuldade em recrutar mão de obra, fato confirmado por diversos interlocutores da região. Isso se deve ao fato da pouca disposição dos mais jovens em trabalhar em lugares distantes, e da progressiva deterioração da saúde dos mais idosos. Não obstante o campo possua todas as comodidades da cidade no que se refere ao conforto no lar, a distância é um fator que pesa, e as regiões de grandes estâncias se deparam com esse problema. O perfil dos empregados nesses estabelecimentos vem modificando-se muito nos últimos anos, sendo grande parte cambiante entre a zona rural e a urbana. Piegas, inclusive, comentou a respeito de um peão, que há poucos meses trabalhava na construção civil na cidade de Rio Grande, RS.

Voltando ao Ovelheiro, foi dito por membros da ACOG que costuma haver certa uniformidade nas pelagens desses cães de acordo com as propriedades. De fato, no canil Reculuta, de propriedade de Eduardo Silva e Elen Garcia, situado em Morro Redondo, e no canil Muuripá de Felipe Cunha, em Piratini, cada um com cerca de dez cães dessa raça predomina a pelagem amarelada com manchas brancas. Ambos os locais possuem criação selecionada e organizada, buscando uniformidade no plantel. É necessário esclarecer, porém, que os canis formaram-se a partir de animais já existentes nas propriedades antes que a reivindicação de raça surgisse. Já na estância Cerro Agudo, em Pedras Altas, todos os Ovelheiros possuem pelagem mesclada de preto com branco, como atestam as fotos. Essa tendência à uniformidade é observada em todas as propriedades que visitei, que possuem certo número de exemplares da raça. Na ampla maioria, entretanto, não há qualquer esforço no direcionamento de um padrão morfológico. Antes há, contudo, uma busca pelos animais de comportamento mais apto ao trabalho, o que pode ter como desdobramento a conformação física em comum.

O processo de modernização da pecuária sul-rio-grandense alterou a face das manadas a pastar por suas campanhas, e tal mudança foi pensada, buscada, desenvolvida e divulgada. Paralelo a isso, outras transformações

significativas foram ocorrendo, como a delimitação dos campos por divisões de arame, ainda no século XIX, e o grande êxodo rural, verificado sobretudo na segunda metade do século XX. Algumas espécies nativas tiveram grande decréscimo populacional, algumas foram extintas, e espécies invasoras ocuparam nichos outrora pertencentes a espécies autóctones, tanto animais quanto vegetais. Um dos motes do discurso e das ações da ACOG é o argumento de que o Ovelheiro Gaúcho é fruto da dinâmica das transformações de seu ambiente, sendo o resultado de uma lenta e gradual adaptação às condições físicas e sociais do entorno. A remissão à antiguidade da formação da raça anda ao lado da visão do Ovelheiro como bem cultural. Na página do Canil Muuripá na internet podemos ler o seguinte:

A atividade Rural é presente na *família Rosa*, desde meados de 1850, onde as primeiras terras foram adquiridas no interior do Rio Grande do Sul e iniciou-se a atividade pecuária. Desta forma, a *Estância Querência*, localizada em Piratini – RS – Brasil, vem sendo passada de geração a geração até os dias de hoje. A necessidade exigida pela lide do campo de possuir cães de **confiança, ágeis, inteligentes, rústicos e corajosos**, fez com que houvesse uma busca e **seleção** de animais que atendessem e contribuíssem de forma positiva na atividade pecuária. Com isso, a família Rosa esteve sempre atenta na escolha dos melhores cães para sua propriedade, observando e escolhendo animais de pastoreio que seriam ideais para o trabalho com ovinos e bovinos, que não causassem danos físicos aos animais devido à agressividade, que fossem inteligentes e humildes, que soubessem respeitar seu dono aos chamados e que fossem animais perfeitos para **companhia e cuidar a casa**.

O texto ressalta que desde 1850 a família trabalha com pecuária, nas mesmas terras, e que desde os primórdios os cães estão presentes, sendo eles uma expressão do próprio local. A rede interespecífica formada por trabalhadores humanos e caninos assentou caracteres para dar origem a um produto único e indissociável do meio, a raça Ovelheira. A seguir, lemos:

Em um tempo onde a escassez de animais com estas características se acentua, onde proprietários percebem que a introdução de raças sintéticas ou alienígenas a nossa cultura não contribuíram de forma efetiva para o pastoreio e/ou para alarme e companhia, o **Canil**

**Muuripá** inicia-se **oficialmente** em 2013 destinando-se a criação da raça **Ovelheiro Gaúcho**, “*a raça ideal*”, sediando no município de Piratini, tendo como objetivo a seleção através da **funcionalidade** e **essência** de seus animais, visando a criação de animais tanto para o **campo**, quanto para a **cidade**. Além disso, o Canil Muuripá é parceiro de um projeto de resgate, estudo e seleção da raça, que visa demonstrar através da funcionalidade o porquê de defendermos que Ovelheiro Gaúcho é a “raça ideal”, sendo, por nós, considerado “**O Verdadeiro símbolo da cultura Gaúcha**”.

Os caracteres em negrito e em itálico são próprios do texto original, e foram mantidos a fim de melhor analisarmos seu conteúdo. A introdução de novas raças de animais de produção no Rio Grande do Sul é bem documentada, assim como a evolução numérica e qualitativa dos plantéis. Mas nos deparamos com a dificuldade da falta de registros semelhantes quando se trata dos cães. São escassos os registros bibliográficos que discriminam raças caninas no cenário pastoril local, assim como é pequena a iconografia onde os cães podem ser apreciados. Os depoimentos nos ajudam, assim, a ter uma ideia mais clara a respeito do tema. Todos os interlocutores da pesquisa afirmaram que o Ovelheiro “sempre” esteve lá, sendo que cinco dos entrevistados possuíam mais de oitenta anos. Várias vezes foram citadas raças já desaparecidas, pelo menos das zonas dos visitadas, como o Veadeiro, muito utilizado na caça, e o Bulldog, antigamente empregado nos matadouros para sujeitar as reses. Essas raças escassearam, e o texto acima diz que a escassez de Ovelheiros se acentua. Desse modo, a iniciativa do canil é, também, uma resposta ao processo de desaparecimento da raça. Após está escrito e destacado que o canil preza por funcionalidade e essência, visando animais tanto para campo como para cidade. Essa aptidão campo e cidade pode soar contraditória, posto que a funcionalidade da raça é expressa no campo, e sua essência é rural e tradicional. Felipe sustenta que, não obstante, a docilidade e a afetuosidade manifestas na raça lhes permitem ser um ótimo companheiro urbano. Depois o texto afirma que o canil é parceiro de um projeto de resgate, estudo e seleção da raça. Resgate e seleção, juntos, podem também soar contraditório, já que o resgate seria a recuperação e manutenção do que já é ou já foi, e seleção traz a ideia de direcionamento futuro, cambio de

características originais. Contudo a seleção é justamente na maneira de resgate do padrão preferido. Ao contrário da criação de outras raças, nas quais o objetivo é produzir características novas com fins estéticos, a criação do Ovelheiro busca manter o que já está consolidado, por entender como patrimônio genético e cultural.

A informação de que raças sintéticas ou alienígenas à cultura não contribuíram de forma efetiva para o pastoreio, alarme e companhia chama a atenção por unir um argumento cultural com um pragmático. O Ovelheiro é desejável por ser um bem tradicional, um produto avoengo, *o verdadeiro símbolo da cultura gaúcha*. Paralelamente, sua desejabilidade é fortalecida pelo seu desempenho prático. Com efeito, os entrevistados (tanto cinófilos portadores de conhecimentos científicos como produtores rurais analfabetos) apontam para a importância de Ovelheiros puros, sob pena de *estragar* a raça. Outros tipos de cães mostram-se inadequados, por serem muito agressivos, terem pouca presteza ou ainda por excesso de atividade, no caso do border collie. Para o criador Eduardo Silva, o mundialmente aclamado border collie não se adapta ao modo de pastoreio gaúcho, pois quer trabalhar o tempo todo, importunando os demais animais. Vai ao campo arrebanhar vacas ou ovelhas a qualquer hora e mesmo chega a fazer isso com as aves, ao passo que o Ovelheiro sabe o momento de trabalhar, esperando que as pessoas tomem a iniciativa. O texto traz a palavra “oficialmente” em negrito, para enfatizar que muito antes de 2003 a propriedade já criava os cães Ovelheiros.

Em dezembro de 2014 fui novamente a Piratini, e na ocasião conversei com dona Domícia, de 96 anos, intermediado por sua filha Maria. Fui levado até lá por Felipe Cunha, que esperava que ela confirmasse a antiguidade do Ovelheiro. Dentre os muitos assuntos conversados, a piratiniense Dona Domícia contou-nos sobre seus ofícios de benzedeira e parteira, que poderiam constituir um capítulo à parte neste trabalho. Relembrou seu pai, negro baiano, de olhos azuis como os dela, que era impedido de sair da fazenda onde trabalhava, mesmo em época na qual a escravidão havia, oficialmente, acabado. Ela nos contava, com sua fala serena e pausada, fatos ignorados pela maior parte de seus contemporâneos e ausentes nos livros de história.

Aos seus pés um cãozinho da raça poodle, que atende por Bob e pertence à sua filha Maria. Sobre a ida para a cidade, confessa que foi por necessidade, para ter alguém por perto, já que é viúva. Apesar da idade, a coluna conserva-se ereta, os movimentos são confiantes e vive sozinha em uma modesta casa próxima ao centro de Piratini. A filha mora na mesma quadra, algumas casas adiante. Diz não gostar do barulho da cidade, principalmente dos carros que passam com som alto, mas aponta como vantagem ter os vizinhos por perto. Nos fundos da casa ficam alguns resquícios materiais das mais de oito décadas vividas na zona rural. Um arado enferrujado e restos de um antigo forno de barro repousam a um canto. Do outro lado do pátio, um galinheiro e uma pequena horta. A presença enciumada de Bob, o poodle, suscita o assunto sobre cães.

*Quando a senhora era guria tinha cachorro lá onde a senhora morava?*

*Ah sim, sempre teve muito.*

*E pra que o pessoal tinha cachorro?*

*Ah pra tudo, pra caçar, pra camperiar, pra tudo.*

*E os cachorros eram os mesmos desses que tem agora?*

*Uns eram. Não tinha desses assim, de cidade [aponta para Bob]. Tinha veadeiro, usavam muito veadeiro pra caçar.*

*E os ovelheiros, tinha deles lá também?*

*Ah sim, sempre teve. Ovelheiro sempre teve.*

*Os mesmos de hoje?*

*Eram os mesmos, a mesma coisa. Tinha baio coleira, preto coleira.*

Ao mencionar “coleira” nossa interlocutora se refere ao anel de coloração branca ao redor do pescoço, comum em grande parte desses

animais. Suas respostas são lacônicas, ainda que expressas de boa vontade, e não tínhamos a intenção de cansá-la solicitando minúcias.



Na imagem acima vemos os pés de dona Domícia, à esquerda, e de sua filha, Maria, à direita. O fiel poodle Bob mantém-se desconfiado e late quando alguém se aproxima de dona Domícia, em clara postura protetora. O mascote vive com sua filha, algumas casas depois, na mesma rua. No entanto podemos dizer que sua guarda é compartilhada, pois o animal convive com ambas. Nossa anfitriã empunha uma tradicional vassoura de guanxuma, feita por ela mesma. Consiste de um cabo de madeira contendo ramos de guanxuma (*Sida rhombifolia*). É uma das permanências da vida rural, assim como as aves do terreiro e a horta.

Maria em seu atelier, que fica no mesmo terreno da casa da mãe. É artesã, trabalhando principalmente com lã. Confecciona ponchos, boinas e outros artigos, tendo aprendido o ofício via tradição familiar. A lã, proveniente do próprio município de Piratini, é um produto da rede de trabalhadores interespecífica, composta por humanos, cães e cavalos. Enquanto trabalha, Maria compartilha o espaço da oficina com Bob; ele vestia roupa para cachorro, embora fizesse calor e seja de raça de pelo espesso. Temos duas mulheres que passaram a maior parte das suas vidas no campo, e que agora, na cidade, conservam práticas e objetos do cotidiano rural. A relação com o cachorro foi ressignificada, atualizando-se de acordo com o fenômeno pet atual.

#### **4.1 – CORRER NO CAMPO, DESFILAR NA PISTA: O CIRCUITO DAS EXPOSIÇÕES**

O início da criação organizada do Ovelheiro gaúcho possui como objetivo precípua a manutenção da raça ante o risco de extinção por cruzamentos devido às mudanças observadas no setor agropecuário. Secundariamente, procura alavancar o animal, defendendo que é o verdadeiro companheiro do gaúcho e propagando a ideia de que é um bem cultural. Na página oficial da ACOG na internet temos o seguinte texto de apresentação:

A Associação dos Criadores de Ovelheiro Gaúcho é uma entidade sem fins lucrativos, que foi fundada em 10/02/2013 e que tem por objetivo preservar as características comportamentais e morfológicas do Ovelheiro Gaúcho, mantendo a sua aptidão para o trabalho de pastoreio, guarda e companhia, para o qual foi severamente selecionado no ambiente rural.

No intuito de congrega criadores e dar visibilidade à causa, a Associação começou a promover exposições especializadas, especialmente dentro de outros eventos maiores. Assim, em 2013 – primeiro ano da entidade - realizou-se a I Exposição Morfológica da ACOG dentro da FENADOCE, em junho, na cidade de Pelotas. Em agosto ocorreu a segunda exposição, dentro da EXPOINTER, em Esteio. E no mês de outubro, ocorreu na Expofeira de Pelotas a terceira, e na Expofeira de Encruzilhada do Sul a quarta edição do evento. Acompanhei a X Exposição Morfológica do Ovelheiro Gaúcho, em novembro de 2014, na cidade de Bagé. Foi o primeiro evento da entidade na região da fronteira. Segundo os organizadores, por ser a região onde a raça é mais abundante, é mister que a Associação atue nela, atraindo novos membros e principalmente dando publicidade ao fato de que o Ovelheiro constitui uma raça única, dotada de valiosas qualidades. A ocasião escolhida foi a 12ª Festa Internacional do Churrasco, dentro do local denominado Parque do Gaúcho. Consciente do grande potencial turístico de Bagé, dos fortes traços culturais característicos da região e da desvantagem do setor turístico comparativamente a outras partes do Estado, principalmente a Serra, o poder público vem agindo de modo a fomentar esse ramo. O Parque do Gaúcho possui um empreendimento homônimo na cidade de Gramado, porém se trata

de um parque temático. O de Bagé, inaugurado em 2006, consiste em uma área de 243 hectares com estrutura para festas rodeios, apresentações artísticas e exposições. Situado a quatro quilômetros do centro da cidade,

é um projeto que visa um espaço destinado ao lazer, entretenimento e difusão da cultura e dos costumes do nosso povo, proporcionando dessa forma, uma maior destaque à figura do Gaúcho, incentivando o Turismo e a geração de emprego e renda em nossa região. ([http://www.bage.rs.gov.br/pontos\\_turisticos\\_visualiza.php?id=28](http://www.bage.rs.gov.br/pontos_turisticos_visualiza.php?id=28))

Dentro do parque está localizada a cidade cenográfica de Santa Fé, locação do filme O Tempo e o Vento, baseado na primeira parte (O Continente) da obra de mesmo nome do escritor Erico Veríssimo. Lançada em setembro de 2013, sob a direção de Jayme Monjardim, a produção mobilizou a cidade com a movimentação das equipes e atores e com a convocação de centenas de figurantes. A estrutura que ficou é agora visitada por centenas de turistas a cada final de semana.

Na ocasião de minha visita aconteciam, nas dependências do parque, a 12ª Festa Internacional do Churrasco e a 11ª Galponeira de Bagé (um festival de músicas regionalistas), além de inúmeros outros eventos paralelos, como torneio de laço e corrida de galgos. Nesse contexto carregado de reivindicação de tradição e resgates culturais – resgates geralmente alicerçados com novas práticas – ocorreu a X Exposição Morfológica da ACOG. Cheguei ao parque no início da tarde. Fazia muito calor e o local estava lotado. Além de carros e transeuntes, muitas pessoas a cavalo em todas as direções. Tive dificuldade em encontrar o local da exposição canina, e pedi informação a visitantes e trabalhadores do parque; ninguém soube me indicar o lugar. Depois de alguns minutos caminhando avistei alguns cães presos por guias, deduzindo ser ali. Me apresentei e fui amavelmente recebido por todos. A ACOG é uma instituição recente, fundada em fevereiro de 2013, e conta com poucos membros, sendo por isso semelhante a uma confraria, bastante aberta e receptiva. Soma-se a isso a motivação conjunta de uma causa maior, favorecendo o apoio mútuo. O sucesso individual de cada criador constrói o sucesso conjunto da Associação, da raça e em instância maior, da própria cultura dos membros, entendida como a cultura gaúcha, e da qual o Ovelheiro

seria parte indissociável. Eduardo Silva me explicou que em algumas outras raças verifica-se muita competição entre os criadores, resultando não raras vezes em clima de animosidade. Criadores há que burlam as regras das associações, cruzando parentes próximos para fixar determinadas características físicas. A consanguinidade, que é a reprodução de pais com filhos ou entre irmãos, acentua caracteres, mas possui um alto preço, debilitando os indivíduos e tornando-os propensos a muitas doenças genéticas, conforme me explicou Eduardo, doutor em biologia animal. Também me relatou que as exposições promovidas pela ACOG possuem o objetivo de fortalecer laços entre criadores, programar cruzamentos e atrair interessados, e aquela exposição em particular buscava aproveitar o contexto favorável de tradicionalismo, sobretudo por se tratar de uma região na qual a causa ovelheira ainda é pouco conhecida. As premiações seriam meros acessórios no evento.



Acomodados ao lado do galpão utilizado como depósito pelos funcionários do Parque do Gaúcho, se reuniram os membros da Associação. O clima era de descontração, diferente de outras exposições de cães visitadas por mim, nas quais havia uma tensão no ar e um corre-corre para acertar os últimos detalhes estéticos dos animais. Somente um exemplar, uma fêmea, estava com o pelo tratado e escovado. Nas demais raças de pelo médio ou

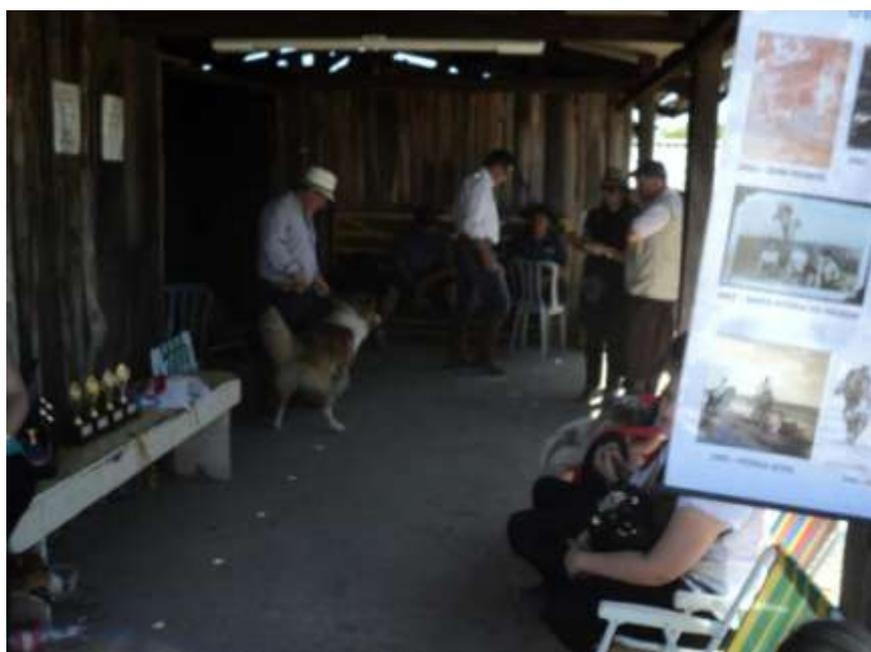
longo é inconcebível uma participação em exposição sem essa intervenção estética.



A movimentação e a aglomeração de cães não reuniram espectadores, embora uma multidão estivesse por ali, vendo provas de laço, comprando artesanato ou somente transitando. É pertinente admitir que se houvesse reunião de bois, cavalos ou carneiros as pessoas parassem para olhar, sobretudo considerando que Bagé tem como uma de suas marcas registradas a exposição-feira agropecuária mais antiga do país e vários importantes leilões de animais ao longo do ano. Ademais, pelo menos uma grande parte do público do Parque do Gaúcho é o mesmo que frequenta os eventos agropecuários. Percebi que a maior parte de quem passava por ali olhava para os cães, tentava entender o que era aquela reunião, mas não se detinha, apesar de um banner explicativo e de vários troféus dispostos ao longo de um banco.



O banner consiste em nove fotos dispostas em ordem cronológica, sendo seis antigas (de 1950 ou anteriores). Enquanto estive por ali algumas pessoas pararam para olhar, mas nenhuma fez perguntas aos donos dos cães que ali estavam.



Na imagem acima vemos os troféus e um cão em pista, conduzido pelo proprietário. Em pé, à direita, estão os juízes fazendo a avaliação. Sentados ao fundo estão funcionários do Parque do Gaúcho assistindo ao inusitado evento. Entrementes me detive nos cães errabundos que por ali andavam. A paisagem canina das cidades de vocação pecuária é marcada por resquícios das estâncias e chácaras. Alguns cães sem raça definida iam para lá e para cá, e com eles alguns ovelheiros e galgos.



Na foto acima temos um panorama da área do parque contígua ao local da exposição dos Ovelheiros. Ao centro, um cão de tipo galgo, sem dono. Como ele, outros galgos podiam ser vistos no parque, assim como não raro se pode vê-los deambulando pelas ruas do perímetro urbano de Bagé. Cerca de um quilômetro adiante ocorriam os preparativos para uma corrida de galgos. Do mesmo modo, Ovelheiros sem dono por ali erravam, enquanto uma exposição da raça acontecia. São esses cães frutos do êxodo rural e das transformações do setor agropecuário, desajustados como muitos humanos, cujos serviços já não têm serventia no campo, precisando ressignificar-se em outros contextos.



E um dos novos contextos é esse que busca o resgate do Ovelheiro Gaúcho. A ACOG tem promovido o advento da elevação desse animal a símbolo cultural e rural do Rio Grande do Sul. É significativo que os ambientes procurados pela entidade sejam os ligados à pecuária e ao tradicionalismo, enquanto outras novas raças, ou novos resgates raciais ao redor do mundo, tendem a inserir-se nos círculos cinófilos por excelência. O Ovelheiro tem sido exposto à semelhança dos animais de produção do livro de Monte Domecq & Cia., abordado anteriormente. Com a diferença, evidentemente, de não ser exaltada nenhuma importação de valor, justamente o contrário. É o autoctonismo uma das principais virtudes da raça, para os interessados nela. A foto acima ilustra bem a atualização do Ovelheiro. Nela vemos dois cães pertencentes à mesma família, sendo o outro da raça shitzu. Vivem na cidade, são animais de companhia. A gênese campeira do ovelheiro, neste caso, manifesta-se apenas nas características de companhia. Os criadores visam preservar o cão de pastoreio com as aptidões para a função, mas o que está em jogo em última instância é a manutenção do animal, já que o processo de produção das propriedades rurais foge da alçada da Associação. Ou seja, se quer que a raça preserve a vocação para o trabalho, mas não há como garantir que o trabalho continue da mesma forma. Assim a preservação da raça tem como aliada a transformação da mesma, quer dizer, sua introdução ao mundo dos cães de companhia urbanos.

Depois de os cães serem avaliados, os juízes discutiram e fizeram a contagem dos pontos, para então anunciar os vencedores em cada categoria. A entrega dos troféus foi intensamente fotografada e aplaudida. Não houve premiação em dinheiro. Embora o interesse não seja eminentemente financeiro – a bem da verdade os sócios da entidade contabilizam somente gastos com as atividades – a longo prazo o acúmulo de prêmios por um mesmo canil pode significar uma elevação no preço que poderá ser cobrado por filhote ou cobertura.



A presença de crianças se fez notar, e elas receberam a maioria dos troféus no ato de premiação. Os criadores, provenientes de várias cidades, foram quase todos acompanhados de suas famílias, e as crianças todas vestiam trajes típicos. Isso evidencia a preocupação com manutenção de tradição, expressa não apenas na raça canina de sua predileção.





O valor simbólico do troféu é uma espécie de homenagem aos antepassados. As pessoas com quem conversei costumaram justificar a dedicação ao Ovelheiro pelo fato de ter sido o cachorro de sua infância e por ser uma continuidade da relação que seus pais e avós tinham com esses animais. A escolha por locais permeados de um forte vínculo tradicional parece atuar como elo com o passado. A inserção dos filhos no meio ressalta a intenção de transferência; a cultura do Ovelheiro é um legado que os criadores receberam das gerações anteriores, está além deles temporalmente, em direção ao passado. E para que seus esforços se justifiquem, é necessário que o futuro seja afetado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: HUMANIDADE E ANIMALIDADE

Para Derrida (2002), o animal é antes de tudo a ausência das qualidades humanas. O conceito de "animal" refere-se menos às características próprias desses outros seres do que à ausência do que se convencionou como particularidades humanas, tais como racionalidade, fé, linguagem, moralidade etc. Assim, o conceito de animalidade opera de imediato como um distanciamento do conceito de humanidade.

Alcunhar uma pessoa de animal pode significar atribuir características negativas, como brutalidade, insensibilidade ou rudeza. Por outro lado, a animalidade de alguém também pode significar certas qualidades que seriam próprias do não-humano, como força física, resistência e grande habilidade em determinada tarefa. Nesses discursos, os animais tanto estão abaixo em termos de intelecto e subjetividade, como estão acima nas qualidades ligadas à natureza - sejam elas físicas, como agilidade, sejam em termos de "esperteza", já que ouvem, vêem e olfateiam o que nós, humanos, não conseguimos. Essa admiração pelo espectro superior da sensibilidade animal é bastante presente na fala dos interlocutores, sendo comuns as declarações de que "são mais espertos que gente". Esse tipo de assertiva vem tanto da fala de peões e trabalhadores rurais em geral, quanto das entrevistas com pessoas urbanas possuidoras de educação formal. A animalidade humana é, na fala popular, o decréscimo ou o acréscimo de nossas singularidades, mas sempre um distanciamento do que consideramos de fato humano. Degrau acima ou degrau abaixo, o ser humano "animalesco" não é tão humano. A pulsão sexual, quando centrífuga às convenções sociais, é logo relacionada à animalidade, historicamente como falha, no sentido de incontinência dos impulsos naturais. Hodiernamente uma pessoa "animal" em sua sexualidade pode ter tal característica como virtude, porém igualmente alijada da ortodoxa humanidade. Ter a sexualidade animal, dependendo do ponto de vista, pode ser uma falha moral daquele humano que não tem controle sobre sua volição, sobre sua animalidade; ou então pode ser uma qualidade desejável de quem não se

reprime e se permite expressar sua verdadeira essência, sua essência animal, livre dos grilhões sociais.

Para Keith Tomas (2010) as dissertações eruditas sobre animalidade e humanidade ao longo da história sempre passaram muito acima das mentes das pessoas comuns. Mesmo assim, o comportamento de todos era fundamentado pela distinção central entre homens e animais, consciente ou inconscientemente (p. 48). Esse modelo é, em parte, abalado em grande parte do mundo contemporâneo, com a crescente sensibilidade zoofílica (LEWGOY, *et al.*, 2011). O animal de estimação emerge como um membro da família estendida, um ser a quem são atribuídas características especiais (DIGARD, 1999). A distinção crucial entre humanidade e animalidade é repensada por amplos setores da sociedade, e expressada de maneiras tão diversas como o veganismo, o ativismo em redes sociais e a pressão por novos dispositivos legais que punam os maus-tratos aos animais. Contudo, essas demandas modernas não podem ser entendidas como simples humanização animal. As fronteiras entre nossa espécie e as demais são atenuadas na medida em que se busca estender nossos direitos a outros seres, e ganha escopo quando passamos a compreender cada vez melhor suas funções cognitivas e capacidades sensoriais. Nesse sentido, humaniza-se os animais, mas o fenômeno é mais amplo e apresenta-se também com a ênfase nas diferenças. E aqui temos duas direções na demarcação das assimetrias entre humanos e animais, podendo provisoriamente ser tratadas como *infra* e *supra*. Em termos de *infra* estão as noções de fragilidade e incapacidade de os animais se defenderem das agressões humanas. Isso se observa nas falas das pessoas sobre seus pets, na justificação do tratamento especial que lhes dão, do resgate dos animais abandonados e da exigência de punição a quem os maltrata. Paralelamente, essa noção de inferioridade de capacidade defensiva irá desdobrar-se na concepção de superioridade sentimental dos animais. As assimetrias *supra* em relação ao ser humano são aquelas que os donos ou tutores de pets apontam em um sentido moral. Suas narrativas enfatizam que cães e gatos são dotados de um amor incondicional, são incapazes de trair, são dedicados, generosos e companheiros de uma maneira que uma pessoa não conseguiria. Os discursos que os classificam como melhores do que

humanos são marcantes nas etnografias sobre as relações entre humanos e animais no meio urbano, indicando uma noção de supra-humanidade desses companheiros de espécies diferentes da nossa (PASTORI, 2012).

Se a distinção entre humano e animal fundamenta nosso comportamento, ela não é unívoca, permitindo uma vasta gama de interpretações. Como acima exposto, a ênfase nas diferenças ajuda a referenciar a busca por simetria entre nossa espécie e as demais. É assim, pois, se de um lado temos uma horizontalização ao conferir a não-humanos atributos que seriam próprios de nós mesmos, de outro lado a concepção de que animais são seres especiais e superiores a nós em certos aspectos, bem como inferiores na capacidade de se defender, representa uma ratificação da discrepância entre essências.

Durante a pesquisa de campo realizada para este trabalho, foi possível visualizar a multiplicidade de distinções entre humano e não-humano, ou as diferentes manifestações dessa distinção. No que concerne aos cães, observou-se nas narrativas muita ênfase à amizade, fidelidade e companheirismo caninos, à semelhança de etnografias realizadas no meio urbano (PASTORI, 2012). Uma diferença substancial, contudo, pôde ser observada, e é a concepção dos cães como seres muito espertos, no mínimo tanto quanto os humanos. Em verdade isso não é, propriamente, a grande diferença, mas sim o que decorre daí. Para os produtores rurais que utilizam cães no trabalho de pastoreio, a esperteza pode manifestar-se em velhacaria, traição. A inteligência dos companheiros caninos é uma faca de dois gumes, já que é justamente essa característica que confere ao cão tanta autonomia e capacidade para driblar as regras impostas. Ao transgredir, mais especificamente ao atacar o gado, o cão está cometendo uma traição, na visão dos interlocutores. Isso porque sabe que está fazendo o errado, age às escondidas e ainda costuma ocultar as provas do ato infracional. O modo como os interlocutores lidam com isso é moralizando a questão, considerando o cão infrator um desajustado, que assim o é por falha de caráter. Isso permite que a solução final seja tomada. Como última consequência das falhas de sua personalidade, o cachorro matador de ovelhas é sacrificado. Fundamenta a ação do verdugo não só a proteção ao patrimônio, mas igualmente a

reconfortante ideia de estar apagando um traidor; o supliciado fez o mal, sabendo que era maldade; é ele próprio o mal consubstanciado.

Segundo Keith Thomas (2010), se a essência da humanidade era definida como consistindo em alguma qualidade específica, seguia-se então que qualquer homem que não demonstrasse tal qualidade seria sub-humano ou semianimal (p. 55). Admitindo essa asserção, podemos levantar a questão de que o animal que demonstre certas qualidades possa ser considerado quase-humano ou supra-animal. Com efeito, a aproximação entre humano e animal vem na esteira da comparação, nos discursos dos interlocutores. Ainda para Thomas,

Havia um antigo preconceito quanto a matar animais indispensáveis para o trabalho, a fim de usá-los como alimento: os cavalos, os cães e, em certas partes da Europa, também os bois estavam sujeitos a tal proibição. (...) A ascensão do culto ao rosbife inglês acompanhou bem de perto o declínio do boi como animal de trabalho. (THOMAS, 2010, p. 75).

Em nossa época essas proibições continuam vigentes, diferindo apenas no tocante aos bois. O cidadão que compra um pedaço de carne em um supermercado ou açougue qualquer não vê qualquer problema nisso, evidentemente. Mas as pessoas rurais não costumam comer as vacas leiteiras ou os bois de tração, com os quais tem grande proximidade. Há, em muitos países asiáticos, e também nas Américas houve, segundo os cronistas do período colonial, o hábito de comer cães. Uma possível explicação para essa diferença com relação à Europa é novamente dada por Keith Thomas.

A civilização da Europa medieval seria inconcebível sem o boi e o cavalo. Na verdade, já se calculou que o emprego de animais para carga e tração fornecia ao europeu do século XV uma força motriz cinco vezes superior à de seus contemporâneos chineses. Tal como a sociedade chinesa, as sociedades asteca e inca da América contavam com menos animais que seus conquistadores europeus; foram os espanhóis que introduziram os cavalos, bois, ovelhas e porcos no Novo Mundo (THOMAS, 2010, p. 33).

É válida a conjectura de que os asiáticos e ameríndios comem ou comiam cães por não possuírem o tabu proibitório em relação a animais de

trabalho. Com menos rebanhos de herbívoros domésticos, os cães não tinham uma aplicação prática tão grande como tinham para os pastores caucasianos, que dependiam ou dependem até hoje dos cães para manejar o gado e defendê-lo de lobos e abigeatários. Esse cão trabalhador é dotado de características humanas, como a responsabilidade para com o rebanho. Nesse sentido pode ser considerado um quase-humano ou supra-animal. Comparativamente ao que é chamado de família multiespécie (INGOLD, 1995), no contexto desta pesquisa podemos falar em equipe de trabalho multiespécie. Na relação entre humanos e cães no ambiente pastoril, as expectativas das pessoas extrapolam o âmbito pragmático, já que existe um código de conduta que exige dos cães lealdade, empenho, resistência física e todas as demais características exigidas de um peão humano. O pastoreio depende dos cães, que atuam em simetria (LATOURE, 1994) com os homens; mais que ferramentas, são companheiros de ofício.

Além do cão como companheiro de trabalho, esta pesquisa analisou o Ovelheiro Gaúcho e o fenômeno de reconhecimento da raça. Há uma rede de pessoas, que transitam entre o urbano e o rural, articulada na promoção de um patrimônio cultural sul-rio-grandense, que seria a raça canina em questão. Está em jogo uma ligação afetiva com o Ovelheiro, por ser um animal relacionado à formação familiar dessas pessoas e remeter à ideia de tradição, como elas entendem. Para viabilizar seus objetivos, são necessárias negociações com proprietários desses animais que não veem a cinofilia como uma atividade à qual devam investir tempo e dinheiro, ou a raça como um patrimônio a ser resgatado. Neste processo são ressaltadas qualidades do Ovelheiro que o tornariam único, perfeitamente adaptado ao contexto ambiental e social ao qual está inserido. Essas qualidades são o fruto de uma seleção realizada pelos ancestrais das pessoas envolvidas, dando à criação organizada a dimensão de culto aos antepassados. Essas pessoas esperam que ao Ovelheiro seja dado o devido valor, o que contribuiria não apenas a esse animal, mas igualmente ao *gaúcho*, que estaria com sua representação completa ao agregar o cão e transformar em trio o já celebre duo homem-cavalo.

## 6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Andréa e CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BARBOSA SILVEIRA, Isabella Dias e ZANUSSO, Jerri Teixeira. **Conheça melhor com quem você trabalha: manejo fisiológico de bovinos**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Célibat et condition paysanne. **Études rurales** 5-6, 1962, p. 32-135.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRANCO, Sérgio. **O domínio público no direito autoral brasileiro: Uma obra em domínio público**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.

\_\_\_\_\_. **Diário de campo**. A antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CABRERA, Leonel Pérez. **Patrimonio y arqueología en la región platense**. Montevideo: Universidad de La República, 2011.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Uma incursão pelo lado “não-respeitável” da pesquisa de campo. 1981. **Ciências Sociais Hoje**, Recife, n.1, p.333-353,

CHAVES, Antônio José Gonçalves. **Memórias econômico-políticas sobre a administração pública do Brasil**. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1978.

COLLIER JR., John. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária/Ed. USP, 1973.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. São Paulo, UNESP, 2002.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **MANA**, Ano 4, n. 1, P. 23-45, 1998.

\_\_\_\_\_. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. In: **Horizontes Antropológicos**, vol. 8, n. 18, 2002.

DESPRET, Vinciane. The body we care for: figures of anthro-zoo-genesis. **Body and Society**. Londres: Sage, v. 10, n. 2-3, p. 111-134.

- DIGARD, Jean Pierre. **L'homme et Les Animaux Domestiques: Anthropologie d'une passion.** Paris, Fayard, Les temps des sciences, 1999.
- DOMECQ & CIA, Monte. **O Estado do Rio Grande do Sul.** Barcelona: Thomas, 1916.
- DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.
- FIGUEIREDO, Osório Santana de. **Carreteadas heróicas.** São Gabriel: edição do autor, 2000.
- FIORONE, Fiorenzo *et al.* **Enciclopédia Canina.** Buenos Aires: América Norildis, 1973.
- FONSECA, Claudia. O anonimato no texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia feita em casa. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v.2, n.1-2, 2008.
- FREITAS, Décio. O gaúcho: o mito da produção sem trabalho. In: **RS: cultura & ideologia.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. In: **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GURAN, M. Fotografia e pesquisa antropológica. In: **Caderno de Textos – Antropologia Visual**, Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1986. PP 66-69
- INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. In: **ANPOCS. Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, vol. 10, n. 28, 1995.
- \_\_\_\_\_. **The Skolt Lapps Today.** Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- \_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** São Paulo: Editora 34, 1994.
- LAWRENCE, Elizabeth Atwood. Conflicting Ideologies: Views of animal rights advocates and their Opponents. In: **Society and Animals**, v. 2, n. 2, 1994.
- LEMIESZEK, Cláudio de Leão. **Bagé: novos relatos de sua história.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.
- LEWGOY, Bernardo *et al.* **Projeto de pesquisa: Espelho Animal: Antropologia das Relações entre Humanos e Animais.** Consultado em 12 de novembro de 2011. In: <goo.gl/bJCIS>
- LIMA, Daniel Vaz. **Cada doma é um livro: A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense.** 2015, 146f, Dissertação (Mestrado em Antropologia), ICH, UFPel, Pelotas.

LIMA, Daniel Vaz. **O campeiro e o cavalo na doma**: Um estudo etnográfico sobre a relação entre humanos e animais no pampa Sul-Rio-Grandense. 2013, 46f, Monografia (Bacharelado em Ciências sociais), IFSP, UFPel, Pelotas.

LIMA, Daniel Vaz; BARRETO, Eric. O modo de vida campeiro no pampa sul-riograndense. **Anais do IV EICS** - Encontro Internacional de Ciências Sociais [recurso eletrônico] : espaços públicos, identidades e diferenças, de 18 a 21 de novembro de 2014, Pelotas.

LIMA, Maria Helena Costa Carvalho de Araújo. Relações sociais com gatos e cães: desafios da pesquisa na sociologia animal. In: **XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil**. Teresina: UFPI, 2012.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e lendas do sul**. Porto Alegre: Globo, 1955.

\_\_\_\_\_. **Terra gaúcha**. Porto Alegre: Sulina, 1955.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 3. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MATTOS, Eron Vaz. **Aqui**: memorial em Olhos D'água. Bagé: edição do autor, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. A antropologia e seus compromissos ou responsabilidades éticas. In: FLEISCHER, Soraya, SCHUCH, Patrice (Org.). **Ética e regulamentação na pesquisa antropológica**. Brasília: LetrasLivres, 2010.

PASTORI, Érica Onzi. **Perto e longe do coração selvagem**: Um estudo etnográfico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2012, 106f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PEREIRA; RIETH; KOSBY. Fabíola Mattos; Flávia; Marília. **Inventário Nacional de Referências Culturais – Pecuária, Bagé/ RS (1º fase)**. In: 28º Reunião Brasileira de Antropologia, 2012.

PETONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, p. 99-111, 2008.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos gerais de Bagé**. Porto Alegre: Gundlach, 1940.

PRIMO, Armando Teixeira. **América**: conquista e colonização. Porto Alegre: Movimento, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

RIETH, Flávia ; KOSBY, Marília; SILVA, Liza Bilhalva da; RODRIGUES, Marta Bonow; DOBKE, Pablo; LIMA, Daniel Vaz. **Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS** (volume 3). 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013. v. 1. 356p.

RIETH, Flávia ; RODRIGUES, Marta Bonow; SILVA, Liza Bilhalva da. AS LIDASCAMPEIRAS NA REGIÃO DE BAGÉ/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na invenção da cultura campeira.

**Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da et al. Ética e imagem: relato de um percurso. In: **ANTHROPOLÓGICAS**, ano 13, vol. 20(1+2): p. 263-292 (2009).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

SALEM, Tania. Entrevistando famílias: notas sobre o trabalho de campo. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

SAUTCHUCK, Carlos Emanuel e STOECKLI, Pedro. O que é um humano? Variações da noção de domesticação em Tim Ingold . In: **Anuário Antropológico II**, 2012, 227-246.

SEGATA, Jean. 2012. **Nós e os Outros Humanos, os Animais de Estimação**. [Tese de Doutorado]. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

SILVA, Liza Bilhalva Martins da. **Entre lidas: Um estudo de masculinidades e trabalho campeiro na cidade.. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação de mestrado)**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Mestrado (PPGA). Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2014.

SÜSSEKIND, Felipe. **O rastro da onça: relações entre humanos e animais no Pantanal**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **MANA**, v. 2, n. 2. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1996. P. 115-143.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **El campo y la ciudad**. Buenos Aires: Paidós, 2001.